



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

MAXIMILIANO PABLO GIORGINI

**A PERCEPÇÃO MASCULINA DA VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DOS
RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS E SEUS RECORTES
INTERSECCIONAIS.**

JOÃO PESSOA-PB
2024

MAXIMILIANO PABLO GIORGINI

**A PERCEPÇÃO MASCULINA DA VIOLÊNCIA NO CONTEXTO DOS
RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS E SEUS RECORTES
INTERSECCIONAIS.**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do título de Mestre em Sociologia do
Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro
de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade
Federal da Paraíba.

Orientadora: Profa. Dra. Marcela Zamboni Lucena.

JOÃO PESSOA-PB
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G498p Giorgini, Maximiliano Pablo.

A percepção masculina da violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais e seus recortes interseccionais / Maximiliano Pablo Giorgini. - João Pessoa, 2024.

116 f. : il.

Orientação: Marcela Zamboni Lucena.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Gênero - Violência. 2. Masculinidades. 3. Contextos afetivo-sexuais. 4. Violência - Percepções masculinas. 5. Cisgêneros heterossexuais. I. Lucena, Marcela Zamboni. II. Título.

UFPB/BC

CDU 305:364.632(043)

ATA DA REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA BANCA EXAMINADORA COMPOSTA PARA
AVALIAR **Maximiliano Pablo Giorgini**.

Aos 27 dias do mês de fevereiro de 2024, às horas 14:00 hs., por videoconferência, realizou-se a sessão pública de defesa de dissertação, intitulada: “**A percepção masculina da violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais e seus recortes interseccionais**” apresentada pela(o) discente **Maximiliano Pablo Giorgini**, estando a Comissão Examinadora composta pelos docentes: **Marcela Zamboni (Orientador)**, **Simone Brito (PPGS/UFPB)**, e **Fábio Bezerra (DLEM/PROLING/UFPB)**. Dando início aos trabalhos, a professora **Marcela Zamboni**, na qualidade de Presidente da Comissão, convidou os demais integrantes da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida foi concedida palavra à(o) defendente para expor uma síntese de sua **dissertação** que, após, foi arguida pelos membros da Comissão Examinadora. Encerrados os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final sobre a **dissertação**, à qual foi atribuído o conceito **a p r o v a d o**. A seguir foi encerrada a reunião, devendo a Universidade Federal da Paraíba, de acordo com a Lei, expedir o respectivo Diploma de **MESTRE EM SOCIOLOGIA**.

OBSERVAÇÕES DA BANCA EXAMINADORA



Marcela Zamboni
Orientadora
(PPGS/UFPB)

FábioBezerra
(DLEM/PROLING/UFPB)

Simone Brito
(PPGS/UFPB)

Maximiliano Giorgini
Maximiliano Pablo
Giorgini
Defendente

DEDICATÓRIA

A Gislane Luiza Herval Cerqueira, vítima de um feminicida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus pais que me ensinaram a não desistir, ao programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPB pela possibilidade de concretizar este sonho, a minha amiga Helena por sua ajuda incondicional nos momentos difíceis e a minha orientadora Marcela Zamboni por sua dedicação e profissionalismo.

EPÍGRAFE

*“Cuando los erales sueñan verónicas de alhelí”
Federico García Lorca
Romancero Gitano: Muerte de Antoñito el Camborio.*

RESUMO

A violência de gênero é uma circunstância descrita por alguns autores, como um dos fenômenos sociais mais democráticos que assolam as sociedades contemporâneas, é um acontecimento presente em todos os segmentos sociais que não distingue raça, etnia, religião, grupos de idade, classes sociais ou qualquer outro marcador social da diferença. É neste contexto que se insere nossa pesquisa, que é um estudo sobre as percepções masculinas da violência que se produzem a partir dos relacionamentos afetivo-sexuais cisgêneros heterossexuais. Nosso objetivo geral foi analisar as reflexões e práticas que constroem e desenvolvem os homens cisgêneros, pertencentes aos setores populares, surgidas em função desses relacionamentos, utilizando como unidade de análise empírica o bairro recifense de Água Fria. O percurso teórico-metodológico do trabalho foi efetuado a partir de uma abordagem socioantropológica interpretativa, interseccional e descolonial, de caráter etnográfico; deste modo, utilizamos os recursos do método de pesquisa qualitativo, como as entrevistas semiestruturadas e as observações participantes. O trabalho de campo foi analisado com informações concernentes às pesquisas que abordam problemáticas similares à nossa, procurando um diálogo reflexivo entre estas investigações e nosso trabalho. Entre os achados que consideramos relevantes, encontram-se em primeiro lugar o fato que para nossos sujeitos de estudo os relacionamentos afetivo-sexuais construídos na atualidade são caracterizados de formas pejorativas, em relação aos relacionamentos concebidos em épocas passadas, os quais são descritos positivamente e romantizados; em segundo lugar, que os modos de significar a masculinidade e a feminilidade nestes contextos continuam sendo de acordo com paradigmas tradicionais, onde cada gênero desenvolve funções específicas, os homens são os provedores dos recursos da família e as mulheres ocupam-se dos labores do lar; e, finalmente, o terceiro fato que consideramos relevante neste trabalho é que para nossos entrevistados a violência nas relações afetivo-sexuais é um fenômeno bidirecionado, caracterizado por agressões físicas, verbais e psicológicas que partem de ambos gêneros.

Palavras-chaves: Masculinidades, Violência de Gênero, Contextos Afetivo-sexuais.

ABTRACT

Gender violence is a circumstance described by some authors as one of the most democratic social phenomena that plague contemporary societies. It is an event present in all social segments that does not distinguish race, ethnicity, religion, age groups, social classes or any other social marker of difference. It is in this context that our research is inserted, which is a study on male perceptions of violence that occur from cisgender heterosexual affective-sexual relationships. Our general objective was to analyze the reflections and practices that construct and develop cisgender men, belonging to the popular sectors, arising as a result of these relationships, using the Recife neighborhood of Água Fria as a unit of empirical analysis. The theoretical-methodological path of the work was carried out based on an interpretative, intersectional and decolonial socio-anthropological approach, of an ethnographic nature, in this way, we used the resources of the qualitative research method, such as semi-structured interviews and participant observations. Fieldwork was carried out simultaneously with information regarding research that addresses issues similar to ours, seeking a reflective dialogue between these investigations and our work. Among the findings that we consider relevant are, firstly, the fact that for our study subjects, the affective-sexual relationships constructed today are characterized in pejorative ways, in relation to relationships conceived in past times, which are described positively and romanticized; secondly, that the ways of meaning masculinity and femininity in these contexts continue to be in accordance with traditional paradigms, where each gender develops specific functions. Men are the providers of family resources and women take care of household chores; and finally, the third fact that we consider relevant in this work is that for our interviewees, violence in affective-sexual relationships is a two-way phenomenon, characterized by physical, verbal and psychological aggression that comes from both genders.

Keywords: Masculinities, Gender Violence, Affective-sexual Contexts.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Categorias que atravessam nosso problema de pesquisa	22
Quadro 02 - Perfil Sociodemográfico dos sujeitos de estudo.....	39

LISTA DE SIGLAS

CAM – Centro de atenção à mulher.

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

FBSP – Foro Brasileiro de Segurança Pública.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

ONGs – Organizações não governamentais.

SEGTES – Secretaria Executiva de Gestão no Trabalho e Educação na Saúde.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I AS CATEGORIAS IMPLÍCITAS NO PROBLEMA DE PESQUISA	
1. A perspectiva interseccional descolonial	22
2. Gênero, classes sociais, raça e etnia.....	25
3. Violência	29
4. Práticas afetivo-sexuais	29
CAPÍTULO II CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	
1. Sociologia interpretativa	31
2. Referente empírico	35
3. Local de pesquisa	37
4. Perfil sociodemográfico dos sujeitos de estudo	38
CAPÍTULO III: SOBRE OS RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS	
1. As definições e características dos relacionamentos afetivo-sexuais.....	41
2. Quem ensina o que são, e o que caracterizam os relacionamentos afetivo-sexuais?	44
3. Os relacionamentos afetivo-sexuais hoje e suas diferenças com os de tempos passados	47
4. As estratégias para aprimorar os relacionamentos afetivo-sexuais.....	54
5. Relacionamentos cishomoafetivos e relações não cisgêneros.....	57
CAPÍTULO IV: SOBRE HOMENS E MULHERES CISGÊNEROS	
1. A definição e as características dos homens e mulheres cisgêneros no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais	61
2. Os relacionamentos afetivo-sexuais ideais	68
3. Sobre aflições e mágoas nos relacionamentos afetivo-sexuais.....	71
4. As diversidades do gênero: transgêneros e cisgêneros.....	76
CAPÍTULO V: SOBRE A VIOLÊNCIA	
1. Sobre as significações da violência em geral	79
2. Sobre as significações da violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais.....	81
3. O germe da violência: as razões e causas das circunstâncias violentas para nossos sujeitos de estudo	86
4. O antídoto para a violência segundo nossos sujeitos de estudo.....	91
5. A pedagogia da violência: onde se aprende e quem ensina a ser violento para nossos entrevistados	95
6. A dimensão da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais ao longo do tempo	98
7. A lei Maria da Penha.....	101
8. Testemunhos da prática violenta em relacionamentos afetivo-sexuais.....	105
9. Relacionamentos cishomoafetivos e cisheteroafetivos	106
APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS	109
REFERÊNCIAS.....	112

INTRODUÇÃO

O tema selecionado para nossa pesquisa é a violência de gênero nos relacionamentos afetivo-sexuais. No Brasil, as agressões suscitadas neste contexto apresentam a maioria das vezes as mulheres como vítimas. Esta circunstância, como descreve a investigação intitulada “A violência contra a mulher em Maceió: perfil dos agressores”, é um fato que “acontece em todas as classes sociais, em todas as gerações, em todas as raças e etnias, em todos os lugares” (Mesquita, 2016, p. 247).

A partir deste fenômeno social, surge um considerável número de investigações, que conforme descrito no trabalho “Homicídio Afetivo-conjugal sob a lente dos operadores jurídicos”, de Marcela Zamboni e Helma Oliveira (2016), ocupam um lugar de destaque nas ciências sociais a partir da década de 1980, constituindo-se hoje como um tema da atualidade.

Pesquisas recentes, como, por exemplo, a realizada pelo Datafolha e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, indicam que “1 em cada 4 mulheres brasileiras (24,4%) acima de 16 anos afirmam ter sofrido algum tipo de agressão nos últimos 12 meses” (Bueno *et. al.*, 2021, p. 247), e que, na maioria destes episódios, o agressor é um homem pertencente ao círculo íntimo da vítima, rotulado como esposo, namorado, companheiro, pai ou irmão, entre outros indivíduos próximos das mulheres afetadas. Outras investigações, como a elaborada por Andrea Mesquita (2016), revelam que, geralmente, são familiares próximos os responsáveis pelos atos violentos que sofrem as mulheres, e que a maioria deles acontecem no lar, demonstrando o caráter perverso destes tipos de agressões, uma vez que o âmbito familiar é considerado um espaço de acolhida para elas. Em sintonia com as investigações citadas, o trabalho intitulado “Gênero, Patriarcado e Violência”, de Heleieth Saffioti (2015), menciona que raramente as mulheres violentadas, sejam crianças, adolescentes, adultas ou idosas, são agredidas por homens desconhecidos, sendo a maioria das vezes familiares diretos.

Em referência ao estado da arte do tema escolhido, encontramos diversos trabalhos que nos inspiraram e guiaram na elaboração de nossa problemática de estudo, dos objetivos que fazem parte desta investigação e das análises do material etnográfico. A maioria destas investigações pertencem ao âmbito das ciências sociais e apresentam como tema de estudo as relações violentas entre gêneros.

Deste modo, analisamos um conjunto de pesquisas selecionadas a partir de critérios específicos, o principal deles é que abordem temas referidos à violência de

gênero, em referência a este pré-requisito, notamos a existência de uma ampla bibliografia, razão pela qual afunilamos nossas leituras, focando nosso interesse apenas em trabalhos que pertencem ao campo das ciências sociais, destacando-se entre eles os elaborados a partir dos enfoques epistemológicos, sociológico, antropológico e psicológico

Dentro destas pesquisas, priorizamos aquelas que configuram suas problemáticas utilizando homens como sujeitos de estudo; alguns dos pontos a destacar nestas investigações, é que na maioria delas, eles têm sido escolhidos a partir de disposições jurídicas, geralmente relacionadas com a Lei Maria da Penha, deste modo muitos dos trabalhos analisados, foram realizados com grupos reflexivos de indivíduos denunciados, conforme as prerrogativas desta lei. Outras investigações exibem como sujeitos de análises homens detentos no CAM ou processados por agredir mulheres.

São diversas as informações que consideramos importante destacar, relacionadas com as investigações que fazem parte do estado da arte de nosso trabalho: a primeira delas é que nenhuma das investigações examinadas, explicita as distinções e variedades relativas ao gênero, caindo no tradicional binarismo homem/mulher; em segundo lugar, algumas das pesquisas analisadas, descrevem que um significativo número de homens que participaram das mesmas, se considera vítima das circunstâncias pelas quais são julgados, minimizando acontecimentos violentos e banalizando agressões; em terceiro lugar, outro dado importante que merece ser destacado é que a maioria destas investigações, apontam como principal responsável das agressões que sofrem as mulheres, o modelo de masculinidade hegemônica, que como descreve a investigação intitulada “Homem é homem: narrativas sobre gênero e violência em um grupo reflexivo com homens denunciados por crimes da Lei Maria da Penha”, de Isabela Oliveira (2016), ficou obsoleto perante as mudanças culturais contemporâneas.

No Brasil os debates referidos às relações de gêneros, dentro dos quais destacam-se os referidos à violência, ganham força a partir de 1975. Como descreve o trabalho “A quarta onda feminista” de Olivia Pérez e Arlene Ricoldi (2018), esse é o ano proclamado “Das Mulheres”, no qual intensificaram-se as demandas insatisfeitas das mesmas, surgindo uma série de investigações denominadas “estudos de gênero”, onde adquirem relevância os trabalhos de sociólogas feministas como Heleieth Saffioti (2001), empenhadas em demonstrar, como explica o artigo “Feminismo e marxismo” de Cecília Toledo (2017), que a opressão da mulher é um fenômeno histórico e cultural.

As investigações de Heleieth Saffioti, fizeram aportes significativos aos estudos que abordam problemáticas referidas à violência de gênero, destacando-se suas reflexões e críticas ao patriarcado. Em sua pesquisa intitulada “Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero” (2001), a autora denunciava que a cultura patriarcal atravessava todas as sociedades contemporâneas, erguendo estruturas de poder por meio das quais as mulheres são submetidas e violentadas. Como explica o artigo “Práxis feminista no Brasil: a presença de Heleieth Saffioti nos estudos e nas lutas no Brasil”, de Tita Carneiro e Maira Mano (2004), são os trabalhos dela que lançam no Brasil as bases para uma teoria que considera as relações entre sexo, raça e classe, indispensáveis para refletir sobre as desigualdades sociais. A esta autora somam-lhe as reflexões de Lélia Gonzalez (2020), que na pesquisa intitulada “Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos”, manifestava que no Brasil, os fatos sociais devem ser analisados a partir das articulações entre as categorias raça, classe, sexo e poder, por meio das quais desmascaram-se estruturas de dominação.

Tão importante como Heleieth Saffioti (2001) e Lélia Gonzalez (2020) para os estudos que analisam problemáticas referentes à violência de gênero, é a historiadora americana Joan Scott (1995). Seus aportes a este campo são reconhecidos a partir da década de 1980, e radicam em primeiro lugar o modo de definir o gênero. Em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”, Joan Scott (1995), descreve que este é um conceito que apresenta como característica principal, o fato de levar implícitas relações de poder construídas historicamente, que excedem caracteres biológicos. Outro de seus aportes destacados, é a indicação para abordar o gênero de forma relacional, deste modo, os estudos sobre mulheres devem contemplar necessariamente os dos homens e vice-versa.

Para temas referidos à violência de gênero, a década de 1990 foi determinante, como mencionam Olivia Pérez e Arlene Riboldi (2019), nestes anos multiplicam-se as ONGs e os movimentos sociais, dentro dos quais destacam-se as organizações feministas, que entre outras atividades denunciavam as assimetrias dos gêneros em detrimento das mulheres e os diferentes tipos de violência sofridas por elas.

Com este pano de fundo, no Brasil foi construído o campo de estudo dedicado às masculinidades, que foca suas análises nas desigualdades entre gêneros e os diferentes tipos de violências que surgem destas. Dado o âmbito das masculinidades, que é onde se inscreve nossa problemática de investigação, analisamos os autores clássicos que trabalham este tema. Entre eles destaca-se Raewyn Connell (2013), que desenvolve o

conceito de masculinidade hegemônica, inspirado nos trabalhos de Antonio Gramsci (2002). No artigo “Masculinidades hegemônicas: repensando o conceito”, este termo é definido por Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013), como um padrão de práticas por meio das quais se faz efetiva a dominação das mulheres e daqueles grupos de homens que apresentam um tipo de masculinidade denominada subordinada.

Desenvolvendo a mesma linha reflexiva que Raewyn Connell e James Messerschmidt (2013), no livro “Senhores de si: uma representação antropológica da realidade”, de Miguel Vale De Almeida (1995) apud Sandra Coelho Freitas e Cássia Carloto (2007), o autor considera que a característica principal da masculinidade hegemônica é o controle das mulheres. Em sintonia com esses pressupostos, um trabalho indispensável para abordar temas referidos à masculinidade é a investigação intitulada, “A construção da masculinidade e a tríade da violência”, de Michael Kaufman (1987) apud José da Silva “Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem” (2014), que desenvolve a denominada teoria vitimista. Este autor descreve os três modos por meio dos quais a masculinidade hegemônica atinge à sociedade: primeiramente a masculinidade hegemônica volta-se contra as mulheres, em segundo lugar, volta-se contra os homens que não a praticam; e por fim, em terceiro lugar volta-se contra si mesma. Por esta última característica que se denomina teoria vitimista.

Estes autores clássicos desenvolveram a maioria de suas investigações, a partir das relações entre masculinidade e violência. Muitos de seus conceitos são utilizados na atualidade, como, por exemplo, o de masculinidade hegemônica, que como especifica o livro intitulado “Homem não tece a dor”, de Berenice Bento (2015), é empregado para designar um modelo de masculinidade que exalta a virilidade, a posse, o poder, a violência e a competitividade entre homens.

No Brasil até os últimos anos da década de 1980, como detalha o artigo “As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s)”, de Marcio Ferreira de Souza (2009), as investigações referidas às masculinidades, encontravam-se restritas à sexualidade e reprodução, estas pesquisas ganham novos horizontes, referidos à paternidade e outras circunstâncias, entre elas a violência de gênero. Surgem assim trabalhos como “O Mito da Masculinidade”, de Sócrates Nolasco (1993), que pesquisa as práticas e os modos de identificar-se que apresentam certos grupos de homens e suas relações com a violência.

Nos anos 2000, surgem pesquisas como a intitulada “Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades”, de Benedito Medrado e Jorge Lyra (2008), que exploram às masculinidades a partir de uma matriz teórica que dialoga com produções feministas. A utilização desta matriz teórica feminista do gênero para abordar problemáticas referidas à masculinidade, é um ponto que merece ser destacado. Como descreve a investigação intitulada “Homem é homem: narrativas sobre gênero e violência em um grupo reflexivo com homens denunciados por crimes da Lei Maria da Penha”, de Isabela Oliveira (2016), esta abordagem permite articular feminismo e masculinidade na análise dos fenômenos sociais.

As demandas da sociedade brasileira em prol do fim da violência de gênero intensificaram-se nos últimos anos, incentivando a produção de investigações relacionadas com esta problemática, muitas delas nos auxiliaram na resolução de dúvidas e dificuldades teórico-metodológicas que atravessaram nosso percurso de investigação.

Nesta análise bibliográfica percebemos um considerável número de investigações que desenvolvem problemáticas referidas à violência de gênero, apontando a necessidade de acrescentar pesquisas que apresentem como sujeitos de estudo os homens. Em referência a esta circunstância, Isabela Oliveira (2016), menciona que frequentemente as problemáticas que abordam à violência de gênero, descrevem e analisam aos homens violentos, desde as subjetividades de suas companheiras ou pelas verbalizações dos profissionais pertencentes aos serviços de atendimentos às vítimas, que sempre são mulheres.

Nos últimos anos, as pesquisas que constroem suas problemáticas tomando como sujeitos de estudo os homens se incrementaram, no entanto, muitos trabalhos que examinamos manifestaram a necessidade de explorar diretamente as reflexões dos homens. O trabalho intitulado “Violência doméstica por homens detidos na delegacia da mulher de Belém”, de Adelma Pimentel (2010), manifesta que ainda são poucas as investigações que envolvem homens como sujeitos de estudo em casos de violência conjugal no Brasil; a mesma linha reflexiva segue a pesquisa intitulada “A violência conjugal na perspectiva de homens denunciados por suas parceiras”, elaborada por Miriam Cortez e Lídio Souza (2010), os quais percebem que a maioria dos trabalhos sobre esta problemática, apresentam como sujeitos de estudo as mulheres; e por último, aderindo a esta crítica, a investigação “Masculinidades no juizado de violência doméstica e familiar contra a mulher: performances em cena”, de Jullyane Brasilino, manifesta a necessidade de ouvir os homens sobre este fato, segundo esta autora eles:

...também devem ser ouvidos. Contudo, considerar a voz dos homens na problemática da violência contra a mulher é algo pouco difundido que cria várias polêmicas. Ressaltamos a necessidade de envolver os homens na discussão da violência contra as mulheres, porque, sendo a violência um fenômeno relacional, eles também são importantes nessas discussões. (Brasilino, 2010, p. 39).

Deste modo, considerando as informações fornecidas pelos trabalhos analisados que tomam a violência de gênero como tema de estudo, construímos nosso problema de pesquisa que consiste em descrever e analisar, desde uma perspectiva socioantropológica, interseccional e descolonial, as significações e práticas que constroem e desenvolvem um grupo de homens cisgêneros, pertencentes aos setores populares do bairro recifense de Água Fria, em referência à violência surgida no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais cisheterossexuais.

A relevância da problemática da pesquisa construída consiste em três pontos: o primeiro deles contribui com informações referidas às práticas e reflexões de homens cisgêneros, relacionadas com a violência surgida no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais com mulheres cisgêneros; o segundo ponto, é que por meio da utilização da categoria cisgênero fazemos explícita a diversidade sexual e de gêneros na sociedade brasileira contemporânea, como explica o artigo intitulado “Heterocentrismo e ciscentrismo: crença de superioridade sobre orientação sexual, sexo e gênero”, de Ícaro Gaspodini e Jaqueline de Jesus (2020), pois, quando este conceito é invisibilizado, estigmatizam-se as pessoas transgênero e intersexo; o terceiro e último dos pontos relevantes desta problemática, é sua abordagem interseccional e descolonial; é interseccional porque analisa as relações entre os marcadores sociais da diferença que atravessam o problema de estudo, e é descolonial porque como descreve o trabalho intitulado “A questão do gênero numa perspectiva descolonial”, de Gabriella Mendes e Alexandre da Fonseca (2020), aspira superar o binômio modernidade/colonialidade, incluindo categorias e autores surgidos nas periferias epistemológicas.

Para resolver o problema de pesquisa e atingir nosso objetivo geral que visa analisar as masculinidades, construímos três objetivos específicos: o primeiro deles consiste em descrever e analisar os modos em que nossos sujeitos de estudo significam os relacionamentos afetivo-sexuais, por meio deste objetivo exploramos as formas em que nossos entrevistados se representam e classificam as práticas afetivo-sexuais; o segundo objetivo específico consiste na descrição e análise dos modos em que nossos

entrevistados constroem os conceitos de masculinidade e feminilidade no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais, indagando os atributos e especificidades dos mesmos; por último, o terceiro objetivo específico consiste em descrever e analisar as formas em que os indivíduos que participaram desta pesquisa conceitualizam e classificam a violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais.

Este trabalho encontra-se dividido em cinco capítulos: no primeiro deles, intitulado “As categorias implícitas no problema de pesquisa”, são definidas as categorias teóricas que atravessam nossa problemática de estudo; no capítulo número dois chamado “Considerações teórico-metodológicas”, fazem-se explícitos os aspectos teórico-metodológicos do trabalho, finalizando com o perfil sociodemográfico de nossos sujeitos de estudo.

Os capítulos restantes desenvolveram-se em função dos objetivos específicos de nossa investigação. Deste modo o capítulo número três, chamado “Sobre os relacionamentos afetivo-sexuais” está dividido em cinco pontos; o primeiro deles refere-se aos modos em que nossos sujeitos de estudo significam os relacionamentos afetivo-sexuais; no segundo item são descritas e analisadas as fontes de informação através das quais os indivíduos que participaram desta pesquisa constroem estes significados; no terceiro ponto analisamos as similitudes e diferenças entre os relacionamentos afetivo-sexuais na atualidade e os de tempos passados; o quarto item está relacionado às descrições e análises das estratégias mencionadas por nossos sujeitos de estudo, destinadas a melhorar estes tipos de relacionamentos; e por último no quinto ponto deste capítulo, exploramos as opiniões dos homens que participaram deste trabalho, referentes aos relacionamentos homoafetivos.

O quarto capítulo, intitulado “Sobre homens e mulheres cisgêneros”, encontra-se dividido em quatro pontos; no primeiro deles descrevemos e analisamos os modos em que nossos sujeitos de estudo se representam e caracterizam os homens e mulheres cisgêneros que constroem os relacionamentos afetivo-sexuais; no segundo item do capítulo analisamos as reflexões dos homens que participaram desta pesquisa, sobre as possibilidades de construir relacionamentos afetivo-sexuais ideais e saudáveis, e quais características possuem; o terceiro ponto descreve e examina quais são os comportamentos que segundo nossos entrevistados deterioram estes tipos de relacionamentos; e por último, no quarto item sondamos as subjetividades de nossos sujeitos de estudo, sobre o que entendem por transgênero e cisgênero, dois termos

fundamentais para analisar os fenômenos relacionados aos relacionamentos afetivo-sexuais.

O quinto capítulo, chamado “Sobre a violência” encontra-se dividido em nove itens; no primeiro descrevemos e analisamos os modos em que nossos sujeitos de estudo significam a violência de modo geral; no segundo ponto examinamos como nossos entrevistados definem e caracterizam a violência surgida no contexto específico dos relacionamentos afetivo-sexuais; no terceiro item analisamos as razões argumentadas por nossos sujeitos de estudo, relacionadas com as agressões que acontecem nestes tipos de relacionamentos; no quarto ponto indagamos quais seriam para os homens que participaram desta investigação, as soluções destinadas a diminuir e finalizar este tipo de violência; no quinto item indagamos nossos entrevistados sobre onde se aprendem e quem ensina as práticas violentas desenvolvidas nestes tipos de relacionamentos; no sexto ponto do capítulo, descrevemos e analisamos se para nossos sujeitos de estudo os relacionamentos atuais são mais ou menos violentos que os de tempos passados; no sétimo item examinamos as reflexões de nossos entrevistados relacionadas à Lei nº 11.340 Maria da Penha; no oitavo ponto indagamos se os participantes da pesquisa já foram testemunhas de agressões entre casais e se em alguns momentos de suas trajetórias afetivo-sexuais, foram violentos com algumas de suas companheiras; e por último no nono item, examinamos que tipo de relacionamento afetivo-sexual é mais violento para nossos sujeitos de estudo, se os cisheteroafetivos ou os homoafetivos, sejam estes últimos cisgêneros ou não.

Finalmente, os últimos dois pontos desta pesquisa são as aproximações conclusivas e as referências bibliográficas.

Durante o processo investigativo, sofremos alguns inconvenientes, o principal deles está relacionado com nosso referente empírico. Como estratégia para ter acesso a nossos sujeitos de estudo, tomamos o bairro recifense de Água Fria como unidade de análise e escolhemos a Clínica Salomão Kelner como espaço físico para efetuar nossas entrevistas. Deste modo, como condição para desenvolver nosso trabalho de campo nesta clínica, tivemos que pedir uma “carta de anuência” à Secretaria Executiva de Gestão no Trabalho e Educação na Saúde – SEGTES. Quando finalmente foi emitida a carta, enviamos ela para a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, que após avaliar o projeto, aprova ou desaprova o mesmo. Infelizmente, durante vários dias o site da CONEP ficou off-line, atrasando o início da pesquisa. Quando finalmente conseguimos

ter acesso a ele, por motivos que não conhecemos, nosso projeto não foi avaliado e continuou em processo de análise.

Deste modo, por motivos de tempo desistimos da Clínica Salomão Kelner como local específico de pesquisa, e passamos a efetuar as entrevistas em diversos locais no bairro recifense de Água Fria com homens que trabalhavam no mesmo, aos quais conhecíamos e tínhamos certa intimidade, este fato foi utilizado como estratégia para aprimorar o conteúdo das entrevistas e não houve inconvenientes na realização das mesmas.

Depois desta introdução passaremos a desenvolver o capítulo número um de nossa pesquisa onde se definem as principais categorias teóricas que atravessam nosso problema de investigação.

CAPÍTULO I: DEFINIÇÃO DAS CATEGORIAS IMPLÍCITAS NO PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa que propomos, tem sido elaborado a partir de um conjunto de categorias, que relacionadas entre si, conformam e delimitam uma situação concreta para ser investigada. Em forma de quadro, estas categorias são as seguintes:

Quadro 01:

1- INTERSECCIONALIDADE DESCOLONIAL	2- PÁTICAS AFETIVO-SEXUAIS
3- GÊNERO	4- VIOLÊNCIA
5- RAÇA/ETNIA	6- SETORES POPULARES

Estes termos, hierarquizados durante a construção de nosso objeto de estudo, constituem-se como os principais referentes conceituais de nosso trabalho. Suas definições apresentam uma lógica sistêmica, por meio da qual é possível analisá-las de modo relacional. Deste modo, no decorrer das nossas discussões empreendidas nesta seção definiremos cada um desses conceitos.

1. A perspectiva interseccional descolonial.

A perspectiva interseccional descolonial forma parte do arcabouço teórico de nossa investigação. É interseccional porque aborda nosso objeto de estudo de modo relacional, construído a partir de marcadores sociais da diferença interligados, que conformam sistemas de subordinação. Um exemplo concreto desta abordagem teórica é descrito no livro intitulado “Feminismo Negro”, de Patrícia Collins (2019), para quem as relações entre os conceitos de raça, classe, gênero, sexualidade, nação, idade e etnia, entre outros, são determinantes para analisar os fatos sociais. É descolonial porque, como menciona o artigo “Pedagogia descolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil”, de Luiz de Oliveira (2010) apud Gabriele Mendes e Alexandre Fonseca (2020), deriva de uma perspectiva teórica crítica que aspira construir um projeto teórico com

capacidade de contrapor-se às tendências acadêmicas hegemônicas na construção do conhecimento histórico e social.

A interseccionalidade é um conceito que como menciona o artigo “Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade”, de Gabriela Kyrillo (2020), foi nomeado pela primeira vez por Kimberlé Crenshaw em 1989, e desenvolvido nos anos seguintes. Para Crenshaw a interseccionalidade:

...busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos de subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios, criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p. 177).

Este termo converteu-se em um reconhecido conceito analítico, destinado à avaliação de circunstâncias nas quais operam categorias teóricas em paralelo. Consideramos necessário ressaltar que este conceito começa a traçar sua trajetória teórica a partir de movimentos sociais, trinta anos antes de ser citado pela primeira vez. Deste modo, a interseccionalidade “antes de ser mencionada na academia por Kimberle Crenshaw, já era parte da práxis de um grande número de pessoas e grupos que militavam por acesso a direitos e pela eliminação das desigualdades sociais” (Kyrillos, 2020, p. 8).

Em relação a este fato, conforme é descrito no trabalho intitulado “Interseccionalidade”, de Patricia Collins e Sirma Bilge (2021), as ideais centrais da interseccionalidade, surgem do feminismo negro, onde em finais dos anos 1960, nos movimentos sociais como o “Black Power”, as mulheres negras lutavam por seus direitos civis, que por questões raciais eram negados, porém dentro desses movimentos, as mulheres estavam subordinadas aos homens, apesar de sua igualdade nominal. Isto constituía um problema diferente daquele que experimentavam por razões raciais, étnicas ou de classe; deste modo surge a necessidade de inserir o gênero como categoria indispensável para abordar estes tipos de situações.

No Brasil, os ensaios de Lélia González (2020), antes que Kimberlé Crenshaw nomeasse pela primeira vez a palavra interseccionalidade, já contemplavam as análises dos fenômenos sociais a partir desta perspectiva relacional, à qual agregava certas particularidades, como, por exemplo, uma abordagem psicanalítica, onde Lélia González (2020) descrevia a neurose brasileira que encobre e nega o racismo. Esta autora criticou

também os movimentos de esquerda, que insistiam em considerar a classe social como categoria determinante para abordar os fenômenos sociais, negando-se a incorporar em suas análises outras, como as de raça e gênero.

Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro (2003) são outras autoras que precisam ser destacadas nas abordagens interseccionais. Beatriz Nascimento teve sua trajetória intelectual interrompida por seu assassinato:

...ao tentar ajudar uma mulher vítima de violência doméstica, Beatriz Nascimento, historiadora, deixou em seu legado a maneira de se pensar sexismo e racismo dentro de uma lógica social, a partir dos quilombos antigos e atuais. Beatriz Nascimento tornou-se estudiosa das temáticas relacionadas ao racismo e aos quilombos, problematizando a correlação entre os marcadores de corporeidade negra e espaço a partir da diáspora dos africanos e descendentes em terras brasileiras, criando categorias como transmigração e transatlanticidade (Assis, 2019, p. 35).

Por sua vez, Sueli Carneiro (2003), referente do feminismo negro, no texto intitulado “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”, propõe que ao analisar os fatos sociais desde uma perspectiva feminista, é necessário considerar que a categoria gênero não pode estar separada de outros marcadores sociais da diferença como a raça, uma vez que o racismo hierarquiza a própria leitura sobre gênero.

São numerosos os trabalhos subsequentes ao surgimento nominal da interseccionalidade que utilizaram e aprimoraram este termo, descrevendo e analisando as relações interconectadas entre conceitos que atravessam as problemáticas de investigação em diferentes disciplinas, assim foram aparecendo outros termos, como por exemplo, o de matriz de dominação de Patrícia Collins (2019):

...uso ambos os termos e faço uma distinção entre eles. A ideia de interseccionalidade se refere a formas particulares de opressão interseccional, por exemplo, intersecções entre raça e gênero, ou entre sexualidade e nação. Os paradigmas interseccionais nos lembram que a opressão não é redutível a um tipo fundamental, e que as formas de opressão agem conjuntamente na produção da injustiça. Em contrapartida, a ideia de matriz de dominação se refere ao modo como essas intersecções são de fato organizadas (Collins, 2019, p. 65).

Na atualidade no Brasil a interseccionalidade é trabalhada por diversos investigadores, entre eles Carla Akotirene (2019), que aborda essa categoria visando uma perspectiva descolonial. Em seu livro intitulado “Interseccionalidade”, descreve este conceito como um sistema de opressão interligado que “visa dar uma instrumentalidade

teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (Akotirene, 2019, p. 14). Por meio desta instrumentalidade é possível elucidar a matriz colonial moderna de opressão, que submete a diferentes grupos sociais a partir de elementos distintivos, tais como gênero, raça, classe, orientação sexual, idade ou qualquer outro caráter diferencial, que instigado pelos sistemas opressores contemporâneos, converter-se em um marcador social da diferença, segregador e discriminador.

A abordagem interseccional descolonial, plasmada nas concepções teóricas de autores como Akotirene (2019), estimulam o pensamento crítico, evitando o essencialismo de epistemologias hegemônicas que provocam erros metodológicos, como por exemplo, a submissão entre categorias. A autora exalta:

A amefricanidade proposta por Lélia González, na década de 1980 e, em seguida, a abordagem descolonial, consolidada nos anos 2000 de modo cabal, através de Maria Lugones, pensadora argentina, criticam a postura missionária da civilização ocidental, metodologicamente interseccionam as estruturas de raça, gênero, sexualidade, imperialismo e monopólio epistêmico ocidental. (op. cit.: p. 21).

A perspectiva teórica desta autora, matizada pelos pressupostos teóricos de Patricia Collins (2019) e Lélia Gonzalez (2020), é um exemplo de como incluímos à abordagem interseccional descolonial em nossa pesquisa, analisando de modo relacional as categorias teóricas que atravessam nosso objeto de estudo, tais como raça, gênero, classe e sexualidade, entre outras; refletindo criticamente sobre a incidência de determinismos conceituais construídos pelas epistemologias hegemônicas.

2. Gênero, classe, raça e etnia.

Colocamos gênero, classe, raça e etnia em um mesmo item porque consideramos que de suas intersecções, surgem as principais formas de opressão no Brasil.

Conforme descrito no livro intitulado “Transfeminismo” de Letícia Nascimento, “concebemos o gênero como um conceito em disputa” (Nascimento, 2021, p. 25), que apresenta marcas históricas e políticas, que abordaremos de modo relacional e descolonial.

O gênero é um conceito histórico que foi transformando-se ao longo do tempo, produto de mudanças sociais, principalmente daquelas ligadas à sexualidade, até adquirir

suas nomenclaturas atuais. Como descreve o artigo “Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade”, de Marco Prado e Federico Machado (2008) apud Ícaro Gaspodini e Jaqueline de Jesus (2020), ao longo do tempo foram diversos os modelos que classificaram a sexualidade e o gênero, criando numerosas controvérsias, muitas delas tornaram-se obsoletas na atualidade, porém como reflete Letícia Nascimento, ainda “circulam discursos bioessentialistas que buscam condicionar o gênero aos aspectos anatômicos de diferenciação sexual” (NASCIMENTO, 2021, p. 27).

Nesta pesquisa tomamos como modelo de análise o da diversidade sexual, que amplia as concepções de gênero e orientação sexual. Deste modo definimos orientação sexual conforme o princípio de Yogyakarta (2017) apud Gaspodini e De Jesus (2020), como a disposição emocional, afetiva ou sexual que acontece entre indivíduos de gêneros diferentes, do mesmo gênero ou de mais um gênero; e por identidade de gênero, as experiências individuais vividas pelas pessoas que podem ou não corresponder com o sexo de nascimento, podendo modificar-se tanto em sua aparência morfológica, como em seu funcionamento fisiológico, se assim for escolhido.

O gênero é político porque como menciona Heleieth Safiotti (2015), é um conceito que se caracteriza principalmente pelas relações de poder que levam implícitas, neste sentido como descreve Joan Scott (1995), nas sociedades contemporâneas, este termo repousa na conexão de duas proposições: primeiramente é um elemento constituído de relações sociais, e em segundo lugar é um conceito que dá significado a relações de poder.

O gênero também é relacional porque consideramos que só é possível definir e analisar este termo em função de outros. Deste modo as problemáticas que atravessa devem ser abordadas visando contemplar as relações entre todos os gêneros, por exemplo uma problemática de estudo construída por homens cisgêneros deve contemplar informações sobre mulheres cisgêneros, e também as relacionadas com homens e mulheres não cisgêneros.

Por último concebemos o gênero em termos descoloniais porque consideramos que deve ser analisado, como descreve o trabalho intitulado “A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero”, de Oyěwùmí, Oyèrónkẹ (2021), por fora das epistemologias hegemônicas, cujos interesses e preconceitos dominam a escrita sociológica. Entendemos que o gênero vai além das descrições hegemônicas ocidentais baseadas no binarismo feminino/masculino, que

exaltam características morfológicas para definir categorias sociais como as de mulher, homem ou família.

A classe social é outra categoria que atravessa nosso problema de investigação e que precisa ser explicitada. Definimos ela a partir da perspectiva teórica de Pierre Bourdieu, como é descrito no livro “Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal”, de Christian Laval (2020), as classes sociais caracterizam-se por serem categorias constituídas a partir das relações entre elementos simbólicos e econômicos que permanecem em disputa:

A dominação de classe que se assenta sobre uma distribuição desigual de bens materiais não poderia se exercer sem a execução contínua de uma ‘violência simbólica’, encerrando as práticas e os espíritos em categorias preestabelecidas que justificam o mundo como ele é e sempre será (Laval, 2020, p. 178).

No livro “A Distinção: crítica social do julgamento”, de Pierre Bourdieu (2007), o autor define a classe social como um conceito que apresenta como característica essencial o fato de não ser determinada por apenas uma propriedade, tal como o volume de capital ou pela soma de certas propriedades consideradas fundamentais, como sexo, etnia, raça ou idade; e sim pelas relações entre todas as propriedades que conferem valor próprio a cada uma delas, e sobretudo aos efeitos que as mesmas exercem sobre as práticas que condicionam.

Em primeiro lugar temos escolhido à perspectiva bourdesiana para definir as classes sociais, porque desenvolve suas análises a partir de fundamentos simbólicos que se correspondem com a sociologia interpretativo-hermenêutica que orienta nossa pesquisa, e em segundo lugar porque sua abordagem teórica não é antagônica com os fundamentos interseccionais.

Raça e etnia também fazem parte dos conceitos fundamentais implícitos em nossa problemática de pesquisa. Ambos os termos estão atravessados por relações de poder, e por essa razão, suas perspectivas são fundamentais nas análises de problemáticas como a construída nesta investigação.

Frequentemente estes dois conceitos são adotados como sinônimos, porém são diferentes. Enquanto o termo raça se relaciona geralmente com características fenotípicas, o de etnia também compreende características culturais, como nacionalidade, afiliação tribal, língua e religião, entre outras:

Historicamente, a palavra *etnia* significa ‘gentio’, proveniente do adjetivo grego *ethnikos*. O adjetivo se deriva do substantivo *ethnos*, que significa gente ou nação estrangeira. É um conceito polivalente, que constrói a identidade de um indivíduo resumida em: parentesco, religião, língua, território compartilhado e nacionalidade, além da aparência física. (Quintão *et. al*, 2010, p. 122).

A raça é um conceito que apresenta acepções variadas dentro e fora das ciências sociais, e que têm mudado ajustando-se a contextos históricos específicos. Como menciona o artigo “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”, de Aníbal Quijano (2005), o termo raça em seu sentido moderno era desconhecido antes do descobrimento do continente americano, e de acordo com este autor é provável que sua origem tenha sido a partir das diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados. Como enuncia Aníbal Quijano:

A formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: *índios, negros, e mestiços*, e redefiniu outras. Assim, termos como *espanhol e português*, e mais tarde *européu*, que até então indicavam apenas procedência geográfica, ou país de origem, desde então adquiriam também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, como constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça, e identidade racial foram estabelecidas como instrumento de classificação social básica da população. (Quijano, 2005, p. 117).

O conceito de raça continuou sendo utilizado para designar as diferenças físico-morfológicas entre grupos humanos, como por exemplo as cores de pele, as estruturas cranianas e outras características físicas. A tais particularidades, como descreve o livro “Racismo e antirracismo no Brasil”, de Sérgio Guimarães (2005), foram adicionadas características psicológicas, intelectuais e morais que definiam e diferenciavam as raças entre si. Os fundamentos para tais diferenciações foram sempre arbitrários, determinados por ideologias etnocentristas que consideravam o fenótipo europeu superior, e a civilização europeia como a meta de todas as culturas humanas, deste modo como explica o livro “Racismo Estrutural”, de Silvio Almeida (2020), todas as culturas não ocidentais precisavam ser salvas pela civilização europeia, imitando-a.

Apesar de suas diferenças conceituais, ambas as categorias têm sido definidas neste trabalho como marcadores sociais da diferença que regulam posições estruturais, cuja especificidade reside nas relações de poder e dominação que constroem. Deste modo, estes conceitos serão analisados tendo em conta as formas em que sua dimensão

fenotípica e sociocultural atinge aos sujeitos do estudo. Na atualidade, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE utiliza cinco categorias por meio das quais as pessoas se identificam, são elas: preta, parda, branca, indígena e amarela.

3. A violência.

De modo geral definimos a violência conforme a perspectiva teórica de Veena Das, desenvolvida no livro “Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário” (2020), conforme a autora este é um conceito que não se define a priori, senão a partir das experiências testemunhadas pelos indivíduos com os quais se trabalha, deste modo o ato de testemunhar “é uma maneira de entender a relação entre violência e subjetividade” (DAS, 2020, p. 116). Em relação a este conceito, também concordamos com os pressupostos teóricos descritos no livro “O que é poder” de Byung-Chul Han (2019), para quem a violência forma parte de um processo comunicativo, suscetível de adquirir múltiplos significados, relacionado aos termos de poder e liberdade.

Particularmente o tipo de violência que planejamos investigar em nosso trabalho é aquela delimitada pelos vínculos afetivo-sexuais, e para caracterizá-la utilizamos o trabalho intitulado “A Masculinidade no Banco dos Réus: um estudo sobre gênero, sistema de justiça penal e aplicação da lei Maria da Penha”, de Erica Oliveira (2018), que baseada nesta lei, tipifica as cinco formas de agressão que nos propomos investigar: moral, física, psicológica, patrimonial e sexual, construídas por meio de significações e práticas que se testemunham.

4. As práticas afetivo-sexuais.

As práticas afetivo-sexuais é o último conceito que utilizamos para a construção de nosso objeto de estudo. Refere-se ao contexto em que analisamos a violência a partir das reflexões de nossos sujeitos de estudo. Concordamos com Jullyane Brasilino (2010), que o termo afetivo-sexual é o que melhor se adequa na delimitação dos objetos de estudo de investigações como a nossa, já que nele permanecem contidas as significações e práticas que descrevemos e analisamos. Este termo refere-se as relações que acontecem de formas afetivas ou sexuais, duradouras ou esporádicas, encapsulando as variedades de relacionamentos que homens e mulheres cisgêneros constroem, como por exemplo os matrimônios, namoros ou relações “ficantes”.

Outras investigações que também desenvolveram este tema, optaram pelo emprego de outros conceitos para referir-se a este contexto, como por exemplo a de Marcela Zamboni e Helma Oliveira, que utiliza o termo afetivo-conjugal, onde “conjugalidade pode ser definida como o compartilhamento de experiências afetivas e/ou sexuais entre um casal” (Zamboni e Oliveira, 2016, p. 9).

Depois de desenvolver este capítulo onde são definidas as principais categorias que constituem nosso problema de pesquisa, passaremos ao capítulo número dois de nosso trabalho aonde descreveremos os aspectos teórico-metodológicos do mesmo.

CAPÍTULO II: CONSIDERAÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Nossa investigação tem sido desenvolvida a partir dos pressupostos teóricos da Sociologia Interpretativa, caracterizada por efetuar uma abordagem hermenêutica e exploratória das problemáticas que pesquisa, inscrevendo-se no paradigma das investigações qualitativas e adotando como uma das principais ferramentas metodológicas a etnografia; definida no livro “A interpretação das culturas”, de Clifford Geertz (2008), como as descrições densas dos fenômenos sociais por meio das quais se desvelam estruturas conceituais.

Como proferimos, esta investigação é etnográfica, sendo assim o trabalho de campo foi desenvolvido a partir de elementos específicos, entre eles as entrevistas semiestruturadas, como explica o artigo “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais”, de Valdete Boni e Sílvia Quaresma (2005), delimitam o volume de informações e direcionam temáticas para que os objetivos das investigações sejam alcançados. Outro elemento desta abordagem são as observações assistemáticas, que registram circunstâncias relacionadas com as problemáticas de pesquisas.

Os assuntos abordados nas entrevistas foram divididos em eixos de análises, relacionados com os objetivos específicos da investigação. Todas as entrevistas foram realizadas no bairro recifense de Água Fria, a maioria delas aconteceu no local de trabalho dos homens que participaram de nossa investigação, geralmente no horário do almoço. A maior parte das entrevistas teve uma duração aproximada de sessenta minutos, sendo gravadas e posteriormente transcritas.

O trabalho etnográfico foi desenvolvido de forma simultânea com as análises do material bibliográfico, possibilitando o diálogo “com outros trabalhos já realizados sobre a temática” (Zamboni e Oliveira, 2016, p. 27), procurando um tipo de conhecimento abrangente, surgido da conjunção entre um nível empírico e outro teórico.

1. Sociologia Interpretativa.

Antes de passar a descrever alguns dos principais elementos conceituais que integram o paradigma sociológico interpretativo, selecionado para resolver os problemas teórico-metodológicos de nossa pesquisa, consideramos necessário explicar aquilo que entendemos como as duas características fundamentais da sociologia, e que por este motivo, condicionam nosso percurso investigativo.

Em primeiro lugar partimos do pressuposto de que a sociologia é uma disciplina flexível, onde conceitos e categorias construídas por tradições sociológicas e disciplinas diferentes dialogam e se complementam.

Em segundo lugar, entendemos que o desenvolvimento teórico das problemáticas que esta disciplina investiga, como descreve o livro “Teoria social: vinte lições introdutórias” de Hans Joas e Wolfganggiram Knöbl (2017), gira ao redor de três questões:

Estas são ‘O que é ação?’; ‘O que é ordem social?’; e ‘O que determina a mudança social?’ Todos os teóricos -e isso se aplica tanto aos autores clássicos quanto aos teóricos modernos- enfrentam essas três questões. É preciso ainda acrescentar que essas três questões são intimamente vinculadas: às ações dos seres humanos nunca são inteiramente aleatórias. As ordens sociais sempre se desenvolvem, e são sujeitas à mudança histórica (Joas e Knöbl, 2017, p. 33).

Dadas as singularidades de nosso objeto de pesquisa, propomos para seu estudo a abordagem Sociológica Interpretativa, inspirada em Max Weber, que como menciona Carlos Sell (2006) em seu livro “Sociologia Clássica”, inaugurou o caminho interpretativo da realidade social, e com ele a sociologia compreensiva, fundamentada na hermenêutica e definida no âmbito das ciências sociais como a arte de *Verstehen* ou compressão, segundo Hans Joas e Wolfgang Knöbl (2017). Deste modo descrever, interpretar e analisar tornam-se os principais exercícios de nossa investigação.

A sociologia interpretativa é o nome genérico por meio do qual se conhecem a Etnometodologia e o Interacionismo Simbólico. Estas duas linhas sociológicas oferecem-nos os elementos conceituais por meio dos quais foram resolvidas as dificuldades teóricas e metodológicas de nossa investigação.

Do Interacionismo Simbólico, como menciona o ensaio “Symbolic interactionism: perspective and method” de Herbert Blumer (1969) apud Joas e Knöbl (2017), tomamos suas três premissas fundamentais: a primeira é que os seres humanos agem conforme os significados que as coisas tem; a segunda é que esses significados surgem das interações sociais; e a terceira é que eles se modificam no instante em que produzem essas interações. Esses pressupostos constituem o primeiro dos aportes teóricos que o Interacionismo Simbólico traz a nossa pesquisa, estabelecendo um tipo de abordagem dos fenômenos sociais que considera determinante às significações que se produzem a partir das interações entre indivíduos; descartando a hipótese que o sujeito atua e reflete isoladamente, senão “como um ser que sempre atua em contextos

intersubjetivos, que está envolvido em um arsenal de ações realizadas por dois ou mais indivíduos. Isto é interação” (Joas e Knöbl, 2017 p. 152).

O segundo dos elementos teóricos que esta escola sociológica aporta a nossa investigação, está relacionado com o caráter simbólico que lhe adjudica aos fatos sociais. Isto não significa que as interações sociais sejam apenas simbólicas, em vez disso o Interacionismo Simbólico sugere que as ações sociais sejam abordadas simbolicamente, já que a ação “dependente de sistemas simbólicos, como a linguagem ou os gestos” (op.cit: p. 153).

O terceiro dos aportes do Interacionismo Simbólico, está relacionado aos métodos de coleta de dados, já que este paradigma sociológico apela aos métodos de pesquisa qualitativos como fontes prioritárias de informação, sistematizando suas análises a partir das motivações dos atores sociais, ao invés de apelar a métodos estatísticos. Deste modo, para nós, assim como para os interacionistas simbólicos:

...parece uma boa ideia examinar detalhadamente o meio no qual os indivíduos agem e assim interpretar as opções disponíveis para a ação, em vez de trabalhar com uma volumosa quantidade de dados em estado bruto, o que criaria outros problemas. Para os representantes do paradigma ‘interpretativo’ é inapropriado coletar grandes quantidades de dados comuns, por exemplo, em pesquisas de opinião sobre as atitudes, convicções etc., porque o material obtido desta forma e seu processamento estatístico pouco nos diz sobre como as pessoas agem em uma situação específica de ação. (op.cit: p. 146).

O quarto elemento que tomamos desta linha sociológica, é baseado na importância que adquirem os contextos nos quais as ações sociais são analisadas, sugerindo que suas significações estão sempre condicionadas por eles, por exemplo:

Uma árvore não é simplesmente uma árvore, e nada mais. Em vez disso, para o ator, a árvore é situada dentro de um contexto específico de ação. Para os biólogos, por exemplo, ela deve ser um objeto empírico de pesquisa que pode e deve ser analisado de uma forma emocionalmente neutra; para outra pessoa, no entanto, ela tem um significado sentimental. (op.cit: p. 154).

E por último, o quinto dos elementos teóricos que nos apropriamos desta escola sociológica, é referido à conotação que adquire o conceito de ação, ligado aos termos de criação e contingência, admitindo “o caráter processual do eu e o não determinismo natural da ação humana” (op.cit: p. 157). Deste modo os indivíduos que constituem os fenômenos sociais, não são entes passivos que respondem a estímulos externos; são sujeitos ativos que por meio de suas ações geram significados de forma ininterrompida.

Esse pressuposto aproxima esta escola a “Antropologia dos Símbolos e Significados”, cujo principal expoente é Clifford Geertz, que em seu livro “A interpretação das culturas” relata que tanto sociedade quanto cultura são conceitos essencialmente semióticos:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado (Geertz, 1988, p. 15).

A Etnometodologia é outra escola que integra o cânone sociológico interpretativo, por meio da qual temos resolvido os problemas teórico-metodológicos surgidos em nosso percurso investigativo. Como mencionam Joas e Knöbl (2017), uma das principais características desta linha sociológica consiste nas análises dos rasgos culturais de grupos humanos, tentando desvendar as estruturas de ação e conhecimento do cotidiano. Deste modo, a abordagem do cotidiano por meio da pesquisa empírica é o primeiro dos aportes teórico-metodológicos que a Etnometodologia fez a nossa pesquisa.

A segunda das contribuições deste paradigma está baseada nas indicações de cautela com os dados quantitativos e valores nominais, já que eles têm demonstrado:

...como dados relevantes, por exemplo, o curioso fato de que uma crescente presença da polícia conduz a um dramático aumento do número de atos criminosos. Isso não ocorre porque mais crimes são cometidos quando aumenta o número de polícias em uma dada vizinhança -um resultado imprevisível-, mas porque esses oficiais conseguem lembrar de mais crimes: sempre que se vai para um caminho ou para outro, eles registram mais ofensas, mais ou menos graves (Joas e Knöbl, 2017, p. 194).

Deste modo a Etnometodologia delata a imprecisão de certos procedimentos padronizados de perguntas e respostas, como por exemplo determinadas enquetes, alegando que muitas vezes esses métodos não conseguem captar os processos subjetivos dos indivíduos que aborda. Portanto esta linha sociológica coloca seu foco de análises na linguagem coloquial, onde os sentidos das palavras e os modos de expressá-las são fundamentais para analisar os fenômenos sociais. Estas reflexões constituem a terceira das contribuições que este paradigma sociológico faz à nossa investigação.

Finalmente, a última das contribuições que a Etnometodologia fez à nossa pesquisa, refere-se ao nível de suas análises, baseados nos estudos de microssituações “que pode nos ajudar a receber importantes insights para a teoria da ação” (op.cit: p. 193).

2. O referente empírico.

Nosso referente empírico ou sujeito de estudo foi construído a partir de três critérios que relacionados entre si, delimitam nosso horizonte empírico. O primeiro deles é o gênero, pelo fato de nosso sujeito de estudo ser constituído por homens cisgêneros. Definimos cisgênero, como descreve o artigo “Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos”, de Jaqueline de Jesus (2012), as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi conferido ao nascer, e pessoas não-cisgênero as que não se identificam, como por exemplo as pessoas transgêneros.

O segundo dos critérios utilizados para recortar a realidade que investigamos, refere-se às práticas afetivo-sexuais, cisgêneros e heterossexuais, que é o contexto onde analisamos a violência.

Finalmente, o terceiro dos critérios escolhidos para delimitar nosso horizonte empírico é o de classe social, já que o grupo de indivíduos que investigamos pertencem aos setores populares, também chamados de “trabalhadores”. Para definir este setor da sociedade temos optado pela linha reflexiva de Jessé Souza (2012), que em seu livro “Os Trabalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora”, propõe uma definição diferente das tradicionais para definir os setores populares.

Segundo este autor as teorias hegemônicas, como as dos economistas liberais e dos marxistas tradicionais, definem este conceito em função de fatores econômicos; assim, os economistas liberais enfatizam como sua principal característica a renda diferencial entre indivíduos; já os marxistas tradicionais utilizam exclusivamente como referente a posição estrutural que as pessoas ocupam na produção, sejam proprietários dos meios de produção ou vendedores de sua força de trabalho. Em ambas teorias prevalecem reduções economicistas, e não se percebe a gênese sociocultural das classes sociais, razão pela qual não se consegue desvelar aquilo que Jessé Souza denomina como o melhor segredo guardado de toda sociedade: “os indivíduos são produzidos ‘diferencialmente’ por uma ‘cultura de classe’ específica” (Souza, 2012, p. 22).

Partindo do pressuposto que os indivíduos são determinados culturalmente, e em consonância com as recentes transformações do capitalismo mundial, Jessé Souza (2012), estratifica a sociedade brasileira em quatro classes diferenciadas: a ralé, os trabalhadores, a classe média e a classe alta. A classe social denominada trabalhadora, também chamada pelo autor de batalhadora, se encontra posicionada estruturalmente entre a ralé e a classe média, e aquilo que caracteriza os indivíduos pertencentes a esta classe social:

...é sua ‘inclusão subordinada’ no processo de acumulação do capitalismo em todas suas fases históricas. O trabalhador, ao contrário da ‘ralé’ e de todos os setores desclassificados e marginalizados, é reconhecido como membro útil à sociedade e pode criar uma narrativa de sucesso relativo para sua trajetória pessoal (Souza, 2012, p. 52).

Tomamos como referente teórico as definições de classes sociais desenvolvidas por este autor, porque concordamos com os modos atualizados em que são conceitualizados os setores populares, denominados com os termos de:

“batalhadores ou trabalhadores”, que se caracterizam, entre outras atribuições, por ser “uma classe incluída no sistema econômico, como produtora de bens e serviços valorizados, ou como consumidora crescente de bens duráveis e serviços que antes eram privilégio das classes média e alta” (op. cit.: p. 26).

Estas características fazem que os setores populares não sejam abordados apenas como um setor da sociedade, cuja única particularidade é permanecer como subalternos às classes hegemônicas, senão como uma classe produtora e consumidora de bens e serviços, que apresenta uma determinada identidade cultural possível de ser analisada.

Em referência à construção de nosso sujeito de estudo é necessário destacar duas circunstâncias metodológicas que consideramos importante esclarecer. A primeira é que as categorias raça e etnia não foram contempladas para delimitar nosso sujeito de estudo, porque consideramos que, ao utilizá-las, estaríamos recortando demasiado nosso horizonte empírico, porém estas importantes categorias foram contempladas no percurso do processo investigativo, já que nossa proposta teórica inclui o fato de analisar os fenômenos sociais de modo relacional, aplicando uma perspectiva interseccional, procurando examinar as interações entre eixos de subordinação constituídos por marcadores sociais da diferença.

A segunda das particularidades a ser destacada é que os homens cisgêneros que fazem parte de nossa pesquisa não foram escolhidos a partir do pré-requisito de ter participado de qualquer tipo de violência contra suas companheiras em suas trajetórias afetivo-sexuais, sendo uma circunstância que pode ter acontecido ou não. Ressaltamos este fato, porque é o que diferencia nossa investigação daquelas que têm como sujeitos de estudo homens cisgêneros executores constatados de atos violentos contra mulheres, como, por exemplo, investigações que trabalham com grupos reflexivos acionados pela Lei Maria da Penha.

Os indivíduos que participaram desta pesquisa não foram escolhidos aleatoriamente, pois procuramos homens cisgêneros com os quais tínhamos algum tipo

de contato prévio, já que um tema sensível como a violência de gênero necessita de certa intimidade com os entrevistados, que permita conseguir respostas contundentes e verídicas sobre as perguntas efetuadas nas entrevistas. Deste modo, todos os sujeitos de estudo eram conhecidos por nós, vizinhos ou homens que trabalham nos estabelecimentos comerciais do bairro recifense de Água Fria. As entrevistas foram pautadas com alguns dias de antecedência, geralmente realizadas no horário do almoço ou no final da jornada laboral dos homens que participaram de nossa investigação.

Consideramos que o fato de ser estrangeiro facilitou nosso trabalho de campo, já que notamos uma predisposição e cordialidade exacerbadas entre os entrevistados. Nas entrevistas introduzimos breves comentários sobre a rivalidade futebolística entre Brasil e Argentina, com o intuito de construir um ambiente descontraído e romper o gelo entre sujeito de estudo e pesquisador.

3. Local de pesquisa.

Dadas as características etnográficas de nosso percurso investigativo, selecionamos nosso local de pesquisa em função do sujeito de estudo. Escolhemos como unidade empírica de análise o bairro recifense de Água Fria por duas razões, a primeira é porque Água Fria é um bairro que se caracteriza por ser habitado e transitado pelos setores populares recifenses; a segunda é porque residimos no bairro, isto implica familiaridade e conhecimento dele e seus habitantes.

A escolha de um bairro como unidade de análise, entre outros espaços físicos, é metodológica, e se fundamenta na perspectiva teórica da Antropologia Urbana, que como descreve o livro “Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana”, de Ulf Hannertz (2015), percebe nos bairros modos de encapsulamentos sociais que envolvem aos indivíduos que moram, trabalham, se divertem ou tem familiares nos mesmos.

O bairro de Água Fria está localizado na zona norte de Recife, limita com os bairros Arruda, Beberibe, Bomba do Hemetério, Campina do Barreto, Fundão, Linha do Tiro, Alto Santa Teresinha e Porto da Madeira, tem uma área territorial de 181,9 hectares e sua população é de 43.529 habitantes conforme a Prefeitura da cidade do Recife¹.

O fato de residir no bairro durante seis anos ajudou a compreender algumas especificidades socioculturais de seus habitantes e dos setores populares recifenses, este

¹ Estes dados não estão atualizados, são do censo demográfico de 2010.

acontecimento foi importante para o desenvolvimento de nossa investigação, já que nós estrangeiros, estamos condicionados pelas experiências vividas em nossos países de origem. Se compararmos os bairros populares da Argentina com os de Recife, encontramos similitudes e diferenças; as semelhanças radicam no fato que tanto num lugar como no outro, o custo de vida é menor que em outros bairros, e se faz evidente o déficit de investimentos em infraestrutura por parte das instituições governamentais. Já as diferenças são mais evidentes entre um lugar e outro, por exemplo no âmbito cultural, dado que os bairros periféricos de Recife como o de Água Fria, estão marcados por importantes festividades populares e culturais, como São João e Carnaval, entre outros acontecimentos, que promovem a integração de seus habitantes, o que não acontece na Argentina com a mesma intensidade.

No que tange à atividade econômica do bairro, notamos uma importante atividade comercial, nele funciona o mercado Público de Água Fria, onde empreendedores têm suas barracas e comercializam diversos produtos, especialmente frutas e verduras; também estão presentes as redes de supermercados que atraem pessoas de outros bairros da cidade, logrando um fluxo contínuo de indivíduos. Água Fria apresenta uma intensa atividade cultural, entre elas se destacam as exercidas pelo Terreiro Ilê Obá Ogunté, conhecido como Sítio de Pai Adão, que conforme com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, foi um dos primeiros terreiros de Xangô em Pernambuco, fundado em 1875 por Inês Joaquina da Costa, ou Tia Inês, uma mulher nigeriana originária da cidade de Oyó.

4. Perfil sociodemográfico dos sujeitos de estudo.

A amostra de nossa pesquisa consta de dez homens cisgêneros, que trabalham ou moram no bairro recifense de Água Fria. Todos eles são conhecidos por nós, o que facilitou os encontros e também as abordagens dos eixos de análises das entrevistas, mesmo assim, notamos em alguns casos certo desconforto e desconfiança com algumas das perguntas feitas; era notório que as mesmas, por referir-se a temas sensíveis como a violência de gênero, geravam em algumas ocasiões respostas tímidas e rasas.

As idades de nossos entrevistados oscilavam entre os vinte e dois e sessenta e quatro anos no momento de efetuadas as entrevistas. Todos exceto Gustavo que estava solteiro, transitavam por algum tipo de relacionamento com mulheres cisgêneros, e se

encontravam trabalhando formalmente, a maioria deles em estabelecimentos comerciais no bairro.

Entre os entrevistados predominou a religião católica e evangélica; em referência ao nível de escolaridade o grupo foi heterogêneo. Dos entrevistados que apresentam formação universitária, temos José formado em administração, Diogo que é professor de educação física e Guilherme que está fazendo o curso de Agronomia, o restante finalizou o segundo grau, exceto Orlando que não conseguiu concluí-lo.

Em referência à variável raça/etnia, os entrevistados se dividiram entre brancos e pardos. Alguns dados que consideramos importantes destacar é que a maioria dos representantes da raça branca eram donos dos estabelecimentos onde trabalhavam; já os pardos, exceto Marcelo, que é proprietário de uma oficina que repara eletrodomésticos, trabalhavam em relação de dependência. Este dado faz explícita a diferenciação racial vigente no Brasil, onde os brancos apresentam, geralmente, uma posição estrutural privilegiada em referência a outros grupos raciais, neste caso sendo os proprietários dos estabelecimentos onde trabalham; por outro lado, chama a atenção o fato de não ter na amostra indivíduos da raça preta, sendo que Água Fria é um bairro constituído por 58,75% de pardos, 28,58% de brancos, 13,66% de pretos, 0,97% de amarelos e 0,14% de indígenas, segundo o ATLAS do desenvolvimento humano na Região Metropolitana do Recife de 2011². Diante disso, apresentamos em forma de quadro o perfil sociodemográfico de nossos sujeitos de estudo.

Quadro 02: Perfil Sociodemográfico dos sujeitos de estudo.

Nome	Idade	Escolaridade	Profissão	Estado civil	Religião	Raça/Etnia
José	35 anos	Superior completo	Empregado de comércio	Casado	Católico	Branco
Cláudio	63 anos	Segundo grau completo	Comerciante	Casado	Católico	Branco
Adriano	24 anos	Segundo grau completo	Empregado de comércio	Namorando	Católico	Pardo
Guilherme	22 anos	Superior incompleto	Empregado de comércio	Casado	Evangélico	Branco
Roberto	36 anos	Segundo grau completo	Motorista	Casado	Católico	Branco
Maurício	63 anos	Segundo grau incompleto	Empregado em serviços gerais	Casado	Católico	Pardo

² Não achamos uma versão atualizada destes dados.

Orlando	64 anos	Segundo grau incompleto	Empregado em serviços gerais	Casado	Católico	Pardo
Gustavo	31 anos	Segundo grau completo	Empregado de comércio	Divorciado	Evangélico	Branco
Marcelo	44 anos	Segundo grau completo	Comerciante	Casado	Católico	Pardo
Diogo	36 anos	Superior completo	Professor de educação física	Noivo	Católico	Branco

Fonte: o autor

Desenvolvidos os aspectos teórico-metodológicos de nossa pesquisa, prosseguiremos com o próximo capítulo onde damos início as análises do trabalho etnográfico. O capítulo número três atinge o primeiro de nossos objetivos específicos que consiste em examinar as formas como os nossos entrevistados caracterizam os relacionamentos afetivo-sexuais.

CAPÍTULO III: SOBRE OS RELACIONAMENTOS AFETIVO-SEXUAIS

No primeiro ponto deste capítulo, descrevemos e analisamos as definições e características que nossos sujeitos de estudo elaboraram sobre os relacionamentos afetivo-sexuais. No segundo item indagamos sobre quem ensina, onde se aprendem e o que caracterizam os relacionamentos, com o intuito de examinar as fontes informativas, por meio das quais os indivíduos que participaram desta pesquisa constroem estes significados. Por meio do terceiro ponto analisamos as reflexões de nossos sujeitos de estudo, referentes às mudanças que apresentam os relacionamentos afetivo-sexuais na atualidade em relação a tempos passados. No quarto item deste capítulo examinamos as estratégias mencionadas por nossos sujeitos de estudo, destinadas a melhorar os relacionamentos afetivo-sexuais. E finalmente no quinto ponto analisamos as opiniões que apresentam nossos entrevistados, em referência aos relacionamentos homossexuais, sejam cisgêneros ou não.

1. As definições e características dos relacionamentos afetivo-sexuais.

Neste tópico examinamos os modos em que nossos sujeitos de estudo significam e caracterizam os relacionamentos afetivo-sexuais constituídos por homens e mulheres cisgêneros. Deste modo, seguindo as indicações do livro intitulado “Homem não tece a dor”, de Berenice Bento (2015), analisamos as noções referidas a este conceito, com o intuito de atualizar as formas em que nossos entrevistados significam este tipo de relacionamento, à luz das mudanças culturais acontecidas nas últimas décadas.

Uma parte de nossos sujeitos de estudo representa os relacionamentos afetivo-sexuais, como um conjunto de práticas por meio das quais as pessoas se escolhem, para transitar e dividir a vida cotidiana. Um modo romântico de conceitualizar este termo, baseado na ideia de que os casais que constituem este tipo de relacionamento, permaneceram unidos pelo resto da vida evitando a solidão. Conjeturas similares surgem em outros trabalhos, como o artigo intitulado “Os sentidos da masculinidade nas relações de gênero e a violência afetivo-conjugal”, de Sandra Coelho e Cássia Carloto (2007), onde as relações afetivo-sexuais são descritas como práticas benignas que unem homens e mulheres pelo resto da vida.

Dentro deste grupo de homens está José, funcionário de um comércio do ramo alimentício, ao qual entrevistamos em seu local de trabalho. Para ele estes tipos de

relacionamentos consistem na escolha de alguém para compartilhar a vida, renunciando a circunstâncias que não especifica, para que o relacionamento funcione corretamente e consiga perpetuar-se. Neste caso se o objetivo dos relacionamentos é dividir a vida com alguém, significaria que eles são construídos para evitar a solidão. José menciona o seguinte: “os relacionamentos se dão quando você escolhe outra pessoa para compartilhar os momentos da vida, é o momento de dividir a vida com alguém, abrir mão de certas coisas, ceder para que o relacionamento funcione” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

De modo similar, Cláudio que é dono de uma loja de produtos naturais, descreve estes relacionamentos como “a união de duas pessoas que se gostam e tentam viver o resto da vida juntos” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal). Em suas reflexões também notamos que os relacionamentos afetivo-sexuais se constituem com o intuito de suprir a solidão, partilhando a vida com outra pessoa.

Para Adriano que trabalha em um mercado, e foi entrevistado em seu horário de almoço, os relacionamentos afetivo-sexuais representam a união e aliança entre duas pessoas que se tornam uma só. Suas conjecturas são similares às reflexões dos homens entrevistados anteriormente. Notamos em seu relato um modo de significar os relacionamentos afetivo-sexuais, marcado por certo viés romântico, ele menciona o seguinte: “os relacionamentos são uma união, uma aliança, aí as pessoas se tornam uma só” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Guilherme que é funcionário de um dos mercados no bairro de Água Fria, e também foi entrevistado em seu horário de almoço, é outro de nossos sujeitos de estudo que representam estes tipos de relacionamentos como a união de pessoas que pretendem crescer juntas. Ele descreve os relacionamentos afetivo-sexuais como “a união de duas pessoas, de um homem e uma mulher, que decidem sair da vida de solteiro para seguir juntos e crescer unidos” (GUILHERME, 2023. Informação verbal). É interessante destacar que Guilherme faz explícito em seu relato, que a união de pessoas das quais está falando corresponde ao binômio homem/mulher, especificando que o relacionamento ao qual refere-se é heterossexual cisgênero. É evidente que este raciocínio está marcado pela religião que pratica, que em seu caso é a evangélica. Esta circunstância revela que em ocasiões como a exposta aqui, as significações dos relacionamentos afetivo-sexuais estão condicionadas pela religião.

Outro de nossos entrevistados que define os relacionamentos afetivo-sexuais como uniões entre duas pessoas é Roberto, ao qual entrevistamos em sua casa. Para ele este termo está relacionado com pessoas que decidem conviver, definindo os casamentos

como uniões que acontecem após namorar. Roberto manifesta o seguinte: “os relacionamentos como os casamentos, é a união de duas pessoas por meio do namoro, hoje os namorados parecem que estão casados, dormem juntos, vivem na casa do outro e assim vai” (ROBERTO, 2023. Informação verbal). Em seu relato notamos que união e convivência continuam sendo conceitos que se encontram atrelados aos relacionamentos afetivo-sexuais.

E por último, no grupo de entrevistados que significam os relacionamentos afetivo-sexuais como a união de pessoas, temos Diogo, que entrevistamos na academia de musculação onde trabalha. Ele também entende este termo de forma similar aos entrevistados anteriormente, mencionando o seguinte: “o relacionamento é a união de duas pessoas” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Tem surgido outras semelhanças nos relatos dos homens que participaram desta investigação, em relação à definição dos relacionamentos afetivo-sexuais. Deste modo outro grupo de nossos sujeitos de estudo, representam estes tipos de relações como um acontecimento sério onde imperam a responsabilidade e o compromisso. Dentro deste grupo temos a Orlando, a quem entrevistamos em um bar do bairro, em um sábado à tarde. Para ele os relacionamentos afetivo-sexuais são compromissos sérios ligados à família, por esse motivo requerem responsabilidade. Orlando nos contava o seguinte: “os relacionamentos são uma coisa séria, de responsabilidade, são um compromisso familiar” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Gustavo, a quem entrevistamos no comércio onde trabalha, também define os relacionamentos afetivo-sexuais como circunstâncias sérias, que requerem compromisso e que não são uma brincadeira. Ele diz o seguinte: “os relacionamentos não são brincadeiras, os casamentos e namoros são responsabilidades, quando você decide ter um relacionamento, então você necessita ter compromisso com o outro” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

Marcelo é outro de nossos entrevistados para quem os relacionamentos afetivo-sexuais são circunstâncias caracterizadas pela seriedade e o compromisso entre casais. Relata o seguinte: “os relacionamentos tem que ser tomados com seriedade, é algo sério, tanto para o homem quanto para a mulher” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

A singularidade sobre a definição deste conceito, foi dada pelas reflexões de Maurício, a quem entrevistamos em sua casa. Ele classifica estes tipos de relacionamentos, como um acontecimento bom apenas para os homens, manifestando que a presença de uma mulher na vida de um homem é importante. Em seu relato a mulher

adquire uma dimensão superlativa, além disso, ele se vangloria por permanecer casado há 37 anos, como se isso fosse um acontecimento extraordinário. Maurício menciona o seguinte: “os relacionamentos são bons para os homens, eu sou casado há 37 anos e até hoje vivo com minha esposa, uma mulher é importante na vida de um homem” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Como conclusão deste ponto de acordo com as análises das informações recolhidas no campo, notamos a maioria dos homens entrevistados, representam os relacionamentos afetivo-sexuais de maneira homogênea, caracterizando-os de formas positivas e benignas, associando-os com conceitos tais como uniões, parcerias e alianças entre homens e mulheres que requerem de seriedade e compromisso.

2. Quem ensina o que são, e o que caracterizam os relacionamentos afetivo-sexuais?

Mediante este eixo de análises, examinamos os âmbitos e os indivíduos que nossos sujeitos de estudo consideram relevantes na construção dos significados e das características que adquirem os relacionamentos afetivo-sexuais. Neste ponto da pesquisa visamos identificar as fontes informativas por meio das quais nossos entrevistados se orientam para construí-los e caracterizá-los.

Em referência a este item tem surgido semelhanças nas reflexões dos homens que integram nossa pesquisa, já que vários deles indicaram a família como a principal fonte de informação por meio da qual se constroem as significações e caracterizações dos relacionamentos afetivo-sexuais. Esta circunstância não é uma novidade, outros autores já perceberam este fato, como Berenice Bento (2015), que descreve à instituição familiar como o agente elemental de socialização primária, cuja influência na construção de conceitos, tais como o de relacionamento afetivo-sexual é notória; no livro “A dominação masculina”, de Pierre Bourdieu (2012), também se menciona à família como uma das principais instituições que modelam as características dos relacionamentos afetivo-sexuais. No Brasil a pesquisa intitulada “O mito da masculinidade”, de Sócrates Nolasco (1993), enfatiza a importância da família para significar este conceito, destacando principalmente, a incidência paterna neste processo.

Deste modo, José manifesta que as informações referidas aos modos de significar e caracterizar os relacionamentos afetivo-sexuais, são proporcionadas pela família, concretamente pelos pais, que ensinam a sua prole quais são as especificidades deste

conceito. José relata que “é a família que se ocupa disso, os pais cuidam disso” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Como já mencionamos, esta situação não é uma novidade, diversas investigações como a intitulada “Violência doméstica por homens detidos na delegacia da mulher de Belém”, elaborada por Adelma Pimentel (2010), também coincide com esta hipótese. Para esta autora os processos subjetivos por meio dos quais se caracterizam os relacionamentos afetivo-sexuais, estão condicionados pelo âmbito familiar, onde os pais exercem uma influência notória sobre seus filhos em relação a estas significações.

Se o ambiente familiar é o encarregado de proporcionar estas informações, é plausível supor, como descreve o artigo “Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes”, de Sheila Murta et. al. (2013), que a convivência em um lar violento repercute nos modos em que seus integrantes se relacionam afetivamente, pautando crenças sexistas e condutas agressivas que geram déficit em habilidades destinadas a manobrar conflitos interpessoais.

Para Cláudio a família também é a principal fonte de informação, por meio da qual as pessoas significam e caracterizam os relacionamentos afetivo-sexuais. Em seu relato ele menciona que não somente os pais são os encarregados de passar estas informações, outros integrantes da família cumprem a mesma função, por exemplo os avós. Para nosso sujeito de estudo, depende da educação recebida no âmbito familiar que os relacionamentos fracassem ou não. Ele diz o seguinte:

“...a gente aprende pela própria família, com os pais, os avós, a educação que passam cada um deles vai ajudar muito nos casamentos, dependendo da educação o casamento vai embora ou não, porque se fosse aquele casamento que esculhamba a todos, isso aí não dá certo” (CLAUDIO, 2023. Informação verbal).

A mesma linha reflexiva segue Adriano, Guilherme e Gustavo. Para eles o espaço familiar é também onde são adquiridas as informações por meio das quais se constroem os conceitos e características dos relacionamentos afetivo-sexuais, sendo os pais encarregados de ceder estas informações. Adriano relata que “se aprende com os pais, em casa, meu pai e minha mãe sempre me ensinaram sobre como são os relacionamentos dos casais” (ADRIANO, 2023. Informação verbal). Guilherme manifesta que “o ensinamento vem dos pais, nós olhamos para eles e aprendemos deles” (GUILHERME, 2023. Informação verbal), por último, Gustavo diz o seguinte:

“...meus pais me ensinaram o que é um relacionamento, o que é um casamento, que é a partir da iniciativa de uma pessoa com outra, pode ser um homem com uma mulher ou, hoje em dia, pode ser um homem com outro homem. A base dessa informação são os pais” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

Roberto relata o mesmo pressuposto que os outros entrevistados, para ele quem ensina quais características apresentam os relacionamentos afetivo-sexuais é a família, principalmente o pai que por ser homem é o encarregado de transmitir estas informações. Uma particularidade em seu relato, é que nosso entrevistado alega ter recebido informações para significar este conceito na escola e no quartel militar, deste modo pela primeira vez são mencionados espaços que transcendem a esfera privada como fontes de informação para caracterizar estes tipos de relacionamentos. Roberto relata o seguinte:

“...é pela educação que tive através de meus pais. Tento seguir os exemplos de meus pais, especialmente do meu pai que é o homem, o sexo masculino. Eu tento fazer o que ele faz com minha mãe até hoje. Aprendi na família, e na escola também você aprende, não sei nos dias de hoje, e também aprendi aos 18 anos quando fui ao quartel e passei 11 meses, aí você aprende muita coisa” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Também para Maurício como para outros de nossos sujeitos de estudo, as informações que caracterizam os relacionamentos afetivo-sexuais provêm da família. Uma singularidade que surge em seu relato é que para ele, as experiências que se acumulam a partir dos relacionamentos entre homens e mulheres também influenciam na construção deste conceito. Maurício menciona o seguinte: “comecei a viver e sair, namorava uma menina, aí depois namorava outra, e aí você vai aprendendo, com sua vivência, também você aprende com a família, com os pais você aprende” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal). Estas reflexões, são similares as de Marcelo, para ele as pessoas aprendem o que são e o que caracterizam os relacionamentos afetivo-sexuais a partir das experiências adquiridas nos relacionamentos, como também através das informações proporcionadas pela família. Ele diz o seguinte: “é o próprio relacionamento e a convivência entre os casais que ensina isso, e você aprende em casa com tua família” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

Finalmente temos Diogo como último expoente desta linha reflexiva, ele menciona que as pessoas se informam sobre como caracterizar os relacionamentos afetivo-sexuais a partir das informações que recebem da família. Em referência a esta circunstância, Diogo relata que sua família foi deficiente no que refere a estes ensinamentos. Ele comenta que teve que suprir esta carência por meio de um curso para

“noivos”, segundo ele nestes tipos de cursos você aprende como desenvolver o diálogo nos relacionamentos. Diogo menciona o seguinte:

“...em meu caso minha família me deu algumas dicas sobre como tenho que encarar um relacionamento, por parte de minha mãe, agora meu pai é mais durão, mais calado, mais na dele, então eu vi isso em minha família, aí tive que fazer alguns cursos, fiz curso de noivo, acabei de terminar o curso de noivo e a questão principal desse curso é ter diálogo” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

A única singularidade sobre este tópico são as reflexões de Orlando. Ele menciona que é a própria natureza humana e as necessidades vivenciadas pelas pessoas que ensinam e caracterizam os relacionamentos afetivo-sexuais. Como menciona a investigação intitulada “Violência de Gênero: crenças legitimadoras por adolescentes”, de Juliana Albuquerque (2019), este tipo de relato, levam implícitas as crenças de que o homem é um ser biologicamente incontrolável, dominado por sua própria natureza, da qual tira as informações necessárias para caracterizar conceitos, tais como o de relacionamento. Nosso sujeito de estudo menciona o seguinte: “isso se aprende com o tempo, com a experiência, com a necessidade, a natureza mesma do homem ensina o que é um relacionamento” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Após as análises do material etnográfico, referido à matriz de informação por meio da qual se arquitetam as significações e caracterizações dos relacionamentos afetivo-sexuais, concluímos que a família é a principal fonte informativa da qual se nutrem os homens que participaram desta pesquisa. Esta circunstância como já mencionamos, não é novidade, outras investigações relatam o mesmo acontecimento. Sobre este ponto destacam-se algumas singularidades, já que alguns de nossos sujeitos de estudo têm indicado à escola, os quartéis militares, os cursos para noivos e a própria natureza humana como fontes de informação aleatória à família, para significar estes tipos de relacionamentos.

3. Os relacionamentos afetivo-sexuais hoje e suas diferenças com os de tempos passados.

Neste item analisamos as reflexões de nossos sujeitos de estudo, referidas às mudanças que os relacionamentos afetivo-sexuais tiveram ao longo do tempo, com o

intuito de averiguar se as características que eles possuem hoje são iguais ou diferentes das de tempos passados.

Conforme o trabalho de campo, a maioria dos entrevistados concordou que os relacionamentos afetivo-sexuais contemporâneos são diferentes dos de épocas passadas, e que estas diferenças estão determinadas pelas novas condutas desenvolvidas pelos casais que constroem estes tipos de relacionamentos.

Por exemplo José, ao comparar os relacionamentos afetivo-sexuais contemporâneos com os de tempos passados, manifesta que as diferenças são notórias; a principal delas está relacionada com a divisão sexual do trabalho, devido ao fato que hoje este tipo de relacionamento está constituído por mulheres que trabalham e não estão confinadas ao espaço privado como em épocas passadas. Esta circunstância tem sido notada por diversas investigações, como a desenvolvida por Marcela Zamboni e Helma Oliveira (2016), estas autoras relatam que a entrada das mulheres ao mercado laboral, contribuiu para finalizar a dependência econômica delas por parte dos homens, modificando as relações entre os casais.

Para José a independência econômica das mulheres é a principal responsável pelas modificações que afetam os relacionamentos afetivo-sexuais na atualidade. Em seu relato se fazem explícitas, como descreve o artigo “A violência conjugal na perspectiva de homens denunciados por suas parceiras”, de Miriam Cortez e Lídio Souza (2010), as concepções de gênero tradicionais, que de um lado colocam o homem como provedor da família e do outro a mulher dedicada ao lar, ao marido e aos filhos. Quando estas características se transformam como acontece atualmente modificam-se também os relacionamentos.

Como menciona Sócrates Nolasco (1993), ao dificultar o acesso das mulheres à esfera pública, os homens garantiam o controle delas, exercendo violência patrimonial. Neste sentido, concordamos com Pierre Bourdieu em que:

...uma das mudanças mais importantes na condição das mulheres e um dos fatores mais decisivos da transformação dessa condição é, sem sombra de dúvida, o aumento do acesso das jovens ao ensino secundário e superior que, estando relacionado com as transformações das estruturas produtivas (sobretudo o desenvolvimento das grandes administrações públicas ou privadas e das novas tecnologias sociais de organização de quadros), levou a uma modificação realmente importante da posição das mulheres na divisão do trabalho: observa-se, assim, um forte aumento da representação de mulheres nas profissões intelectuais ou na administração e nas diferentes formas de venda de serviços simbólicos (jornalismo, televisão, cinema, rádio, relações públicas, publicidade, decoração) e também uma intensificação de sua participação nas profissões mais próximas da definição tradicional de

atividades feminina (ensino, assistência social, atividades paramédicas). Apesar disso, as diplomadas encontram sua principal oferta de trabalho nas profissões intermediárias de nível médio (quadros administrativos de nível médio, técnicos, membros do corpo médico e social etc.) mas continuam vendo-se praticamente excluídas dos cargos de autoridade e de responsabilidade, sobretudo na economia, nas finanças e na política (Bourdieu, 2012, p. 108).

José menciona o seguinte:

“...os relacionamentos de hoje são bem diferentes, antigamente existia muito a questão econômica, a dependência financeira da mulher, hoje em dia não existe mais ou é bem menor, a mulher antigamente não tinha recursos financeiros como hoje” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Cláudio continua a mesma linha reflexiva que José, também manifesta que os relacionamentos afetivo-sexuais contemporâneos têm sofrido mudanças e são diferentes comparados com os de tempos passados, essas diferenças estão relacionadas com a entrada das mulheres ao mercado de trabalho e sua independência econômica, circunstância que como mencionamos anteriormente não é novidade, sendo diversos autores especificando este acontecimento em seus trabalhos. Cláudio relata o seguinte:

“...os relacionamentos mudaram devido à cabeça do próprio pessoal, tanto do homem quanto da mulher; a mulher começou a trabalhar e tem independência própria, não depende mais de ninguém, não depende mais de nenhum homem, aí se não dá certo o relacionamento parte para outro, e está tudo certo” (CLAUDIO, 2023. Informação verbal).

Em referência a estas mudanças, em outra parte da entrevista Claudio explica que as relações hoje, também mudaram devido ao desrespeito que caracterizam os relacionamentos na atualidade. Nosso sujeito de estudo associa esta deficiência com os meios de comunicação como a televisão, que segundo ele é responsável por corromper a sociedade com suas lições referidas a sexo, drogas, homossexualidade e roubo. Nosso sujeito de estudo relata o seguinte:

“...os casais mudaram muito, nada é igual, mudou muito pela sociedade que está tentando mudar tudo, pela televisão que muda tudo e ensina toda a safadeza do mundo, tanto de sexo, de roubo, de droga, tem as coisas aquelas da homossexualidade, tudo isso faz com que os casamentos sejam diferentes hoje, antigamente existia muito mais respeito” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Adriano é outro de nossos sujeitos de estudo para quem os relacionamentos afetivo-sexuais contemporâneos mudaram em comparação com os de tempos passados.

Para ele os relacionamentos antigamente comparados com os atuais eram melhores, duravam mais tempo e tinham mais respeito entre os casais que os constituíam. Um dado que consideramos interessante destacar em suas reflexões, é que para Adriano estas deficiências nos relacionamentos atuais estão relacionadas com as condutas femininas. Nosso entrevistado relata que as formas de se vestir e de exhibir-se das mulheres, e até a música que escutam na atualidade, fizeram com que os relacionamentos perdessem o respeito que tinham em tempos passados. Em referência a esta circunstância, de ser a música que escutam as mulheres, uma das razões pela perda de respeito nos relacionamentos, nosso sujeito de estudo não menciona que muitas dessas músicas são compostas por homens.

Juliana Albuquerque (2019) denuncia que na atualidade existem músicas que apresentam um elevado conteúdo erótico, que se materializa em danças e coreografias que executam as mulheres, e que esta circunstância é utilizada por muitos homens para naturalizar práticas violentas contra elas, como uma forma de punição. Em relatos como o de Adriano é possível elucidar, como mencionam Marcela Zamboni e Helma Oliveira (2016), os apelos morais sobre certos comportamentos que muitos homens reclamam das mulheres com as quais têm algum tipo de relacionamento.

As reflexões de Adriano, como menciona Juliana Albuquerque (2019), levam implícita a ideia de que as mulheres necessitam conquistar respeito, adequando-se a padrões sociais construídos a partir de noções patriarcais. No Brasil desde o período colonial, se tem a percepção que a mulher deve lutar por sua honra. É a partir desse pressuposto que a sociedade atual propaga a ideia de que é necessário ensinar às mulheres a vestir-se, a dançar e a viver de um determinado modo, para prevenir o assédio dos homens, ao invés de ensinar a estes a não as assediar. Em relatos deste tipo se distingue o perigoso mito referido a que, certas formas de vestimenta ou determinados tipos de danças significam que uma mulher está sexual ou afetivamente disponível. Nosso sujeito de estudo menciona o seguinte:

“...os relacionamentos antigamente eram melhores, duravam mais tempo, hoje em dia não duram nada, eles mudaram, hoje não há respeito entre homens e mulheres, a forma de vestir-se, até a música que escutam as mulheres, tiram fotos quase nuas, aí chegam outros homens nas redes sociais e dão em cima dela, aí o marido fica com ciúme” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Guilherme é outro dos integrantes desta pesquisa que nota marcadas diferenças entre os relacionamentos afetivo-sexuais atuais e os de épocas passadas, elas radicam que na atualidade os relacionamentos tornaram-se malogrados e duram pouco tempo devido às novas tecnologias e meios de comunicação, tais como internet e suas redes sociais que deterioraram os relacionamentos, aumentando as crises por ciúmes e as traições.

Guilherme, diz o seguinte:

“...são muito diferentes porque hoje com a tecnologia e a internet, têm muita traição, os casais de hoje namoram muito pela internet, tem muita traição, por isso que o casamento e os namoros não vão para frente, antigamente os casamentos eram mais duradouros, a internet destrói muitos relacionamentos” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Roberto reflete similarmente aos demais entrevistados, para ele os relacionamentos afetivo-sexuais de hoje são diferentes aos de tempos passados, essa diferença acontece devido ao estilo de vida liberal adotado pelos casais que compõem estes tipos de relacionamentos na atualidade. Esta circunstância provoca altos índices de separações, produto de traições e crises de ciúmes. Para Roberto antigamente os relacionamentos duravam mais tempo porque a infidelidade entre os casais era menor quena atualidade. Ele descreve o seguinte:

“...os relacionamentos hoje em dia são muito diferentes aos de tempos passados, as pessoas namoram ou casam e terminam o relacionamento por ciúmes ou traição, aí passa um mês e a pessoa já está com outra, antigamente você não tinha isso, antigamente você namorava e era muito difícil o namoro terminar, os noivados e casamentos não terminavam tão rápido como agora, os relacionamentos de hoje são mais liberais e estão cheios de ciúmes e traições” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Maurício também considera que os relacionamentos afetivo-sexuais hoje são totalmente diferentes em relação aos de tempos passados, e que as mulheres são responsáveis por estas diferenças, por adotarem na atualidade condutas exibicionistas, como a utilização de saias curtas.

Como já vimos em relatos anteriores este tipo de reflexão não é novidade, sendo bastante difundida a crença entre os homens, que um determinado tipo de roupa utilizado por mulheres é um indício de que estão dispostas a exercer práticas sexuais. O relato de Maurício como o de outros indivíduos que participaram desta pesquisa, denotam posturas moralistas de tradição patriarcais, que como menciona o artigo “Violência de gênero no namoro entre adolescentes sob a ótica dos adolescentes, educadores e profissionais da

saúde”, elaborado por Queiti Oliveira (2014), são antagônicas com as mudanças culturais que atravessam as sociedades contemporâneas. Maurício menciona o seguinte:

“...os relacionamentos de hoje são totalmente diferentes porque as mulheres de hoje são muito adiantadas, minha esposa não usava aquela saia curta, hoje as mulheres andam mostrando as calças, querendo se amostrar, antigamente isto não acontecia, os relacionamentos de hoje é tudo farra e folia, os casais não se respeitam” (MAURICIO, 2023. Informação verbal).

Para Orlando os relacionamentos afetivo-sexuais de hoje, comparados com os de antigamente, também mudaram muito. Segundo nosso sujeito de estudo nos relacionamentos atuais não há respeito e honestidade como antes, esta circunstância provoca o aumento das traições e outros acontecimentos como feminicídios e androcídios, que se tornaram frequentes na atualidade. É importante ressaltar em seu relato uma informação que aparece recorrentemente em nossa investigação, ela está vinculada ao preponderante papel das mulheres nas mudanças e deterioração dos relacionamentos afetivo-sexuais. Orlando, assim como outros entrevistados enfatiza que nos relacionamentos atuais é a mulher que mudou, segundo seu relato mesmo que o homem ofereça uma situação de conforto e estabilidade financeira, a mulher trai o marido. Orlando não menciona em nenhum momento as traições efetuadas pelos homens. Nosso sujeito de estudo menciona o seguinte:

“...os relacionamentos mudaram muito, hoje não há respeito, hoje você vê homens que matam mulheres ou mulheres que matam homens, hoje viraram uma loucura os relacionamentos, não há respeito, antigamente eram todos mais sinceros, a mulher até passava fome, mas não deixava o marido, hoje a mulher tem de tudo e trai ao marido, hoje tem muita traição e antigamente não” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Para Gustavo os relacionamentos afetivo-sexuais contemporâneos são absolutamente diferentes dos relacionamentos de épocas passadas. Segundo ele esta diferença está determinada pela tecnologia. Ele relata que antigamente não existiam smartphones, nem redes sociais e por isso os casais viviam um para o outro, cuidando-se mutuamente, isto mudou hoje por causa da internet que afastou os casais que mantêm algum tipo de relacionamento afetivo-sexual. A responsabilidade das redes sociais no declínio deste tipo de relações surge com frequência nas reflexões de outros entrevistados. Em seu depoimento Gustavo diz o seguinte:

“...os relacionamentos hoje são bem diferentes por causa da tecnologia, antigamente não existiam nem celular, nem computador, um casal se cuidava e vivia um para o outro, hoje os casais só se importam com o smartphone, com internet e com qualquer coisa virtual, não tem tempo para eles, hoje quando o casal está junto nunca estão perto um do outro, os casais de hoje não passam muito tempo juntos, essa é a diferença com os casais de tempos passados” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

Para Marcelo os relacionamentos afetivo-sexuais de hoje também são diferentes aos de tempos passados, essas diferenças acontecem na atualidade devido à falta de valorização entre os casais, que provocam separações por razões banais e que rapidamente dão início a outros relacionamentos. Nosso entrevistado descreve o seguinte:

“...os relacionamentos são bem diferentes, hoje os casais não se valorizam como antigamente, os laços entre casais de hoje não têm valor, agora se separam por qualquer besteira e em pouco tempo começam outro relacionamento como se nada tivesse acontecido” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

Por último temos Diogo que continua o mesmo raciocínio que os demais entrevistados. Para ele os relacionamentos afetivo-sexuais contemporâneos são tão diferentes aos tempos passados que não se podem comparar. Alega que na atualidade as relações não têm o compromisso que tinham antigamente, e que frequentemente muitos relacionamentos hoje são por interesses econômicos e não por amor ou afeto. Para ele os relacionamentos atuais são um comércio, isto não acontecia antigamente. Diogo descreve o seguinte:

“...os relacionamentos de hoje são tão diferentes aos de tempos passados que eu acho que não se podem comparar, hoje em dia não há compromisso como antigamente, é muito mais fácil você se casar por interesse do que por respeito ou carinho, antigamente os relacionamentos duravam bastante, hoje em dia quase são um comércio, casa, separa, casa e separa, isso não acontecia antes” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Concluindo este eixo de análises ressaltamos as semelhanças que existem entre os depoimentos de nossos sujeitos de estudo, referentes às diferenças entre os relacionamentos afetivo-sexuais na atualidade e os de tempos passados. As relações constituídas antigamente são romantizadas por nossos entrevistados, qualificando-as de forma conveniente. Já os relacionamentos contemporâneos são representados negativamente, caracterizados pelo desrespeito e infidelidades entre os casais que os destinam ao fracasso. Além disso é importante ressaltar que muitos de nossos sujeitos de estudo adjudicam às redes sociais e aos comportamentos femininos o fracasso dos

relacionamentos na atualidade. Nestas reflexões relacionadas à culpabilização das mulheres pelos relacionamentos malogrados, se destaca o ressentimento masculino e as ideias conservadoras que ainda colonizam as subjetividades de nossos entrevistados.

4. As estratégias para aprimorar os relacionamentos afetivo-sexuais.

Neste ponto da pesquisa indagamos sobre quais são as estratégias sugeridas por nossos sujeitos de estudo, destinadas a melhorar os relacionamentos afetivo-sexuais, com o intuito de lograr relações sadias.

Conforme o registro de campo, as reflexões de nossos sujeitos de estudo sobre este ponto têm sido variadas. Para José uma forma de melhorar os relacionamentos afetivo-sexuais é colocando a sinceridade e a verdade como regentes do relacionamento. Nosso sujeito de estudo diz o seguinte: “acho que não havendo segredos entre os casais, se podem melhorar os relacionamentos, é necessária a sinceridade no relacionamento” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Já Cláudio e Maurício entendem que estes tipos de relacionamentos melhoram, quando se otimiza à educação das crianças que irão converter-se em futuros artífices destes relacionamentos. Neste caso tanto para Cláudio como para Maurício, a família cumpre um papel determinante para a constituição dos relacionamentos afetivo-sexuais saudáveis. Cláudio menciona o seguinte: “os relacionamentos melhoram quando há boa educação, se você tem um berço com educação boa, vai ter um relacionamento bom e terá uma família boa, assim se melhoram os relacionamentos futuros” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Maurício relata que um modo de melhorar os relacionamentos afetivo-sexuais é por meio da educação que propicia a família, deve ser rígida, baseada no respeito aos pais, condenando enfaticamente as práticas violentas nos relacionamentos. Ele menciona o seguinte:

“...com mais educação em casa que proíba a violência, com uma educação forte dos pais, com mais autoridade dos pais sobre os filhos, já sejam pequenos ou grandes porque eu tenho uma filha de 31 anos que me respeita muito, o respeito começa em casa” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Adriano e Gustavo consideram que uma estratégia eficiente para melhorar os relacionamentos afetivo-sexuais é que os casais suspendam a utilização das redes sociais.

Para Adriano as redes sociais causam desconfiança e brigas, ele relata que tem homens que procuram mulheres fora dos relacionamentos por meio de aplicativos de celular, para nosso sujeito de estudo, seriam os homens e não as mulheres, os precursores das brigas nos relacionamentos ao tentar quebrar a monogamia. Adriano menciona o seguinte:

“...acho que tudo melhora deixando as redes sociais, aí se perde a confiança, os homens começam a procurar mulheres pelo celular, aí o respeito vai embora, tem pessoas que não deixam que sua companheira pegue seu celular, aí começam as brigas, a desconfiança e o respeito acaba, as redes sociais são uma brecha para outras coisas, antigamente isso não existia, hoje em dia todos procuram esses problemas pelo telefone, tem muita traição pelas redes sociais, então para melhorar os relacionamentos têm que ter essa atitude” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Por sua vez, Gustavo relata a necessidade que as relações entre os casais voltem a ser como em tempos passados, isentas de redes sociais e de internet. Para ele o problema é a exposição que os relacionamentos têm hoje, onde não há privacidade e para melhorá-los nosso sujeito de estudo propõe finalizar essa exposição. Gustavo relata o seguinte:

“...a única forma de melhorar os relacionamentos é que eles voltem a ser como em tempos passados, hoje os relacionamentos não têm jeito, é muita influência, muita maldade, amizades ruins, às vezes você está com sua esposa, vem teu amigo e diz que essa que é tua mulher não presta porque era uma quenga, aí você vê ela com um olhar diferente, e pensa que foi prostituta, que foi interesseira, isso é o que fala um amigo para você, isso acontece na atualidade e acaba com qualquer relacionamento, a isso somam-se as redes sociais que mudaram tudo” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

Guilherme, Diogo e Orlando mencionam estratégias similares para aprimorar os relacionamentos, elas estão relacionadas ao fomento do diálogo, da compreensão, do respeito, da sinceridade e da união entre os casais. Deste modo Guilherme relata o seguinte:

“...os relacionamentos melhoram quando se tenta entender o que o casal sente e quando tem algum problema, então o casal tem que estar mais unido, a união melhora o relacionamento” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Diogo diz isto:

“...os relacionamentos melhoram com o diálogo, se você quer que seu relacionamento dure, você tem que saber ouvir, tem que saber o momento de falar, o momento de sentar-se para conversar, então para mim o diálogo é tudo” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Um dado interessante que surge no relato de Orlando é que, apesar considerar a sinceridade como uma estratégia para aprimorar os relacionamentos afetivo-sexuais, não se considera um homem sincero com sua companheira e alega que não a valoriza. Orlando relata o seguinte:

“...os casais têm que procurar respeitar um ao outro, ser mais sinceros e honestos, hoje isso é difícil, ser uma pessoa honesta no relacionamento, eu sou casado e não sou sincero com minha mulher, ela me cobra, porém, não sou sincero, não valorizo minha esposa” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Roberto apresenta duas opções para melhorar os relacionamentos afetivo-sexuais, a primeira delas é a terapia de casal, através da qual, segundo nosso sujeito de estudo se identificam os problemas do relacionamento; a segunda é procurar uma religião. Para ele por meio destas opções se obtém o respeito necessário para frear circunstâncias desagradáveis entre os casais. Roberto menciona o seguinte:

“...acho que a saúde mental é tudo no relacionamento, no trabalho, em tudo, têm que ver onde o casal está errando, procurar uma terapia de casal ou ter uma religião, qualquer dessas opções ajudam, você tem que procurar ter respeito no relacionamento, tem que ter uma terapia para você ver o que está errado, isso pode ajudar a parar a violência no relacionamento” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Marcelo considera que para melhorar as relações entre os casais, as mulheres necessitam seguir a doutrina da religião católica, fazendo-se submissas aos homens com os quais mantêm um relacionamento. No relato de Marcelo se faz explícito o funcionamento dos marcadores sociais da diferença, neste caso da religião, que atuam como estruturas de dominação falocêntricas. Esta dominação como menciona Pierre Bourdieu é:

...produto de um trabalho incessante (e, como tal, histórico) de reprodução, para o qual contribuem agentes específicos (entre os quais os homens, com suas armas, como a violência física e a violência simbólica) e instituições como família, Igreja, escola e estado. (Bourdieu, 2012, p. 46).

Marcelo relata o seguinte:

“...acho que a mulher mudou muito, a mulher antigamente dependia do homem e isso fazia com que o casamento fosse mais tranquilo e longo, hoje a mulher se acha independente, acha que pode se separar e voltar a casar com outro amanhã, ou não se casar, tanto faz, eu sou do pensamento das antigas, então

como diz a Bíblia, a mulher tem que ser submissa ao homem, aí se resolvem vários problemas que têm os relacionamentos, mas hoje isso não é assim” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

Concluimos este ponto mencionando algumas das principais semelhanças nos relatos de nossos sujeitos de estudo, no que refere às estratégias destinadas a melhorar estes tipos de relacionamentos, entre elas se destacam: a ampliação do diálogo, do respeito e da sinceridade entre os casais, assim como a educação das novas gerações direcionada à construção de relações afetivo-sexuais saudáveis. Também têm surgido singularidades, já que alguns de nossos entrevistados apelaram à religião e às terapias de casais como estratégias para melhorar este tipo de relações.

5. Relacionamentos cishomoafetivos e relações não cisgêneros.

Neste ponto tem sido analisadas as reflexões elaboradas por nossos sujeitos de estudo relacionadas com as modalidades de relacionamentos afetivo-sexuais cishomoafetivos e relações não cisgêneros, que se consolidaram nos últimos anos. Deste modo indagamos sobre como nossos entrevistados qualificam estes tipos de relacionamentos.

Os indivíduos que participam de nossa pesquisa se dividem em três grupos: aqueles que aprovam estes tipos de relações sem restrições, os que não aprovam, e aqueles que aceitam em parte.

No grupo que aceitam os relacionamentos cishomoafetivos e as relações não cisgêneros sem restrições, temos José que manifesta não ter apreciações negativas sobre os relacionamentos cishomossexuais e não cisgêneros. Ele relata que as formas de amar são variadas e que não é preconceituoso, dizendo o seguinte: “acho que a forma de amar é uma escolha pessoal, não tenho preconceito, se um homem namora outro ou com um travesti” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Adriano manifesta não ter nenhum tipo preconceito ou afirmação negativa referidos aos relacionamentos cishomoafetivos e não cisgêneros. Para ele estas formas de relacionar-se são tão normais como os relacionamentos heterossexuais cisgêneros, relata que “cada pessoa tem que fazer o que ela quer com sua vida, para mim todos os relacionamentos são os mesmos, seja homem, mulher ou travesti, eles sabem o que querem e estão certos” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Orlando aprova todo tipo de relacionamento afetivo-sexual, menciona que esse é um assunto individual e cada um é livre para relacionar-se com quem quiser. Ele diz o seguinte: “eu não tenho problema com nada, cada um se relacione com quem quiser, isso é assunto deles, não tenho nada contra” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

E por último dentro deste grupo, temos Gustavo. Ele comenta que tenta adaptar-se e aceitar a presença destes tipos de relacionamentos que na atualidade são frequentes, dizendo o seguinte:

“...a gente tem que se encaixar nesta nova modalidade de relacionamentos, são coisas que vêm crescendo, você tem que se adaptar, tem que saber lidar, eu tento aceitar estes tipos de relacionamentos” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

No grupo que não aprova estes tipos de relacionamentos afetivo-sexuais, temos Cláudio, que não concorda com a constituição de relacionamentos cishomoafetivos. Ao explicar-lhe como se constitui uma relação não cisgênero, tampouco aceitou esta modalidade de relacionamento. A razão esgrimida por nosso sujeito de estudo para esta negativa, é que essas circunstâncias são contrárias com a doutrina católica, alegando que estes tipos de relações vão extinguir a humanidade, considerando que através delas não é possível conceber filhos. Em seu relato notamos como a influência religiosa ainda repousa nas condutas sexuais. Claudio menciona o seguinte:

“...pela Bíblia não é para existir isso né, sou católico e pela lei da religião não é para existir isso, é o ser humano que está mudando isso e futuramente vai trazer muitos problemas porque acabará o mundo, como você vai se reproduzir, não existe reprodução entre homossexuais ou travestis” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Continuando os pressupostos de matizes religiosas, temos Guilherme relatando que os relacionamentos homoafetivos não têm base nem sustento, porque não têm como centro a Deus, que é o criador. Para ele outros modos de relação afetivo-sexual que não sejam heteronormativos e cisgêneros são falhos e deterioram os demais relacionamentos. Guilherme menciona o seguinte:

“...eu falo por mim, o casamento homossexual não tem base porque não tem como centro a Deus, ele é o criador, sou evangélico e muitas pessoas hoje em dia, sem ser homossexuais, já levam muito pela parte de querer o prazer, somente o prazer, eu acho que muitos deles não acreditam verdadeiramente em Deus; por isso, acontecem muitas tragédias naturais, a homossexualidade mata o casamento” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Roberto e Maurício também não concordam com os relacionamentos cishomossexuais e as relações não cisgêneros, ambos alegam que Deus fez o homem e a mulher como única opção para se relacionar. Roberto comenta o seguinte:

“...no meu ponto de vista não concordo, acho que o homem foi feito para a mulher e a mulher foi feita para o homem, perante Jesus Cristo, outro tipo de relacionamento é errado, só que tem gente que está deixando isso acontecer, isso está errado, as religiões estão deixando isso acontecer também, está errado casar um homem com outro, agora acontece normalmente como se fosse um casamento entre um homem e uma mulher” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Por sua parte Maurício alega isto: “eu não aprovo, não tenho preconceito, mas não aprovo, Deus fez o homem para a mulher e a mulher para o homem” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Finalmente temos a dupla integrada por Marcelo e Diogo, que manifestam não ter preconceitos contra os relacionamentos cishomossexuais e não cisgêneros, porém colocam restrições a estas relações, por exemplo Marcelo não aceita que pessoas cishomoafetivas se casem nas Igrejas católicas, já que isso contraria a Bíblia. Ele não concorda que esses tipos de relacionamentos exibam afeto em espaços públicos, como se beijar na rua. Marcelo relata o seguinte:

“...não tenho nada contra, só não concordo com o casamento deles na Igreja porque vai contra a Bíblia. Eles podem viver sua vida, só que não seja de forma tão livre, como se beijar na rua, isso não pode” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

Diogo manifesta que não tem nenhum preconceito contra estes tipos de relacionamentos, porém não concorda com a ideia de que as pessoas cishomossexuais convivam nos mesmos espaços que os cisheterossexuais. Nosso sujeito de estudo menciona que se incomoda quando sai com uma turma de casais cisheterossexuais e um casal cishomossexual se une ao grupo. Ele diz o seguinte:

“...não tenho preconceito, esses relacionamentos não me incomodam muito, tenho amigos que são assim, só que não gosto de encontrar nos mesmos ambientes, ficar nas mesmas festas, sair com um grupo de casais e que venham eles, ou que eles me convidem para sair com seu grupo de amigos gays, isso não me deixa muito confortável, mais com questões de trabalho, do dia a dia, não me incomodam” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Como conclusão deste eixo de análises a informação que destacamos é que a maioria dos entrevistados não aceita outra modalidade de relacionamento que não seja a cisheteronormativa, constituída por homens e mulheres cisgêneros; outro grupo manifesta que não têm preconceitos com os relacionamentos cishomoafetivos e não cisgêneros, porém em seus relatos surgiram restrições para estas relações; e finalmente a minoria de nossos sujeitos de estudo aceitam plenamente os relacionamentos cishomonormativos e não cisgêneros.

Outro dado que consideramos de interesse neste ponto da pesquisa é que os entrevistados que discordam explicitamente com os relacionamentos cishomossexuais e não cisgêneros, citam razões religiosas. Neste caso a religião cristã, é um notório marcador social da diferença que atinge os modos de relacionar-se afetiva e sexualmente das pessoas na atualidade. Como descreve Juliana Albuquerque (2019), a religião condiciona muitas relações.

Para a maior parte de nossos sujeitos de estudo, como relata Daniel Welzer-Lang em seu trabalho “Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo”:

Toda forma assumida de sexualidade que se distingue da heterossexualidade é desvalorizada e considerada diferente da opinião sobre sexo imposta como modelo único. O mesmo vale para a bissexualidade, para as sexualidades transexuais (Welzer-Lang, 2004, p. 120).¹²

Finalizando este capítulo destinado principalmente a examinar os modos que nossos sujeitos de estudo caracterizam os relacionamentos afetivo-sexuais, prosseguimos com o capítulo número quatro que se refere ao segundo de nossos objetivos específicos, o qual consiste em analisar as formas que nossos sujeitos de estudo significam a masculinidade e feminilidade cisgêneros no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais.

CAPÍTULO IV: SOBRE HOMENS E MULHERES CISGÊNEROS

No primeiro ponto deste capítulo examinamos os modos que nossos sujeitos de estudo definem e caracterizam os homens e mulheres cisgêneros que compõem os relacionamentos afetivo-sexuais. O segundo item analisa as reflexões de nossos entrevistados referentes à existência e como deveriam ser os relacionamentos afetivo-sexuais ideais. No terceiro ponto indagamos sobre quais são as atitudes e práticas que, conforme nossos sujeitos de estudo, geram aflição e mágoas entre os casais que mantêm estes tipos de relacionamentos. Finalmente no último item do capítulo descrevemos e analisamos os modos de definir transgênero e cisgênero segundo os homens que participaram desta pesquisa.

1. A definição e as características dos homens e mulheres cisgêneros no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais.

Neste item analisamos os modos em que nossos sujeitos de estudo significam e caracterizam homens e mulheres cisgêneros no contexto específico dos relacionamentos afetivo-sexuais. A finalidade deste ponto é, como menciona o artigo “Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea”, de Lia Machado (2004), explorar as significações da masculinidade e da feminilidade que se produzem nestes contextos, que, como descrevem Benedito Medrado e Jorge Lyra (2003) apud Jullyane Brasilino (2010), são chaves para compreender como são dirigidos os conflitos nas relações afetivas e sexuais das sociedades atuais.

A maioria dos homens que participaram deste trabalho, caracterizaram a masculinidade e feminilidade nestes contextos condicionados pelos efeitos da masculinidade hegemônica, que, como indicam Raewyn Connel e James Messerschmidt (2013), legitimam a subordinação das mulheres.

Notamos também que as significações do masculino e do feminino estão estreitamente relacionadas com as representações que nossos sujeitos de estudo fazem dos relacionamentos afetivo-sexuais. Esta circunstância é advertida também em outras investigações como a de Lia Machado (2004), para quem:

As construções das categorias do masculino e do feminino no âmago das relações amorosas não podem deixar de levar em conta as construções modelares da conjugalidade, entendida como relações estáveis entre homens e

mulheres que pressupõem o exercício da sexualidade, a coabitação e a reprodução familiar (Machado, 2004, p. 46).

Deste modo, para José, as características que apresentam as mulheres cisgêneros no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais se correspondem com o cumprimento das tarefas domésticas. Estas reflexões não são novidades, sendo uma caracterização típica daquilo que geralmente corresponde às mulheres nas sociedades ocidentais, onde “as práticas sociais femininas, da mulher, enquanto filha, esposa, mãe, companheira e cuidadora estão associadas ao espaço privado da casa” (Coelho e Carlotto, 2007, p. 120). Em seu relato José também faz explícita a significação da mulher como uma defensora da família.

Quanto às características que apresentam os homens nestes contextos, nosso sujeito de estudo faz uma descrição breve, mencionando que o companheirismo é aquilo que define os homens nos relacionamentos. José comenta o seguinte: “acho que as mulheres lhes cabem o cuidado da casa, dos filhos, do relacionamento; a mulher é uma protetora, uma cuidadora e o homem é o companheiro” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Adriano define os homens como a base dos relacionamentos afetivo-sexuais, tendo a função de prover segurança e sustento à família. Nestas argumentações distinguimos as marcas da cultura patriarcal, como descreve David Gimmere (1994) apud Jullyane Brasilino (2010), que condicionam os homens a ocupar nos relacionamentos afetivo-sexuais a postura de “macho”, que consiste em engravidar a mulher, proteger os que deles dependem e fornecer sustento à família, constituindo a tríade reprodutor-protetor-provedor; traços específicos da masculinidade hegemônica, caracterizada “pela agressividade, competitividade, e a arena onde estas se desenvolvem é a esfera pública, onde deve ser testada e aprovada” (Bento, 2015, p. 94).

Como já foi mencionado em outros pontos da pesquisa, as funções masculinas de reprodutor-protetor-provedor, como características destacadas dos homens nos relacionamentos afetivo-sexuais, são descritas em numerosas investigações, como por exemplo na de Sócrates Nolasco (1993). Este autor descreve que:

...o trabalho e o desempenho sexual funcionam como as principais referências para a construção do modelo de comportamento dos homens. Desde cedo, os meninos crescem assimilando a ideia de que, com o trabalho, serão reconhecidos como homens (Nolasco, 1993, p. 50).

Para Adriano as características do feminino nos contextos destes tipos de relacionamentos adquirem uma conotação religiosa, para ele as mulheres têm que ser como são descritas na Bíblia, pessoas de atitudes calmas, capazes de direcionar o percurso da família, além de ser submissas a seus companheiros. Notamos como a religião surge no relato de Adriano como um marcador social da diferença que condiciona suas reflexões, impondo-se ante outros marcadores sociais como a idade, já que nosso sujeito de estudo tem 24 anos e seguramente conhece os princípios dos movimentos feministas que pregam a libertação feminina no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais.

Esta qualidade referida à submissão da mulher ao homem é descrita em numerosas investigações, entre elas a de Heleieth Saffioti (2015), para quem nas sociedades mercantilistas contemporâneas as mulheres são socializadas para serem submissas aos homens. Adriano relata o seguinte:

“...o homem tem que ser a base, a proteção da mulher e da casa, ele tem que ser o homem da casa, já as mulheres, têm que ser como diz a Bíblia, têm que saber levar o casamento e ao marido, têm que saber manusear, têm que ser mais calma que o homem e fazer-lhe caso” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Para Guilherme o homem representa a base dos relacionamentos afetivo-sexuais, ele é quem dita as decisões do casal e quem negocia acordos com sua companheira. Por sua vez a mulher é representada como a coordenadora da família que atua sempre sob as ordens do marido, acatando suas decisões. A submissão do feminino e as disparidades dos papéis entre homens e mulheres que constituem estes tipos de relacionamentos, são descritos copiosamente em outras investigações. Temos de um lado “o homem macho, viril, provedor e cuidador da família e de sua moral; e do outro temos a mulher idealizada pelos homens: dedicada ao lar, ao marido, aos filhos, carinhosa, sentimental e submissa” (Cortez e Souza, 2010, p.138).

O relato de Guilherme, que apesar de ter vinte e dois anos e ter vivenciado as lutas das mulheres para equiparar seus direitos com os dos homens, ainda apresenta sua subjetividade colonizada pelo conceito de masculinidade hegemônica descrito por Raewyn Connel (2013). Guilherme menciona o seguinte:

“...o homem no casamento é a base, o homem é quem dita o maior número de decisões no relacionamento e ele sempre tem que procurar um acordo com sua mulher, e a mulher é a coordenadora da família” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Para Roberto o que define e caracteriza os homens nos relacionamentos afetivo-sexuais é o respeito destes por sua esposa e seus filhos. Segundo nosso sujeito de estudo os homens que constituem estes tipos de relacionamentos, têm que estar sempre dispostos a trabalhar e sustentar a família e ser o exemplo que vão seguir seus filhos. Para ele o homem é o encarregado de resolver os acontecimentos mais importantes que se sucedem nos relacionamentos. Mais uma vez notamos em suas reflexões aquilo que mencionam outras pesquisas, por exemplo o artigo de José da Silva (2014), que descreve como os traços da masculinidade hegemônica ou viril continua minando a subjetividade dos homens, inclusive daqueles que pertencem às novas gerações. Em relação a esta circunstância, como menciona Sócrates Nolasco (1993), “os homens, ainda hoje, trazem uma consciência sobre eles mesmos, produzida por conceitos vagos de autoridade e tradição como referência para definir o masculino” (Nolasco, 1993, p. 32).

Já as características das mulheres descritas por nosso entrevistado, estão relacionadas ao respeito que elas devem ter pelos seus companheiros. Outra informação que consideramos importante destacar, é que para Roberto o fato de as mulheres trabalharem não é uma desculpa para não dar conta das tarefas da casa. Nosso sujeito de estudo enfatiza que elas nunca podem esquecer dos trabalhos relativos ao lar, como por exemplo, fazer o almoço e cuidar das crianças. Segundo ele estes são compromissos que as mulheres que escolheram casar têm que honrar. A este respeito Roberto diz o seguinte:

“...o homem tem que ser respeitoso com a esposa, com seus filhos, manter a calma, nunca partir para a violência, primeiro de tudo é o respeito, isso é o que caracteriza ao homem nos relacionamentos, e as mulheres, têm que respeitar ao homem para o homem respeitar à mulher, hoje em dia têm mulheres que acham que porque trabalham fora de casa não tem que fazer nada, eu acho que não é certo, se ela escolheu casar com um homem, então ela tem que honrar os compromissos da casa também, cuidar dos filhos, da casa, fazer o almoço, a característica da mulher é sempre respeito a isso” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Para Maurício, os homens no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais devem-se caracterizar por serem pessoas tranquilas, trabalhadoras, respeitosas com sua mulher e seus filhos. Para as mulheres as características são outras, elas têm que ser bem educadas, respeitar ao homem “em maior proporção que o homem as respeitem”, serem tranquilas e pacíficas. É importante ressaltar que estas características que Maurício adjudica às mulheres tem como principal finalidade fazer com que os homens não se interessem por outras mulheres. Para ele hoje em dia é muito difícil encontrar companheiras com estas características. Maurício é um dos entrevistados de maior idade,

ele tem 63 anos e sua escolaridade é básica, conseguiu estudar somente até os 10 anos. Consideramos a interseção destes dois marcadores sociais, idade e escolaridade, fundamentais para analisar seu relato e compreender suas reflexões.

Nosso sujeito de estudo menciona o seguinte:

“...o homem tem que ser tranquilo, respeitar sua esposa e seus filhos, ele tem que trabalhar também. A mulher tem que ser ainda mais respeitosa e tranquila que o homem, porque ela tem que honrar ao homem, a mulher tem que ser melhor, educada, muito respeitadora assim o homem não se interessa por outra mulher. A mulher sempre tem que honrar ao homem, hoje isso é muito difícil. A mulher de hoje não passa 10 ou 15 dias sem um homem, têm as amiguinhas que falam vamos aí, é muito difícil encontrar uma mulher decente” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Segundo Orlando as características que os homens devem apresentar nos relacionamentos afetivo-sexuais estão relacionadas com a honestidade, a sinceridade e o respeito. Para ele os homens têm que se ocupar do bem-estar da família, enquanto as mulheres tem características diferentes, elas precisam ter mais caráter e serem mais respeitosas com os homens porque segundo Orlando, o homem é um “cachorro”. Estas reflexões se enquadram na “moral de malandro”, mencionada por Lia Machado (2004), que caracteriza os homens que não respeitam os acordos feitos com suas companheiras. Portanto, como os homens são todos “cachorros” para Orlando, as mulheres têm que se esforçar muito para respeitá-los. Orlando tem 64 anos, quase a mesma idade que Maurício, e como ele não completou o ensino médio. Como já falamos, estas duas variáveis idade e escolaridade, são elementais para analisar seu relato. Por um lado, no que refere à idade, é frequente que muitas pessoas com mais de 60 anos tenham uma visão falocêntrica exacerbada da realidade, produto de experiências vividas em épocas passadas onde a cultura patriarcal não era questionada. Por outro lado, em referência às trajetórias escolares, consideramos que quando uma pessoa apresenta um nível de escolaridade reduzido, possivelmente seu volume de informações será limitado, esta circunstância repercute em relatos como o de Orlando, caracterizado por noções machistas.

Nosso sujeito de estudo relata o seguinte:

“...o homem tem que ser sincero, honesto e respeitoso, acima de tudo é o respeito, tem que ser um homem que se preocupa muito com a família. A mulher tem que ter mais caráter e mais respeito que o homem, porque o homem já é um cachorro, aí a mulher tem que ter maior respeito por ele” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Para Gustavo os homens nos relacionamentos afetivo-sexuais devem ser as cabeças e colunas deles, eles comandam e dirigem o grupo familiar. Segundo nosso sujeito de estudo os homens têm que ser brutos e rigorosos com seus filhos, para que estes desenvolvam hábitos sadios. Para Gustavo os filhos precisam ter medo do pai, em seu relato fica evidente a escolha do modelo de masculinidade hegemônica implementado no âmbito familiar, que promove comportamentos agressivos. As características das mulheres nestes contextos estão atreladas à rigidez, porém às vezes devem agir de maneira carinhosa para acolher os membros da família.

As reflexões de Gustavo não apresentam nenhuma novidade, também são mencionadas em outras pesquisas como a de Sócrates Nolasco (1993), este autor descreve que no Brasil os homens acreditam que as tarefas domésticas, assim como a responsabilidade pela prole é assunto feminino, assumindo o papel protetor e acolhedor, enquanto o pai assume o papel punitivo. Gustavo descreve o seguinte:

“...o homem tem que ser o chefe da casa, a cabeça, o pilar da família que dita as coordenadas, os filhos vão se entrosar com o pai e a filha com a mãe, o homem tem que ser aquele tipo machista, tem que ser rigoroso, meu pai é bravo, é bruto é ignorante, mais é o jeito dele e tem que ser assim, todos os filhos se saíram bem, porque têm hoje pais que amolecem e os filhos tomam conta do pai, assim são os filhos que mandam na família, o homem tem que ser rigoroso” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

Marcelo define os homens no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais como aqueles indivíduos que carregam as responsabilidades econômicas, segundo ele os homens são os provedores da família. A mulher é definida como a pessoa que deve dar suporte ao companheiro, para que este consiga sustentar o grupo familiar. Marcelo relata o seguinte:

“...o homem tem que ter responsabilidade, sua responsabilidade é maior, não pode deixar faltar nada em casa, ele tem o compromisso de manter a casa, a mulher tem que ser o suporte do homem, tem que lhe dar a força para que ele consiga manter a família” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

Diogo menciona que as características apresentadas pelos homens no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais, estão associadas com o respeito às suas companheiras, com a função de provedor da família e como colaborador nas tarefas domésticas; este último atributo indicado por nosso sujeito de estudo para caracterizar a masculinidade nas relações afetivo-sexuais, é uma das exceções em relação às reflexões da maior parte dos

entrevistados, pelo fato de apenas dois participantes da pesquisa mencionarem a colaboração masculina nas tarefas domésticas.

Em seu relato Diogo também enfatiza que se o homem não tem como prover economicamente uma família tudo dará errado. Em relação a esta circunstância referida ao sustento familiar, Sócrates Nolasco (1993), diz que:

O desemprego passou a ser a condição para os homens entrarem em contato com sentimentos de desvalorização e de angústia, transformando-se na representação temida no universo masculino. Estar empregado passou a ser, para um homem, um referencial de honra, dignidade e respeito. (Nolasco, 1993, p. 65).

Já as características das mulheres nestes contextos estão baseadas na compreensão e suporte ao companheiro. Diogo relata o seguinte:

“...o primeiro que o homem tem que ter é respeito e saber que cada um têm uma função no relacionamento, têm que se ajudar um ao outro, para mim o homem é o que se ocupa das contas e também pode ajudar a mulher nas tarefas de casa. A mulher está aí para ajudar, para dar aquele suporte. Se o homem não tem condições de prover a família, é melhor não começar porque tudo dará errado” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Por último, Claudio argumenta uma reflexão singular sobre este tópico. Ele não diferencia nenhum rasgo característico entre os homens e as mulheres que constroem um relacionamento afetivo-sexual, apenas menciona que os casais que os compõe têm que ser pessoas respeitadas. Neste caso notamos que nosso sujeito de estudo logra a resignificação dos conceitos tradicionais que diferenciam um determinado comportamento para os homens e outro para as mulheres, que mantêm algum tipo de relacionamento. Para Cláudio ambos gêneros não possuem obrigações ou hierarquias diferenciadas. Nosso sujeito de estudo menciona o seguinte:

“...não há diferenças entre homens e mulheres, os dois tem a mesma função, os homens têm que ser respeitados, os dois, tanto homens quanto mulheres, têm que ter reciprocidade na casa, as mesmas responsabilidades e tarefas para os dois, não importa o que a sociedade diz, porque a sociedade para mim servesó para criticar, não para construir, você tem que viver sua vida e não a dos outros” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Como conclusão deste ponto destacamos que em geral, as caracterizações e significações que nossos sujeitos de estudo constroem em relação aos homens e mulheres cisgêneros que mantêm algum tipo de relação afetivo-sexual, continuam estando

condicionadas pela divisão sexual do trabalho. De modo geral estas significações estão baseadas em um homem trabalhador, provedor e respeitoso que toma as decisões mais importantes do relacionamento; enquanto as mulheres se caracterizam por ocupar uma posição subalterna em relação à de seu companheiro, ao qual têm que respeitar e dar-lhe o suporte necessário para conseguir atingir as necessidades do grupo familiar, inclusive ser a responsável pelos labores domésticos.

Como menciona o trabalho “O amor nos tempos de capitalismo” de Eva Illouz (2011) apud Marcela Zamboni e Helma Oliveira (2016), essas características que os gêneros apresentam nas relações afetivo-sexuais, estão moldadas por valores morais hierarquizados que desenham tanto comportamentos femininos quanto masculinos; nas condutas femininas predominam a delicadeza e a sentimentalidade, já as masculinas são marcadas pela firmeza e virilidade. Essa divisão:

...de campos opostos nos quais os homens e as mulheres devem se comportar, determina relações hierarquizadas que se propagam para diferentes âmbitos das relações sociais, como o trabalho e a profissão — indo além dos arranjos afetivos — nas quais as características masculinas são tidas como superiores. (Zamboni e Oliveira, 2016, p. 38).

2. Os relacionamentos afetivo-sexuais ideais³.

Neste ponto examinamos as reflexões de nossos sujeitos de estudo referentes aos tipos ideais de relacionamentos afetivo-sexuais, indagando se são possíveis ou não, visando sondar as subjetividades dos participantes desta pesquisa sobre as possibilidades de construir relacionamentos sadios e livres de qualquer tipo de práticas violentas.

Conforme o trabalho etnográfico, as opiniões sobre as possibilidades de um relacionamento ideal e livre de conflitos estão divididas. Alguns de nossos entrevistados afirmam que são possíveis, outros negam essa possibilidade e temos aqueles que alegam que esse tipo de relacionamento na atualidade é infrequente, porém em tempos passados foram usuais e bastante comuns.

No grupo que nega a existência destas relações temos José, para o qual não há possibilidade de construir uma relação ideal devido às diferenças existentes entre os casais. José relata o seguinte:

³ Entendemos por relacionamento afetivo-sexual ideal aquele tipo de relação livre de violência física, psicológica, patrimonial, moral e sexual.

“...os relacionamentos perfeitos, onde tudo funciona bem, são impossíveis, não tem como você ter um relacionamento ideal, não é possível porque sempre vamos a ter alguma diferença com nossa mulher” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Tampouco Cláudio acredita nesta possibilidade, pois para ele os relacionamentos afetivo-sexuais ideais são uma utopia, alegando que a convivência entre casais é sumamente difícil, porém pode melhorar quando eles aprendem a ceder. Cláudio diz o seguinte:

“...não existem relacionamentos ideais, porque tudo depende da união dos casais e da convivência que é muito difícil, se podem melhorar cedendo de um lado e do outro e por aí vai, cada um tem que ceder sua parte” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Adriano, Guilherme, Roberto, Maurício e Orlando opinaram que os relacionamentos ideais são possíveis de alcançar. Adriano relata que por meio do respeito e eliminando os desejos sexuais por pessoas alheias ao relacionamento é possível chegar ao relacionamento ideal. Ele diz o seguinte: “acho que sim, quando os casais se respeitam e não tem a bondade de ficar com outra pessoa, o relacionamento ideal é possível” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Segundo Guilherme também é possível chegar a este tipo de relacionamento por meio do diálogo e aceitando as qualidades boas e ruins de cada um dos casais. Ele menciona o seguinte:

“...o relacionamento ideal é aquele que os casais entendem as partes boas e ruins de cada um, os defeitos e as coisas boas que têm, isso é o que faz crescer o relacionamento, se um lado não entende o outro, então o relacionamento não vai para frente, o casamento, o namoro ideal é quando há compreensão e diálogo” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Roberto relata que os relacionamentos ideais são possíveis, eles são alcançados por meio do respeito e a cumplicidade entre o casal. Nosso sujeito de estudo manifesta o seguinte: “sim são possíveis os relacionamentos ideais, são aqueles onde há respeito e cumplicidade entre os casais” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Maurício também concorda com esta possibilidade relatando que eles são possíveis quando os casais convivem em harmonia e a relação se caracteriza pela compreensão, o amor e a lealdade; alega também que uma boa situação econômica não é suficiente para constituir estes tipos de relacionamentos. Maurício relata o seguinte: “eles

existem, só que não basta o dinheiro, tem que ter compreensão, amor e lealdade entre os casais” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Para Orlando também são possíveis os relacionamentos afetivo-sexuais ideais. Eles se constituem quando o casal se respeita mutuamente e coloca os interesses da família acima dos individuais, descreve o seguinte: “os relacionamentos ideais existem, são aqueles onde os casais cumprem com suas tarefas, respeitando a família e o casamento, se coloca sempre o casamento por sobre todas as coisas” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Já para Gustavo os relacionamentos afetivo-sexuais ideais têm sido possíveis apenas no passado. Para nosso sujeito de estudo, este tipo de relacionamento era aquele que apresentava união, amor e fidelidade, e que acontecia na época de seus avôs. Relata que hoje as possibilidades destes tipos de relacionamentos não existem, já que as relações na atualidade são de mentira, porque não há amor, fidelidade e sinceridade, há apenas interesses econômicos. Gustavo menciona o seguinte:

“...os relacionamentos ideais são onde há união e amor como nos casamentos antigamente, como os matrimônios de nossos avós que hoje em dia não tem mais, porque não há mais amor, hoje está tudo mudado, não há amor sincero e fiel, os casamentos são agora por interesse econômico, são conversa fiada” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal.)

Marcelo opina serem pouco frequentes na atualidade estes tipos de relacionamentos, porque não há compreensão e paciência suficientes entre os casais. Marcelo relata o seguinte: “hoje são raros, têm que ter compreensão e paciência entre os casais” (MARCELO, 2023. Informação verbal.).

Finalmente temos as reflexões de Diogo, para o qual nenhum relacionamento afetivo-sexual é ideal ou perfeito, porém pode-se melhorar com mais respeito e carinho. Ele menciona o seguinte:

“...nenhum relacionamento é ideal ou perfeito, mas pelo menos se tiver respeito e carinho já é suficiente. Porque essa questão do amor é muito fácil, dizer eu te amo, e acaba não sendo sincero, se o relacionamento tiver respeito, verdade e carinho já é suficiente para mim” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Como conclusão das análises deste ponto, é interessante destacar que para a metade de nossos entrevistados é possível construir um relacionamento afetivo-sexual saudável ou ideal; a outra metade está dividida entre os que negam esta possibilidade e

os que mencionam que na atualidade são pouco frequentes estes tipos de relacionamentos, porém antigamente eram mais comuns.

3. Sobre aflições e mágoas nos relacionamentos afetivo-sexuais.

Neste item analisamos quais são, para os indivíduos que integram esta pesquisa, as circunstâncias e práticas que provocam mágoas e aflições nos casais que constituem este tipo de relacionamento.

Como indica o trabalho de campo o ciúme e a traição são as duas circunstâncias mais citadas por nossos sujeitos de estudo responsáveis pelas mágoas e aflições nos relacionamentos afetivo-sexuais. Esta situação é recorrente em outras investigações, como a de Marcela Zamboni e Helma Oliveira, as quais relatam que “a infidelidade e/ou a quebra de confiança podem ensejar atos de desrespeito à pessoa amada, tais como violência moral, psicológica e física, chegando ao ápice com o homicídio” (Zamboni e Oliveira, 2016, p. 50).

Para José as atitudes e práticas que irritam e magoam tanto os homens quanto as mulheres que mantêm um relacionamento afetivo-sexual, estão atreladas ao controle da relação por um dos integrantes do casal. Nosso sujeito de estudo relata: “tentar ter o controle da relação, isso provoca raiva tanto para homens quanto para mulheres” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Por sua vez Cláudio, comenta que as mulheres se incomodam com as práticas machistas que sofrem por parte de seus companheiros, especificamente aquelas que limitam sua liberdade e menciona a traição com um fato que provoca o ressentimento das mulheres. Para os homens, o que mais decepciona no relacionamento é a amplitude da liberdade que suas companheiras possuem na atualidade e as infidelidades. Cláudio relata o seguinte:

“...hoje existe o machismo, isso que o homem pode fazer tudo e a mulher não pode fazer nada, porém hoje os direitos de cada um estão iguais, e tem que ter respeito um pelo outro, então o que mais incomoda o homem é essa liberdade que tem hoje as mulheres, o problema de hoje é a liberdade que antigamente tinha só o homem, hoje os homens podem ser casados e sair com cinco ou seis mulheres, aí quando a mulher quer sair com um homem a casa caiu, aí o namorado quer brigar com todo mundo, e diz que é ele o macho, que ele pode sair com várias mulheres e que sua mulher não, aí não há mais respeito, o que mais incomoda ao homem seria que a mulher saísse com outros homens, e o que mais raiva dá às mulheres é que seu esposo ou namorado saísse com outras mulheres” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Adriano manifesta que os acontecimentos que provocam aflições e ressentimento, tanto em homens quanto em mulheres que constituem um relacionamento afetivo-sexual, estão relacionados ao ciúme, que para Adriano é a origem de todas as confusões. Como já advertimos, esta circunstância é descrita em várias investigações que tratam conflitos entre os gêneros. Deste modo, as pesquisas que constroem suas problemáticas de estudo a partir deste tema relatam que “o ciúme, principalmente dos próprios maridos, foi identificado como um defeito que desencadeia brigas” (Cortez e Souza, 2010, p. 136). Como descreve a investigação “A violência contra a mulher”, de Cintia Engel (2016), o Brasil possuía a quinta maior taxa de homicídios de mulheres do mundo no ano de 2003, essa taxa vinha crescendo desde a década de 1980 encontrando seu ápice em 1996 com 4,6 mulheres mortas a cada 100 mil habitantes, depois desse ano a taxa decaiu chegando a 3,9 em 2007, porém nos anos seguintes, voltou a crescer alcançando em 2012 a taxa de 4,8 mulheres mortas a cada 100 mil habitantes. De 2009 até 2019, de acordo com o IPEA, 50.056 mulheres foram assassinadas no Brasil, nestes dados encontram-se as mulheres que foram vitimadas em decorrência da violência doméstica ou familiar, quando há menosprezo ou discriminação à condição de mulher e também as vítimas da violência em geral, como roubos seguidos de mortes e outros conflitos.

Nosso sujeito de estudo relata o seguinte: “o que mais raiva provoca ao casal é o ciúme, ele é o responsável das brigas e da violência no relacionamento” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Para Guilherme uma situação que provoca desconforto aos homens nos relacionamentos afetivo-sexuais, é quando as mulheres se acham superiores a seus companheiros e tentam humilhá-los e diminuí-los. Já as atitudes que decepcionam e magoam as mulheres por parte dos homens, é a traição e a falta de compreensão por parte de seus companheiros que não entendem as mensagens que elas transmitem. Mais uma vez a traição é mencionada como uma circunstância que suscita ressentimento nos relacionamentos, como explica Berenice Bento (2015), ciúmes e traições são conceitos centrais em uma relação afetivo-sexual, os casais estão atrelados à exclusividade sexual e qualquer intento por quebrar esta restrição é motivo de conflitos. Guilherme menciona o seguinte:

“...o que irrita os homens muitas vezes é quando suas companheiras se mostram superiores a eles, não é que elas sejam menos importantes no relacionamento, porém estou falando, quando elas querem desmerecer e humilhar o seu companheiro achando que o papel do homem não é tão

importante, quando uma mulher desmerece o homem pode acontecer violência, tanto verbal quanto física” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Para Roberto os acontecimentos provocados pelas mulheres que magoam os homens, também estão atrelados ao desrespeito e ao ciúme. Nosso sujeito de estudo cita como exemplo, quando algumas mulheres que têm um relacionamento querem aparentar uma vida de solteira e utilizam roupas inadequadas como saias curtas, esta postura tende a desencadear atitudes violentas por parte dos homens. Em referência à esta circunstância, relacionada a um certo tipo de vestimenta que utilizam as mulheres, o IPEA em 2014:

...observo por meio de uma pesquisa a nível nacional, o quanto as pessoas ainda naturalizam e justificam a violência sexual contra a mulher, como, por exemplo, quando o 26% da amostra afirmou que mulheres que usam roupas ‘provocantes’ merecem ser atacadas. Desse modo, percebe-se o quanto crenças sociais sobre a conduta feminina tendem a se manter por boa parte dos membros da sociedade brasileira (Albuquerque, 2019, p. 91).

Outro acontecimento citado por Roberto que provoca ressentimento aos homens está relacionado com os gastos excessivos de suas companheiras. Por exemplo, quando algumas mulheres têm a pretensão de ser mantidas economicamente, e não dividem as despesas com seus companheiros, segundo nosso sujeito de estudo. Já o que decepciona as mulheres em relação aos seus companheiros, é quando eles pretendem levar uma vida de solteiros sendo casados, ou quando têm amizades com mulheres.

Surge novamente no relato de nosso entrevistado o ciúme como um fator causante de mágoa. Em referência a esta circunstância, Queiti Oliveira, em seu trabalho com adolescentes, descreve que:

A infidelidade e o ciúme destacaram-se como disruptores de conflitos e brigas; humilhações e agressões entre namorados, foram consideradas graves pela maior parte dos adolescentes, entretanto, a infidelidade pode justificar agressões, refletindo normas de gênero tradicionais que legitimam a violência” (Oliveira 2014, p.55).

Roberto, relata o seguinte:

“...o que deixa irritado aos homens é o desrespeito, quando a mulher casada quer ter uma vida de solteira, de querer usar roupas curtas para fazer ciúme ao marido. Tem mulher que gosta dessas coisas, isso provoca violência, também quando a mulher gasta muito e não quer dividir as contas da casa, tem mulher que quer ser mantida pelos homens, como antigamente, aí tem maridos que perdem a cabeça e partem para agressões, tem mulher que gasta muito com o cartão, então eu acho que o que faz perder a cabeça aos homens é o ciúme e os

gastos que fazem as mulheres; e o que faz enraivar às mulheres dos homens é que eles queiram levar uma vida de solteiros e que tenham como amizade a outras mulheres” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

De acordo com Maurício as ações que as mulheres executam e que provocam o ressentimento dos homens com os quais se relacionam, estão associadas com o descumprimento das tarefas domésticas, como por exemplo não deixar o almoço pronto, não limpar a casa ou não se ocupar dos filhos, destacamos no relato de Maurício, suas concepções patriarcais que tentam sujeitar as mulheres a ter mais obrigações do que seus companheiros, em particular na esfera familiar. Por sua vez, entendemos por patriarcado o mesmo que José da Silva (2014), uma organização social hierárquica e ideológica que justifica a opressão contra as mulheres em geral e a de determinados homens aos quais marginaliza. Já o que fazem os homens que provocam o desconforto em suas companheiras, é que eles lhes sejam infiéis, que bebam em excesso e que não levem dinheiro para casa. Maurício relata o seguinte:

“...os homens ficam irritados quando a mulher não liga para nada, não faz o almoço, a pia fica cheia de pratos, os filhos estão todos sujos, isso aí acaba com o casamento e faz pirar ao homem, dar raiva demais, e o que irrita as mulheres é que o homem seja cachaceiro e raparigueiro e que não bote dinheiro em casa” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Para Orlando as práticas desenvolvidas tanto por homens quanto por mulheres que tem o potencial de magoar a ambos num relacionamento são as traições. Para ele as infidelidades são as piores de todas as desgraças que acontecem entre os casais. Orlando descreve o seguinte: “a traição é o que faz perder a cabeça aos homens e as mulheres, a traição é o início de todas as desgraças nos relacionamentos, nem Jesus se salvou da traição” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Gustavo é outro de nossos entrevistados que menciona as infidelidades e a desconfiança como as principais razões pelos desconfortos entre homens e mulheres que constituem um relacionamento. Segundo nosso sujeito de estudo, estas situações desestabilizam emocionalmente tanto a homens quanto a mulheres. Ele manifesta o seguinte: “a desconfiança, a traição, não ter respeito em casa, isso acaba com a família, isso magoa tanto homens quanto mulheres” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

De acordo com Marcelo as práticas desenvolvidas pelas mulheres nos relacionamentos afetivo-sexuais que provocam o ressentimento de seus companheiros, estão relacionadas com a traição que para nosso sujeito de estudo é insuportável. Para as

mulheres o que provoca mágoa e ressentimento nos relacionamentos, são os julgamentos machistas que seus companheiros lhes proferem. Marcelo diz o seguinte: “para os homens, a traição é insuportável, já para as mulheres, o que as deixa irritadas é o machismo do homem” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

No relato de Marcelo a traição da companheira é algo insuportável, em relação a esta situação, como descreve Sócrates Nolasco (1993), os homens brasileiros, assim como os latino-americanos em geral, apresentam um padrão de homem chamado de “macho latino”, para este arquétipo masculino, quando as infidelidades partem dos homens são aceitas e celebradas por eles, porém, quando partem das mulheres, sucede o efeito contrário, e as infidelidades são punidas.

Segundo as reflexões de Diogo o que decepiona os homens em relação as mulheres com as quais se relacionam, é que elas não sejam diretas com aquilo que querem. Já o que magoa as mulheres é que o homem não colabore com as tarefas domésticas. Diogo diz o seguinte:

“...o que irrita os homens é que as mulheres não sejam diretas com o que elas querem, quando ela quer alguma coisa, porém não fala, ela dá indiretas que se você não entender, aí começam as brigas. Já o que magoa as mulheres de seus companheiros é que eles não façam nada em casa, como as tarefas diárias, isso provoca brigas” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Concluimos este ponto destacando que para nossos sujeitos de estudo, o que ressoante e aflige tanto a homens quanto a mulheres que se relacionam são geralmente as traições e o ciúme. Estas situações foram descritas na maioria dos relatos de nossos entrevistados e também nas investigações que utilizamos para analisar o material etnográfico. Surgiram algumas particularidades: em primeiro lugar alguns de nossos sujeitos de estudo relataram que as tentativas de domínio e controle por parte de algum integrante do relacionamento é uma situação que gera atrito; em segundo lugar o machismo e a falta de liberdade são circunstâncias que, de acordo com os homens que participaram desta pesquisa, incomodam as mulheres com as quais se relacionam; a última das particularidades mencionadas por alguns de nossos sujeitos de estudo é a falta de compreensão que apresentam determinados homens que constituem estes tipos de relações, provocando desconforto nas suas companheiras.

4. As diversidades do gênero: transgêneros e cisgêneros.

Neste ponto de nosso trabalho examinamos quais são as definições que nossos sujeitos de estudo dão aos termos transgêneros e cisgêneros, com o intuito de analisar as significações que nossos entrevistados elaboram das nomenclaturas que na atualidade adquirem os gêneros.

Conforme o material etnográfico, notamos demasiada desinformação sobre estes conceitos. Em referência ao termo transgênero, alguns de nossos sujeitos de estudo conseguiram caracterizá-lo, já o conceito cisgênero nenhum deles conseguiu defini-lo.

Dos entrevistados que deram alguma definição do conceito transgênero, temos José. Ele alega que este é um termo relacionado as pessoas que nascem com características fisiológicas diferentes das que almejam e manifesta não saber o que significa o termo cisgênero. José diz o seguinte: “transgênero é uma pessoa que nasce com um corpo, porém sua cabeça diz que é outra coisa, e não sei que significa cisgênero” (JOSÉ, informação verbal.)

Cláudio define transgênero quando uma pessoa não se identifica com o aparelho genital de nascença. Argumenta sua resposta por meio de um binômio lúdico, onde meninos jogam bola e meninas brincam com bonecas, a transgressão desta regra implica um desvio da norma, dado que a priori, já estão estipulados quais são os jogos para meninos e meninas, acontecendo o mesmo com os gêneros, que apresentam regras pré-estabelecidas para cada um deles. Nosso sujeito de estudo diz o seguinte:

“...transgênero é isso que nasce com um sexo e não se identifica com ele, no sentido que você é menino e não quer jogar com uma bola e brinca com bonecas, se arruma de mulher, e as mulheres brincam com coisas de meninos. Não sei o que significa cisgênero” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Já Adriano relaciona o termo transgênero com a homossexualidade, confundindo orientação sexual com identidade de gênero. Nosso sujeito de estudo relata o seguinte: “o transgênero é um homossexual e não sei que é cisgênero” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Para Guilherme uma pessoa transgênero é aquela que nasce com um corpo de homem, porém se sente mulher. Guilherme menciona o seguinte: “é uma pessoa que nasce com o corpo de um homem, porém se sente mulher, não sei que significa cisgênero” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Para Roberto uma pessoa transgênero é aquela que nasce homem, porém se entende e se veste como mulher. Não obstante, sabemos que o fato de se vestir como mulher, como por exemplo os crossdresser e drag queens, não significa que uma pessoa seja transgênero. Relata o seguinte: “é um homem que se acha mulher, que se veste como mulher. Não sei que é cisgênero” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

De acordo com Diogo transgênero é um homem que se sente mulher, ou uma mulher que se sente homem. Diogo foi o único de nossos sujeitos de estudo que relacionou este termo com homens transgêneros, o resto dos entrevistados se limitou a identificá-lo com mulheres transgênero, ou simplesmente como uma pessoa que não se conforma com suas genitais. Diogo menciona o seguinte: “transgênero é um homem que se sente mulher, ou uma mulher que se sente homem, só não sei o que é cisgênero” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Já Maurício, Orlando, Gustavo e Marcelo não conseguiram definir nenhum dos dois conceitos, consideramos que isto demonstra as características ciscentristas que ainda compartilham alguns indivíduos que integram as sociedades contemporâneas, como a brasileira.

Como conclusão destacamos que a maioria de nossos sujeitos de estudo têm conseguido dar alguma definição sobre o conceito transgênero. Em relação a esta circunstância, é interessante ressaltar o fato que este termo é associado a maioria das vezes à figura das mulheres transgêneros. Os homens transgêneros foram mencionados apenas por um de nossos entrevistados, deste modo fica claro que os homens transgêneros ainda não têm a mesma visibilidade que as mulheres transgêneros. Já o conceito cisgênero, como demonstra o trabalho de campo, é um termo absolutamente desconhecido pelos homens que participaram desta investigação.

Finalizando este capítulo que visa esclarecer o segundo de nossos objetivos específicos, passaremos a desenvolver o capítulo número cinco destinado a analisar os modos que nossos entrevistados significam a violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais, alcançando deste modo o último de nossos objetivos.

CAPÍTULO V: SOBRE A VIOLÊNCIA

Como especifica Andrea Mesquita (2016), para analisar o tipo de violência enquadrada nos relacionamentos afetivo-sexuais é imprescindível entender a perspectiva androcêntrica da sociedade brasileira, marcada por um arquétipo viril que aspira ser o modelo das práticas sociais em geral. Neste contexto, a violência contra as mulheres é muitas vezes consentida por instituições religiosas, partidos políticos, famílias, filmes, músicas, novelas, propagandas, etc. Esta circunstância de cunho preconceituoso, machista, classista e racista, é também produzida e reproduzida pelos indivíduos que participaram de nossa pesquisa.

Este capítulo tem como eixo de análises à violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais. No primeiro item analisamos as formas em que nossos sujeitos de estudo significam à violência de modo geral, e quais são suas características principais. No segundo ponto examinamos como os homens que participaram desta investigação representam e classificam à violência no contexto específico dos relacionamentos afetivo-sexuais. O terceiro item do capítulo aborda as interpretações de nossos sujeitos de estudo referentes às origens da violência suscitada nestes contextos. No quarto ponto exploramos quais podem ser para nossos entrevistados, as soluções destinadas a diminuir ou acabar com a violência constituída nestes tipos de relacionamentos. O quinto item é destinado a descrever e analisar as reflexões de nossos sujeitos de estudo, referentes a que ou quem inspira os homens a serem violentos nos relacionamentos afetivo-sexuais. No sexto ponto elucidamos se os relacionamentos afetivo-sexuais contemporâneos são mais ou menos violentos que em tempos passados. O sétimo item deste capítulo é destinado às análises das reflexões que apresentam nossos sujeitos de estudo sobre a Lei Maria da Penha. No ponto oito examinamos os relatos de nossos entrevistados, referidos às suas experiências com situações violentas, indagando se já testemunharam agressões entre casais e se alguma vez foram violentos com suas companheiras. E finalmente no nono ponto deste capítulo, analisamos quais relacionamentos são mais violentos para nossos sujeitos de estudo, se os cishomoafetivos ou os cisheteroafetivos.

1. Sobre as significações da violência em geral.

Neste ponto, partindo da perspectiva teórica de Veena Das (2020), para quem uma etnografia da violência deve ser feita a partir das testemunhas e experiências dos indivíduos com os quais trabalhamos, deste modo, descrevemos e analisamos as formas que nossos sujeitos de estudo interpretam e significam a violência de modo geral.

Conforme o trabalho etnográfico, todos os nossos entrevistados representam à violência como um fenômeno negativo, que pode ser concreto, ligado às formas de violência física ou verbal; ou abstrato, relacionado com tipos de violência como a psicológica, simbólica ou moral.

José define a violência como toda forma de agressão verbal ou física. Suas reflexões não consideram outros tipos de violência que não sejam as palpáveis, deste modo, a violência que se encontra fora do tangível, como por exemplo a psicológica, simbólica ou patrimonial não figuram em seu horizonte reflexivo. Nosso sujeito de estudo diz o seguinte: “a violência é qualquer forma de agressão física ou verbal” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Para Cláudio a violência de modo geral é um conceito multideterminado, relacionado com drogas, pobreza e política. Reflexões similares surgem em investigações como a de Adelma Pimentel (2010), para quem a violência também é constituída por múltiplos fatores que chama de risco, como o delito, o alcoolismo e demais dependências químicas que condicionam os fatos sociais e para os quais, segundo esta autora, não há soluções políticas. Cláudio menciona o seguinte:

“...a violência virou muito uma moda relacionada com as drogas, aí muitas vezes o traficante de drogas dá para você drogas que viciam, e depois, quando a droga que o traficante te dá de presente acaba, então pronto... a partir de agora você vai ter que pagar, vai comprar a droga que vou te vender, aí o viciado vai ter que juntar dinheiro para comprar droga, se a família tiver dinheiro ela banca, e se não tiver então ele vai ter que procurar tomar dinheiro de alguém. A violência está relacionada com drogas, com a pobreza e com os políticos de hoje que só aumentam as safadezas, têm políticos que são violentos, que geram violência, a violência está relacionada com a sociedade que eles fazem” (CLAUDIO, 2023. Informação verbal).

Adriano define à violência de modo geral como diferentes formas de magoar alguém, que podem ser verbais, físicas ou por meio de atitudes que nosso sujeito de estudo não especifica. Adriano descreve o seguinte: “ser violento é magoar alguém com a boca, com atitudes ou com a mão” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Guilherme também representa a violência em geral, como formas de agressões concretas que podem ser físicas ou verbais; nosso sujeito de estudo menciona que o desencadeante da violência física, que descreve como uma confusão total, são as agressões verbais. Guilherme diz o seguinte: “a violência é uma agressão verbal que pode chegar ao ponto de se transformar em uma agressão física, que é a confusão máxima” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Para Roberto o conceito de violência está relacionado com agressões físicas, é um ato errado influenciado por experiências pessoais relacionadas à família e condicionado pela televisão. Roberto menciona o seguinte:

“...a violência para mim é o fim de tudo, acho que quando alguém parte para a violência está totalmente errado, às vezes você parte para a violência e pensa que vai resolver as coisas, você faz isso porque já vivenciou situações assim, vivenciou isso com sua mãe e seu pai, dentro de sua família; e a televisão também, ela afeta ao cérebro, você assiste muita violência aí, então você repete o que assiste na televisão, aí você acha que é normal bater em fulano porque você viu isso na televisão, assim você bate em todo mundo” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Para Maurício a violência é um termo amplo, onipresente, que surge em todo lugar e que está atrelado às péssimas condições econômicas que atravessam a sociedade brasileira. Maurício menciona que ninguém escapa da violência e que até as instituições governamentais como as forças da ordem são agressivas e violentas com os cidadãos de bem. Ele relata o seguinte:

“...é complicado falar de violência porque tudo na vida é violento, você vai aí e tem um assalto, a polícia é violenta com os cidadãos corretos, tudo na vida tem violência, você está sentado, tranquilo e tem medo de ser roubado, a violência para mim está em todo canto” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Orlando define à violência como um conceito atrelado a mentiras, desrespeito e desonestidade. Como exemplo daquilo que representa à violência, mencionando um assalto que sofreu em sua casa. Orlando relata o seguinte: “a violência é a mentira, o desrespeito, a desonestidade, isso é violência, eu mesmo sofri violência faz poucos dias, fui assaltado em minha casa, roubaram meu celular” (ORLANDO, 2023. Informação Verbal).

Gustavo conceitualiza a violência em geral como a ausência de Deus, de uma Igreja ou de uma religião. Para nosso sujeito de estudo quando não há religião há

violência. Gustavo menciona o seguinte: “a violência é quando não há Deus, quando você não procura uma Igreja, a violência é falta de religião, isso gera violência” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

Para Marcelo a violência em geral, está ligada à intolerância. Diz o seguinte: “a violência é a intolerância” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

Diogo descreve a violência como uma prática de índole psicológica, destinada a diminuir as pessoas, segundo ele este tipo de violência é mais prejudicial que a física. Para nosso sujeito de estudo, a violência psicológica é aquela que perdura no tempo e é o prelúdio da violência física. Diogo afirma o seguinte:

“...a violência de modo geral é a violência psicológica, quando você diminui outra pessoa, assim você provoca a outra pessoa, isso pode partir para uma violência física, então a violência psicológica é a pior, é aquela que perdura no tempo, você tem na escola alguém que está constantemente te humilhando e menosprezando, aí chegará um momento em que você partirá para uma agressão física, para mim a violência psicológica dura mais tempo que a física” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Concluimos este ponto do trabalho mencionando que para nossos sujeitos de estudo, a violência de modo geral é um conceito relacionado com dois tipos de agressões, por um lado as palpáveis ou concretas, como a violência física ou verbal e por outro as abstratas, como as formas de violência psicológica ou simbólica. Como singularidades sobre a representação deste termo por nossos sujeitos de estudo, ele foi associado ao delito e a ausência de alguma religião.

2. Sobre as significações da violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais.

Neste item da pesquisa, analisamos os modos em que nossos sujeitos de estudo significam e caracterizam a violência surgida no contexto específico dos relacionamentos afetivo-sexuais que, como detalha Juliana Albuquerque (2019), começa geralmente na adolescência.

As fontes bibliográficas consultadas sobre este tema manifestam que:

...o comportamento de agredir as parceiras decorre das concepções tradicionais do gênero, e ressaltam a importância de investigar como homens e mulheres significam a violência para compreender os comportamentos violentos nas relações conjugais. (Cortez e Souza, 2010, p. 132).

Em relação a esta circunstância, para Daniel Welzer-Lang, os homens que são agressivos:

...definem a violência que exercem sobre sua companheira como um continuum de violência física, psicológica, verbal e sexual associado a uma intenção; intenção de dizer, de exprimir um sentimento, um desejo ou uma vontade. ‘Era para dizer a ela... para mostrar a ela’ explicam eles quando desistem de negar (Welzer-Lang, 2004, p. 114).

José significa a violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais, como uma prática destinada a diminuir e rebaixar um dos integrantes do relacionamento, neste caso a mulher. Deste modo, o significado que adquirem as agressões, para nosso sujeito de estudo não apresentam uma conotação palpável, como podem ser insultos ou golpes, senão uma especificidade subjetiva que poderíamos enquadrar no campo da violência simbólica ou psicológica. Esta forma de representar-se este tipo de violência, aparece também nas investigações de autores, como José da Silva (2014), para quem as agressões suscitadas nas relações afetivo-sexuais, aspiram afirmar a superioridade de um dos casais sobre o outro; em relação a esta circunstância, a pesquisa de Adelma Pimentel (2010), menciona que a violência descrita por seus entrevistados é utilizada para humilhar e desqualificar as suas companheiras. Nestas práticas, se faz explícita, segundo Pierre Bourdieu:

...a submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento (Bourdieu, 2012, p.7).

José manifesta o seguinte: “esse tipo de violência seria tratar de diminuir a parceira” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Para Cláudio, a violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais está relacionada ao desrespeito, deste modo, o significado que este termo adquire, não apresenta uma conotação física. Nosso sujeito de estudo menciona o seguinte: “a falta de respeito, essa é a violência mais comum nos relacionamentos” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Adriano, define este tipo de violência, relacionada às circunstâncias forçadas que acontecem quando um dos casais já não quer o relacionamento. Deste modo, segundo nosso sujeito de estudo, obrigar uma pessoa a permanecer em uma relação contra sua vontade é o significado que adquire a violência. Como descreve Byung-Chul Han (2019),

nestas situações se emite uma mensagem: você me pertence, mesmo que não concorde, você não vai sair deste relacionamento. Nosso sujeito de estudo relata o seguinte:

“...a violência nos relacionamentos é algo forçado, ela acontece quando uma pessoa já não quer continuar com esse relacionamento, porém, é obrigada a continuar, eu vou forçar àquela pessoa a ficar comigo, vou ameaçar ela” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Para Guilherme, a violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais pode ser caracterizada como menosprezo e falta de consideração. De acordo com nosso sujeito de estudo, estas são as primeiras instâncias da violência, que podem terminar em agressões físicas ou verbais. Guilherme menciona o seguinte:

“...é quando um homem ou uma mulher se sentem menosprezados por seus companheiros, sua mulher não considera o que ele pensa para fazer evoluir o casamento, se isto continuar, podem partir para agressões físicas ou verbais” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Segundo Roberto, a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais é algo que não deveria existir. Ele menciona que, na época de seus pais, não era frequente um homem agredir uma mulher ou uma mulher a um homem; nestas reflexões, é interessante destacar que para nosso sujeito de estudo, a violência é duplamente direcionada, podendo partir de ambos. Em referência a este tipo de agressões, especificamente aquelas que partem das mulheres, Queiti Oliveira menciona que:

...em relação à garota humilhar ou agredir o namorado, a maioria das respondentes avalia estes atos como graves (acima de 90% do total), independente da prática pessoal ou não de agressão física no namoro. Quando, porém, se acrescentam motivações para as agressões físicas embasadas em ciúmes ou fundamentadas na exigência de fidelidade no relacionamento afetivo, cresce substancialmente o percentual de garotas que concorda com a legitimidade das agressões físicas. (Oliveira, 2017, p. 63).

Para Roberto, este tipo de violência, está atrelada à falta de uma religião e de Deus. Manifesta que a mesma, faz parte da obsessão que têm alguns homens pelas mulheres que são suas companheiras, achando que lhes pertencem. Roberto menciona o seguinte:

“...a violência no casamento não deveria existir para mim, até porque antigamente, na época de meus pais, era muito raro ver isso de um homem bater em mulher ou a mulher bater em homem. A violência dentro do casamento é por falta de Deus no coração, falta de uma religião, você é casado com uma mulher, porém, ninguém é dono de ninguém, às vezes têm caras que acham que são os donos da mulher, chegam até bater, muitos homens que tem

uma obsessão pelas mulheres, se acham os donos” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Maurício, define a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais, como atos desrespeitosos que praticam os casais e que derivam em agressões. Nosso sujeito de estudo, exemplifica estes atos violentos, quando o homem bebe em excesso e agride fisicamente a sua companheira, segundo nosso entrevistado, nestas circunstâncias, pode acontecer que a mulher revide a agressão, deste modo, se faz explícito em seu relato a bidirecionalidade da violência nestes tipos de circunstâncias. Maurício é outro de nossos entrevistados que, como menciona Jullyane Brasilino (2010), explicam este tipo de violência sem reduzi-la ao dualismo vítima/algoz, já que para ele as agressões são executadas por ambos. Maurício menciona o seguinte:

“...é um homem que não respeita à mulher e uma mulher que não respeita ao homem, aí surge a violência, também quando um cara chega bêbado e dá em sua mulher, aí a mulher pode meter uma facada nele, a violência é falta de respeito, quando o homem sai e chega bêbado aí vira violência porque a mulher não vai aguentar, vai insultar ele, aí ele vai dar nela” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Orlando refere-se à violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais como uma forma de agressão física praticada por ambos. Para ele, este tipo de violência também é bidirecionada. Orlando relata que a falta de honestidade deve ser considerada uma agressão. Nosso sujeito de estudo diz o seguinte: “é violência quando se batem fisicamente entre os casais, seja homem ou mulher que bate, a violência também é a desonestidade” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Gustavo, define a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais como um conceito atrelado ao desrespeito, segundo nosso sujeito de estudo, alterar a voz já é um ato violento que pode ser executado por alguns dos casais. Cita como exemplos deste tipo de violência as agressões físicas, verbais e o feminicídio. Um dado importante que merece ser destacado no relato de Gustavo, é que segundo ele, os feminicídios crescem porque as mulheres não respeitam seus companheiros, por sua vez, os homens exigem de suas companheiras um respeito que eles não dão, esta circunstância seria a razão dos assassinatos de mulheres. Gustavo manifesta o seguinte:

“...a violência é desrespeito, quando alguns dos casais altera a voz, isso já é violência, por isso que crescem os feminicídios, porque a mulher não tem mais respeito pelo homem e os homens exigem um respeito que eles não dão” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

Marcelo, significa à violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais, como uma circunstância derivada dos modos de pensar antagônicos que apresentam os casais. Nosso sujeito de estudo descreve dois modos de violência que se dão nestas situações, as agressões físicas e as emocionais. Marcelo relata o seguinte: “a violência nos relacionamentos é o resultado dos pensamentos diferentes entre os casais, aí vem a violência física, que é a pior, também tem violência emocional que acontece nestes casos” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

Diogo define a violência praticada nos relacionamentos afetivo-sexuais, como agressões de índole psicológica bidirecionadas, relacionadas com humilhações que logo derivam em agressões físicas. Em referência à esta circunstância, Lia Machado (2004) manifesta que:

...não são poucos os conflitos domésticos e amorosos em que as agressões verbais são recíprocas, e igualmente fortes e graves entre homens e mulheres. Mas o exercício da violência física, quer seja entendida como disciplinar ou como demonstração de poder (evocador ou não de legitimidade compartilhada), parece ser atributo preferencial masculino, no qual os homicídios seriam o ponto final de uma escalada de violência física. (Machado, 2004, p. 48).

Sobre esta situação, Diogo menciona o seguinte: “a violência é ser violento psicológica e fisicamente, é humilhação, fazer brincadeiras de mal gosto, diminuir tua parceira ou parceiro, a violência psicológica no relacionamento é a principal forma de violência” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Como conclusão deste ponto, destacamos que as significações da violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais, para nossos sujeitos de estudo, têm sido heterogêneas. Para uma parte dos entrevistados, este conceito está relacionado com o desrespeito entre os casais, que deriva em agressões físicas e verbais que podem ser executadas tanto por homens quanto por mulheres. Outro grupo manifesta que este tipo de violência está relacionado com abusos psicológicos, como as humilhações, que em alguns casos são bidirecionados. É preciso destacar que nos relatos dos entrevistados se distinguem três tipos de violência: física, verbal e psicológica, ficando fora de seus horizontes subjetivos outras formas de violência como a patrimonial ou sexual.

Também surgiram singularidades que merecem ser ressaltadas, como por exemplo, alguns dos homens que participaram desta pesquisa representam este conceito como obsessões que levam a forçar um dos integrantes do casal a permanecer em

relacionamentos indesejados; outro de nossos entrevistados, relacionou este tipo de violência com a falta de religião.

Em referência à bidirecionalidade das agressões que surgiu em numerosas reflexões de nossos sujeitos de estudo, é necessário destacar que, como menciona Heleieth Saffioti (2015) “o vetor mais amplamente difundido da *violência de gênero* caminha no sentido do homem contra a mulher, tendo a falocracia como caldo de cultura” (Saffioti, 2015, p. 75). Em relação a esta circunstância o artigo “O feminicídio em 2023”, de Samira Bueno *et. al.* (2024), manifesta que durante o ano 2023 foram vítimas de feminicídio no Brasil 1.463 mulheres, uma taxa de 1,4 mulheres mortas para cada 100 mil habitantes, um crescimento de 1,6% comparado ao ano anterior. O sustento destes trágicos acontecimentos é o machismo, principal elemento da estrutura patriarcal que coloca as mulheres como objetos a serem possuídos.

3. O germe da violência: as razões e causas das circunstâncias violentas para nossos sujeitos de estudo.

Neste item, descrevemos e examinamos as origens da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais, quais são suas razões e causas para nossos sujeitos de estudo. Para José, a causa da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais é produto da intolerância e do desacordo entre os casais, que acontecem quando um deles não quer ceder ante certas circunstâncias; outras das causas são as experiências mal vividas pelos indivíduos que constituem estes relacionamentos, que para José condicionam suas condutas, fazendo deles pessoas violentas.

Não é uma novidade que traumas, maus tratos e falta de afeto vivenciados pelas pessoas durante um certo período de suas vidas são as possíveis origens de condutas violentas que se manifestam nos relacionamentos afetivo-sexuais. Em relação a esta circunstância, Sócrates Nolasco, manifesta que muitas vezes a “violência masculina alimenta-se da negação das necessidades afetivas de uma criança não atendida, que busca por seu intermédio se fazer expressar. De uma criança voraz, que não tem sido ouvida ou reconhecida em suas necessidades” (Nolasco, 1993, p. 48). Marcela Zamboni e Helma Oliveira (2016), manifestam que as vivências violentas nas trajetórias de vida dos indivíduos podem condicionar às práticas agressivas que surgem nos relacionamentos deles. José menciona o seguinte: “a causa da violência entre casais é a intolerância, quando uma pessoa não cede, aí surge a violência, também devido às experiências que

vivem os casais, as pessoas são violentas conforme o que tem vivido” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Para Cláudio, a causa da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais é o desrespeito, diz o seguinte: “acho que a principal causa da violência entre casais é a falta de respeito entre eles” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Para Adriano, a violência nestes tipos de relacionamentos, é causada pelas relações forçadas que se suscitam quando um obriga o outro a permanecer no relacionamento contra sua vontade, esta circunstância foi relatada em outras ocasiões por nossos entrevistados e prevista também por diferentes trabalhos, como, por exemplo, o de Berenice Bento (2015), esta autora relata que muitas vezes, quando um casal decide separar-se, alguns homens sentem que estão perdendo o controle sobre a mulher que era sua companheira, e para recuperá-lo, tentam mantê-las no relacionamento.

A traição e a falta de atenção dos homens às suas companheiras, também são para Adriano as origens de situações violentas, ele relata o seguinte:

“...acho que os relacionamentos se voltam violentos quando uma pessoa é forçada a ficar com outra, aí surge a confusão, a violência nos casamentos e namoros começam assim, quando uma pessoa começa a ser violento com sua parceira, está procurando alguém na rua, eu estou falando do homem que é mais violento, aí também quando o homem arruma outra mulher na rua, ele começa a ser violento com a que tem em casa, despreza sua esposa, não dá mais carinho, não dá atenção, não dá um chocolate, isso aí é o começo das confusões” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Guilherme, também manifesta que uma das causas da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais, é porque um integrante do casal não sai do relacionamento por temor a não encontrar outro companheiro ou companheira, nosso sujeito de estudo relata o seguinte:

“...os relacionamentos violentos existem quando um dos casais não entende os sentimentos do outro e apenas querem estar juntos porque têm medo de terminar esse relacionamento e não conseguir outra pessoa, não encontrar mais ninguém, aí acontece que continuam aceitando até os namoros e casamentos violentos” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Segundo Roberto, a razão da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais, é devido à impunidade que os homens acreditam ter para agredir suas companheiras, segundo nosso sujeito de estudo, mesmo com as novas leis que assistem às mulheres nestas situações, os índices de agressões e feminicídios aumentaram, devido a alguns

homens considerarem que agredir ou assassinar uma mulher, não vai implicar em nenhuma consequência severa, e em alguns anos estarão fora das prisões e livres de processos judiciais; em referência a esta circunstância, nosso entrevistado manifesta que a legislação brasileira não é rígida como em outros países, onde as pessoas que praticam atos violentos em seus relacionamentos recebem condenações severas.

Um dado interessante é que para Roberto não há no relacionamento um indivíduo mais violento que o outro, eles são violentos por igual. Em referência a esta circunstância, nosso entrevistado relata que assiste na televisão a mulheres sendo ainda mais violentas que seus companheiros. Estes argumentos são inexatos, já que todas as pesquisas que tratam esta problemática, indicam que a maioria das agressões que acontecem nos relacionamentos afetivo-sexuais são executadas por homens.

Outra das causas que menciona Roberto sobre este tipo de violência está relacionada ao consumo de álcool e drogas. Reflexões similares surgem em investigações como a de Jullyane Brasilino (2010), esta autora enfatiza que o consumo de bebidas e substâncias psicotrópicas exacerbam os comportamentos agressivos, principalmente os dos homens. Nosso sujeito de estudo relata o seguinte:

“acho que a violência nos relacionamentos existe pela impunidade, é assim, se você pega uma estatística da Lei Maria da Penha, você vai ver que hoje existe mais morte, mais boletins de ocorrência e mais violência que antes que criaram essa lei, existem mais agressões de homem bater em mulher e de mulher bater em homem, porque para mim o cara pensa o seguinte, se eu for bater eu serei preso, então eu vou matar, acho que eles pensam dessa forma e eles matam mesmo, e daqui a três ou quatro anos estão na rua, isso é impunidade, você tira a vida de uma pessoa que até tem filhos com ela e daqui a pouco você está solto, aqui não é como em outros países que a pessoa que mata pega prisão perpétua ou pena de morte, eu sou a favor da pena de morte” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Para Maurício, a causa da violência nestes tipos de relacionamentos é produto do mau caráter dos casais, isto deriva em violência física por parte de ambos. Deste modo, para ele, a violência neste contexto é bidirecionada. Nosso entrevistado comenta que tem pessoas que quanto mais apanham mais gostam, e que não há nos relacionamentos um indivíduo mais violento que o outro, os dois são violentos por igual, inclusive relata que hoje em dia, têm muitas mulheres que são mais violentas que seus companheiros. Esta hipótese, como já mencionamos, é refutada por vários autores que tratam este tema, como por exemplo, Pierre Bourdieu (2012), para quem é perceptível que os homens são muito mais violentos e agressivos que as mulheres em todos os contextos que pudéssemos analisar. Nosso sujeito de estudo relata o seguinte:

“...os relacionamentos violentos surgem porque têm gente que não tem caráter, seja homem, ou seja, mulher, quanto mais apanha mais gosta, aí um dá no outro e vai preso, para mim os dois são violentos, têm mulheres que são mais violentas que os homens, ela dá em seu esposo, ele dá em sua esposa, isso hoje é assim, os dois são igualmente violentos hoje” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Segundo Orlando, um dos principais responsáveis pelas práticas violentas no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais são as bebidas alcoólicas, que transformam os homens em sujeitos agressivos. Em referência à esta circunstância, Heleieth Saffioti manifesta que caberia:

...chamar a atenção dos brasileiros também para a alteração do estado de consciência, no sentido de que o uso constante de álcool, por exemplo, não somente pode provocar acidentes de trânsito como, igualmente, violência contra outrem. (Saffioti, 2015, p. 17).

Para Orlando, tampouco existe um casal mais violento que outro, tanto homens quanto mulheres são igualmente violentos, alega que hoje, ambos são presos por agredirem-se mutuamente. Nosso sujeito de estudo comenta o seguinte:

“...isso passa sempre em televisão, os relacionamentos violentos, os homens espancam mulheres, aí ela fica com medo de denunciar, os casamentos violentos existem talvez pela cachaça, ela é a responsável dessa violência, o homem se transforma com essa bebida, aí se ele passa do limite, ele agride a qualquer pessoa, até sua mulher, o álcool gera essa violência. Para mim, tanto homem quanto mulher são iguais de violentos hoje, tem mulher presa por matar homem e tem homem preso por matar mulher, os dois são violentos por igual, as mulheres agora também estão assaltando e matando” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Para Gustavo, traição, falta de amor, desrespeito e falta de paciência, são os responsáveis pelas práticas violentas que acontecem nos relacionamentos afetivo-sexuais; para ele, os homens são os responsáveis pela maioria dos atos violentos que acontecem nestes relacionamentos. A traição e o medo de ser traído, que surgem no relato de Gustavo, não são novidades, estas situações são mencionadas em outras investigações, que consideram à infidelidade como um detonante de atos violentos, Sócrates Nolasco (1993) diz o seguinte:

“Os homens crescem sendo incentivados a *enganar* uma mulher, bem como desenvolvem atitudes agressivas de modo a evitar o inverso: ser *enganado* por elas. A predisposição para os dois comportamentos aponta novamente para o que representa uma mulher para um homem, um *objeto temido*, com o qual ele lida fazendo antes o que imagina que lhe possa ser feito. Se ao trair os homens

se sentem engrandecidos, quando são traídos sentem-se esvaziados e sem controle. A mulher não representa simplesmente um objeto descartável, mas um objeto com significado, que mobiliza os homens tanto positiva quanto negativamente” (Nolasco, 1993, p. 141).

A traição é uma questão de honra para os homens no Brasil, deste modo, a “construção hegemônica dos valores do masculino faz lembrar os padrões mediterrâneos da construção simbólica masculina em torno da honra, do controle das mulheres e da disputa entre homens” (Machado, 2004, p. 52). Gustavo relata o seguinte: “a principal causa da violência é a traição, o amor que não existe, o respeito que não existe e a falta de paciência. Para mim quem é mais violento é o homem, geralmente é ele” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

De acordo com Marcelo, as causas da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais, estão relacionadas com as diferentes formas de perceber a realidade que tem os casais. Para Marcelo, o choque de opiniões origina situações violentas, também para ele, a violência nestes contextos é bidirecionada, porém, são os homens que executam a maioria destas ações violentas, às quais qualifica de extremas. As agressões efetuadas pelas mulheres, são qualificadas por nosso sujeito de estudo como leves e estão relacionadas à violência verbal. Marcelo menciona o seguinte:

“...eles existem porque um casal pensa diferente do outro e não se aceitam os jeitos entre eles, a forma de pensar, tem um choque de pensamentos, essa é a razão da violência, quando um não aceita os desejos do outro. O homem é mais violento que a mulher, ele chega ao extremo, a violência da mulher é verbal, usa palavras fortes, já a do homem é física e até mata” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

Para Diogo, as práticas violentas que acontecem nos relacionamentos afetivo-sexuais, são causadas pela falta de diálogo, quando ele não é fluído entre os casais, as pequenas desavenças viram grandes problemas que terminam em agressões. Diogo é outro de nossos entrevistados para quem este tipo de violência é bidirecionada, sendo o homem mais violento que a mulher, porque quando perde a cabeça, ele agride fisicamente a sua companheira. Segundo Diogo, as mulheres não chegam a estes extremos, elas insultam ou gritam. Nosso sujeito de estudo relata o seguinte:

“...a violência acontece quando não há diálogo entre o casal, se você não conversa com sua parceira sobre algum problema, se você não tenta resolver esse problema, então aparece a violência, a falta de diálogo provoca violência, e para mim o homem é muito mais violento que a mulher porque quando ele perde a cabeça já parte para a agressão física, a mulher quando perde a cabeça

e sua paciência, ela xinga ou grita, não bate” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Concluimos este item, relatando que as causas da violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais descritas por nossos entrevistados foram heterogêneas, destacando-se experiências traumáticas vividas por alguns dos casais, traições, ciúmes, desrespeito, impunidade masculina por agredir mulheres, relacionamentos forçados, drogas, álcool e disparidade de opiniões entre os casais.

Como já mencionamos, cada um de nossos sujeitos de estudo argumentou razões diferentes sobre o germe da violência nestes tipos de relacionamentos, porém, há um dado que consideramos importante destacar: para a metade dos entrevistados, a violência nas relações afetivo-sexuais é bidirecionada, alegando que as agressões neste contexto, partem tanto de homens quanto de mulheres; inclusive um de nossos entrevistados, relata que para ele, as mulheres chegam a ser mais violentas que os homens. Esta afirmação é falsa, as estatísticas refutam este pressuposto, e os homens continuam sendo mais agressivos e suas práticas violentas contra suas companheiras são sempre majoritárias.

4. O antídoto para a violência segundo nossos sujeitos de estudo.

Neste ponto analisamos quais são as propostas de nossos sujeitos de estudo para diminuir ou acabar com a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais, um fenômeno social que, como descreve Andrea Mesquita:

...é extremamente ‘democrático’, porque acontece em todas as classes sociais, em todas as gerações, em todas as raças e etnias, em todos os lugares. Ou seja, é um fenômeno que parte da lógica patriarcal e machista, colocando de um lado a mulher na condição de submissa, e de outro, o homem na condição de dominador e opressor. É um processo de disciplinamento de gênero, o qual ensina tanto para os homens quanto para as mulheres que a mulher é propriedade do homem e tem de se submeter às suas vontades e aos seus processos disciplinadores. (Mesquita, 2010, p. 247).

José não tem muitas ideias sobre como atenuar ou finalizar este tipo de violência, manifesta que o diálogo entre casais é o único modo de diminuir os índices deste fenômeno. Em referência à esta circunstância, consideramos que o diálogo é importante, porém, não é suficiente, como menciona o artigo intitulado “Diferença e igualdade nas Relações de gênero”, de Maria Araújo (2005) apud Raissa Medeiros (2021), somente a partir da libertação dos estereótipos patriarcais ultrapassados, e a consequente construção

de novas formas de agir e comportar-se dos homens, é que a sociedade brasileira poderá se libertar das amarras da violência implícita nos relacionamentos afetivo-sexuais. José menciona o seguinte: “acho que a violência poderia ser diminuída com o diálogo entre homens e mulheres, não sei outra forma” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Para Cláudio, um modo efetivo de extinguir a violência que atinge aos relacionamentos afetivo-sexuais, seria por meio do aumento do respeito e da educação familiar. Ele menciona o seguinte:

“...para diminuir a violência tem que ter respeito um pelo outro, e também pelo ser humano, seja homem ou mulher e também é muito importante ter uma boa educação, porém uma educação familiar, não a educação que dá a escola, aí você aprende outras coisas” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Adriano, manifesta que para diminuir a violência nestes tipos de relacionamentos é necessário evitar os relacionamentos forçados. Ele menciona o seguinte:

“...tem que deixar a pessoa ir, quando não se gostam mais os casais têm que deixar ir em paz um ao outro, finalizar o relacionamento e que sejam felizes com outras pessoas, a violência está aí devido ao relacionamento forçado, para acabar com ela tem que acabar com estes relacionamentos” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Para Guilherme, é possível diminuir a violência nas relações afetivo-sexuais por meio do diálogo, conscientizando os casais a finalizar os relacionamentos quando eles não funcionam. Esta proposta, surgiu em vários trechos de nossa pesquisa. Para Guilherme não se pode forçar uma pessoa a permanecer em uma relação desconfortável.

Outra opção para amenizar a violência de gênero, segundo nosso sujeito de estudo, é ativar os instrumentos que possuem as mulheres para sua segurança, como a Delegacia da Mulher e policiais especializados neste tipo de violência. Guilherme menciona o seguinte:

“...com o diálogo com essa pessoa com a qual você não quer ficar mais, que não quer conviver mais, e quando não se aceita esta vontade, então tem que ir para a delegacia e procurar à polícia porque se continua, muitas pessoas matam porque não aceitam o fim do relacionamento” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Para Roberto, uma das formas de diminuir a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais, é de índole judicial, ele propõe modificar as leis para torná-las mais duras. Também aconselha que as escolas trabalhem mais o tema da violência de gênero,

conscientizando os alunos a não ser violentos em seus futuros relacionamentos. Roberto diz o seguinte:

“...é questão das leis, têm que ter leis mais rígidas, hoje um homem bate em uma mulher e acha que está tudo certo, que não vai dar em nada, então há que criar leis mais duras onde os homens peguem mais anos de prisão. Também há um problema de educação, tem falta de educação, nas escolas também tem que trabalhar muito mais sobre este assunto, educando as crianças, dando palestras, ensinando que os homens têm que respeitar as mulheres e as mulheres têm que respeitar aos homens, hoje não está acontecendo, ajustando as leis e educando sobre a violência de gênero melhora bastante” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Para Orlando, também uma das possíveis soluções para atenuar a violência praticada nos relacionamentos afetivo-sexuais é a separação dos casais que não dão certo, nosso sujeito de estudo menciona o seguinte: “a solução para frear a violência é a separação, quando o relacionamento não dá certo, o casal deve se afastar, tem que acabar” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Segundo Gustavo, um modo de diminuir a violência nos relacionamentos afetivo-sexuais é por meio de cursos oferecidos por instituições governamentais e pelas Igrejas, que tenham como objetivos desenvolver táticas para evitar as práticas violentas entre os casais. Gustavo comenta o seguinte:

“...para frear a violência, tem que ter a iniciativa do governo, dar cursos uma vez por semana sobre violência no casamento e namoros, antes de você se casar tem que fazer esses cursos para ensinar o que fazer, esses cursos também podem ser ditados pelas religiões e suas Igrejas, a religião ajuda muito para os relacionamentos serem menos violentos” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

Segundo Marcelo, para atenuar este tipo de violência, é necessário aumentar a compreensão e a aceitação de certas condutas presentes nos casais que constroem estes tipos de relacionamentos. Nosso sujeito de estudo menciona o seguinte: “a violência se resolve com mais compreensão e aceitação dos comportamentos entre os casais” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

Para Diogo, não há soluções simples para resolver o tema da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais, ele propõe que os casais tenham que estar cientes do tipo de relacionamento que estão desenvolvendo, quando se percebe que a relação é prejudicial para algum dos dois, há que refletir e sair do relacionamento. Diogo diz o seguinte: “não tem uma receita, uma solução simples, você tem que saber se esse é o

relacionamento onde você quer ficar ou não, se você é ciente que está em um relacionamento abusivo é melhor sair” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Já Maurício, contrariando o resto dos entrevistados, declara que não é possível resolver o problema da violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais, já que para ele, a violência é algo instintivo, condicionado por numerosos fatores. Maurício menciona o seguinte: “isso é muito complicado, isso depende de muita coisa, da família, do casal, dos filhos, na real, isso não tem solução devido ao instinto do homem e da mulher que é violento” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

As hipóteses sobre condutas instintivas que são agressivas não são novidades, muitos episódios violentos se justificam por meio destas especulações, é bastante difundida a suposição que homens e mulheres são violentos por natureza; em relação a esta circunstância, Juliana Albuquerque (2019) relata que algumas pessoas acreditam que o instinto masculino é o responsável pelas práticas violentas que os homens executam como, por exemplo, as relacionadas com a violência sexual, isto causa o encobrimento de todo um sistema patriarcal que legitima a violência produzida por eles.

Concluimos este item indicando que a maioria de nossos sujeitos de estudo, considera que a violência nos contextos dos relacionamentos afetivo-sexuais é uma circunstância que é possível diminuir, para tal objetivo se mencionaram várias ações, as mais frequentes foram as de abandonar as relações que não dão certo e fomentar o diálogo entre os casais. Surgiram também singularidades como, por exemplo, aumentar as penas das leis referidas à violência de gênero, incrementar os dispositivos destinados a este tipo de situações como as delegacias especializadas no atendimento de mulheres vítimas de agressões, criar cursos e fomentar debates nas escolas sobre este tipo de violência, e finalmente, aceitar as diferenças entre os casais. Apenas um de nossos entrevistados relatou que não é possível frear este tipo de situação, alegando que o instinto agressivo que apresentam tanto homens quanto mulheres não permite diminuir as agressões produzidas nestes contextos.

Como exercício reflexivo, comparamos os relatos de nossos sujeitos de estudo com as reflexões de operadores jurídicos, tais como juízes, defensores públicos e promotores de justiça da cidade de João Pessoa, que aparecem na investigação de Marcela Zamboni e Helma Oliveira (2016), referidas às sugestões elencadas para combater a violência de gênero; notamos que existem certas correspondências, já que tanto para eles quanto para alguns de nossos entrevistados, algumas das soluções para diminuir este tipo

de violência estão relacionadas com o endurecimento das penas relativas a este delito. Os operadores jurídicos manifestaram o seguinte:

...em termos de políticas públicas, foram elencadas as seguintes ações: 01. Diminuição da desigualdade social; 02. Amedrontar o agressor, através da divulgação da Lei Maria da Penha e estimular as mulheres a denunciarem os seus parceiros, já que esse tipo de violência costuma apresentar um histórico de agressões; 03. Humanização, tratamento e separação dos presos nas penitenciárias, a partir do crime cometido e 04. Prisão perpétua. Das ações apresentadas, o problema da desigualdade social foi o mais enfatizado” (Zamboni e Oliveira, 2016, p. 116).

5. A pedagogia da violência: onde se aprende e quem ensina a ser violento para nossos entrevistados.

Neste ponto, identificamos e analisamos quem são as pessoas e quais são os lugares indicados por nossos sujeitos de estudo, onde segundo eles, os indivíduos se informam sobre as práticas e atitudes violentas que depois são desenvolvidas nos relacionamentos afetivo-sexuais; em relação a esta circunstância, como descreve o trabalho intitulado “Do Lilás ao roxo: violência nos vínculos afetivo-sexuais entre mulheres”, de Juliana Costa (2013), diante de tantas possibilidades de violência, não é fácil identificar quais são as fontes que a espalha, porém, entendemos que os maus tratos entre casais, são fundamentalmente uma forma de conduta aprendida, ideológica e culturalmente alimentada e que também por esta razão, ela pode ser modificada, reduzida e prevenida.

José responsabiliza a família pelos aprendizados referidos as práticas violentas que acontecem nos relacionamentos afetivo-sexuais. Nosso sujeito de estudo menciona o seguinte: “as pessoas são violentas segundo o que têm vivido, se o ambiente familiar não é bom, é violento, aí então você vai virar uma pessoa violenta depois, terá relacionamentos violentos, a educação familiar é tudo” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Já para Cláudio, é a sociedade quem ensina as práticas violentas que depois são desenvolvidas nos relacionamentos afetivo-sexuais, nosso sujeito de estudo, também menciona condutas instintivas como as responsáveis pelas agressões. Para ele, a violência neste tipo de contexto mais que aprendida seria uma herança instintiva. Cláudio relata o seguinte: “se aprende da sociedade, fora de casa, também é o instinto da pessoa que é ser violento, então a violência já vem com ele” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Adriano manifesta que o aprendizado referido às condutas agressivas que se desenvolvem nos relacionamentos afetivo-sexuais partem da família no período da infância, sendo o pai muitas vezes o responsável por estes ensinamentos. Nosso sujeito de estudo menciona o seguinte: “ser violento nos relacionamentos se aprende na infância, geralmente se aprende com o pai, se teu pai é violento em tua casa, aí isso fica em você” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Para Guilherme, as pessoas aprendem os procedimentos violentos que empregam em seus relacionamentos, inspirando-se na sociedade que é agressiva. Nosso sujeito de estudo, também menciona que o círculo familiar influi nesses aprendizados já que para ele, uma família violenta engendra indivíduos violentos. Nosso sujeito de estudo relata o seguinte:

“...as pessoas aprendem na rua, com o stress do trabalho e também depende muito da criação e da família, aí quando você tem pais violentos isso também faz com que as crianças sejam violentas e tudo isso influencia depois nos relacionamentos” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Segundo Roberto, as pessoas aprendem os conceitos e práticas violentas que depois desenvolvem em seus relacionamentos afetivo-sexuais no âmbito familiar, através da televisão e naqueles espaços onde são frequentes drogas e álcool. Roberto diz o seguinte:

“...acho que primeiramente na criação, na própria educação com a família, também acho que os cantos onde têm cachaça e drogas também ensinam as coisas ruins, por exemplo, quando você vê na televisão que um homem mata uma mulher ou que uma mulher mata um homem, em 90% dos casos têm questões de drogas ou álcool” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Maurício adverte que o ciúme, o instinto e a família são os responsáveis pelos aprendizados sobre a violência executada nos relacionamentos afetivo-sexuais. Nosso sujeito de estudo relata o seguinte:

“...é o ciúme que te ensina a ser violento, um cara com ciúme mata uma mulher, também as pessoas são violentas por instinto, por exemplo, uma mulher matou o marido, cortou ele em pedaços e colocou ele numa mala. E também acho que a educação familiar também influencia. (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Segundo Orlando, as práticas violentas que se implementam nos relacionamentos afetivo-sexuais são apreendidas da sociedade, que por meio da televisão e da internet

condicionam os comportamentos das pessoas. Orlando menciona que a internet é uma ferramenta fundamental, para compreender a violência que acontece nestes tipos de relacionamentos. Ele diz o seguinte:

“...se aprende com a sociedade que é violenta, se aprende vendo televisão, ela também ensina a ser violento, a internet também ensina a ser violento, ela é fundamental para entender a violência nos relacionamentos que vivemos agora” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Para Gustavo, os casais aprendem a ser violentos em seus relacionamentos, inspirando-se na televisão e assistindo YouTube. Nosso sujeito de estudo menciona o seguinte: “no relacionamento se aprende a violência através da televisão e YouTube, aí você tem tudo o que é violência, até você aprende como bater sem ferir muito” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

Conforme as reflexões de Marcelo, as pessoas aprendem as práticas violentas que depois implementam em seus relacionamentos da sociedade que é violenta. Nosso sujeito de estudo, também menciona que as pessoas têm um instinto violento que determina seus atos. Marcelo diz o seguinte:

“...isso se aprende na vida cotidiana, é a sociedade quem ensina a ser violento, além disso, já existe nas próprias pessoas um instinto da violência, aí isso influencia quando alguém participa de ambientes violentos como as periferias” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

Para Diogo, os indivíduos aprendem as práticas violentas que implementam em suas relações afetivo-sexuais, a partir das experiências vivenciadas em sua infância e adolescência com suas famílias. Segundo nosso sujeito de estudo, eles levam essas experiências para seus relacionamentos afetivo-sexuais. Diogo relata o seguinte: “grande parte puxa da família, da pessoa violenta que já sofreu algum tipo de violência, os violentos já olham isso em sua infância ou adolescência, puxa muito da infância e da adolescência” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Como conclusão sobre este ponto, notamos semelhanças nos relatos de nossos sujeitos de estudo, em relação a lugares e pessoas que inspiram ou instruem o comportamento violento desenvolvido nos relacionamentos afetivo-sexuais; deste modo, para a maioria de nossos entrevistados, família, sociedade, televisão e internet são as principais fontes informativas que nutrem as pessoas em relação as práticas violentas surgidas nestes contextos. Surgiram algumas singularidades, a primeira delas é que para

alguns de nossos entrevistados, os atos agressivos entre os casais são instintivos; a segunda é que nos lugares onde se consome drogas e álcool, se dissemina e fomenta este tipo de violência.

6. A dimensão da violência nos relacionamentos afetivo-sexuais ao longo do tempo.

Neste ponto, analisamos as reflexões de nossos sujeitos de estudo, em referência à dimensão que a violência adquire no transcurso do tempo, dentro do contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais, deste modo, indagamos se na atualidade, as práticas violentas entre os casais são mais ou menos intensas e frequentes que em tempos passados.

As opiniões de nossos sujeitos de estudo estão divididas, entre aqueles que consideram que na atualidade estes tipos de relacionamentos são mais violentos e os que negam este pressuposto. No grupo, para quem os relacionamentos afetivo-sexuais são mais violentos hoje, temos José e Gustavo. De acordo com José, a violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais é menos frequente hoje do que em tempos passados, em referência a esta circunstância, José menciona o seguinte: “para mim os relacionamentos de hoje são menos violentos que em épocas passadas” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Gustavo continua a mesma linha reflexiva, justifica seu relato aludindo que antigamente os feminicídios eram mais frequentes que hoje. Ele menciona o seguinte: “antigamente os casamentos e relacionamentos eram muito mais violentos, antes os coronéis matavam muito, hoje em dia também matam na covardia, porém antigamente matavam ainda mais” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

Já para Guilherme, Roberto, Orlando, Maurício, Marcelo e Adriano, os relacionamentos afetivo-sexuais hoje são mais violentos que os de épocas passadas.

Segundo Guilherme, os relacionamentos na atualidade são mais violentos que aqueles constituídos no passado, produto do ciúme e das traições entre os casais. A ênfase de Guilherme em denotar a traição e o ciúme como os responsáveis pelo aumento da violência nas relações atuais, não é novidade. É um pressuposto que surgiu em vários pontos desta investigação e também em outros trabalhos, como por exemplo, o de Heleieth Saffioti (2015), para esta autora a violência afetivo-sexual leva implícitas “um

dos elementos nucleares do patriarcado que reside exatamente no controle da sexualidade feminina, a fim de assegurar a fidelidade da esposa a seu marido” (Saffioti, 2015, p. 51).

Guilherme manifesta o seguinte:

“...hoje em dia os relacionamentos são mais violentos que antigamente porque agora têm muita traição, muitas confusões pelas redes sociais que fazem os casais brigar, aí quando um descobre algo nas redes sociais há uma briga” (GUILHERME, 2023. Informação formal).

Também para Roberto, os relacionamentos afetivo-sexuais de hoje são mais violentos que em épocas passadas. Alega que antigamente não havia tantas agressões entre os casais como na atualidade, nosso sujeito de estudo diz o seguinte:

“hoje os relacionamentos são mais violentos com certeza, no tempo de meus pais era muito raro ouvir dizer que um homem bateu numa mulher ou que uma mulher bateu num homem, isso era muito raro, hoje não, você escuta isso todo dia” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Maurício reflete similarmente, opina que estes tipos de relacionamentos, na atualidade, são mais violentos que em tempos passados. Afirma que a responsabilidade por este tipo de violência da internet e das novelas que passam na televisão, que segundo ele, condicionam os comportamentos das mulheres. Neste relato é interessante ressaltar que, para nosso sujeito de estudo, a internet e as novelas afetam apenas as condutas das mulheres, colocando a responsabilidade do aumento da violência nelas. Nosso sujeito de estudo menciona o seguinte:

“...na atualidade os relacionamentos são mais violentos que antigamente porque agora todo mundo tem internet, isso cria confusão entre os casais, também, por exemplo, têm as novelas que assistem as mulheres, o que elas assistem influi muito em seus comportamentos, antigamente não tinha essas coisas, por isso que hoje é mais violento um relacionamento” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Também para Orlando os relacionamentos afetivo-sexuais contemporâneos são mais violentos que os de tempos passados, em relação à esta circunstância, nosso sujeito de estudo relata que, embora os homens atualmente tenham mais medo de agredir mulheres, e que elas menos medo de denunciar aos homens que as agridem devido às leis como a Maria da Penha, mesmo assim, as agressões continuam e não diminuem. Orlando menciona o seguinte:

“...são mais violentos hoje que antigamente, hoje tem a lei Maria da Penha e os homens têm mais medo que antigamente, quando vão bater numa mulher, porém continuam batendo, as mulheres hoje têm menos medo de denunciar a violência que sofrem, porque se sentem protegidas por essa lei, porém a violência tem aumentado hoje” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Adriano, também considera que a violência entre os casais que mantêm um relacionamento afetivo-sexual é maior hoje que em tempos passados, menciona que antigamente, os feminicídios não eram tão frequentes como na atualidade, também comenta que sua mãe concorda com esta suposição. Nosso sujeito de estudo diz o seguinte: “hoje os relacionamentos são mais violentos, houve um aumento nas mortes das mulheres, como minha mãe diz, nunca teve tanto homem matando mulher como agora” (Adriano, 2023. Informação verbal).

O último dos entrevistados para quem os relacionamentos afetivo-sexuais são mais violentos hoje que antigamente é Marcelo, segundo ele no passado, a violência nas relações se ocultava e não era tão frequente porque as mulheres aceitavam situações que na atualidade rechaçam, deste modo, para nosso sujeito de estudo, o aumento da violência hoje é porque as mulheres não aceitam certas situações que antigamente acolhiam, ele menciona o seguinte:

“...os relacionamentos de hoje são mais violentos, antigamente a violência era mais escondida, e também não havia tanta porque as mulheres aceitavam coisas que hoje não aceitam, então hoje os relacionamentos são mais violentos” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

As singularidades sobre este tópico surgiram com as opiniões de Cláudio e Diogo. Claudio relata que apenas a violência sexual nestes tipos de relacionamentos é menor na atualidade, se for comparada com tempos passados, porém, a violência física e verbal é maior agora. Nosso sujeito de estudo comenta o seguinte:

“...acho que antigamente você tinha mais violência relacionada à sexualidade, essa violência sim era maior em tempos passados, porque antigamente um homem de 50 ou 60 anos pegava uma criança de 12, ou 13 anos, antigamente casavam por causa de dinheiro, acho isso violência, hoje isso não acontece tanto, você vê dentro das favelas as meninas novas tendo sexo com homens idosos mais não casam, antigamente casavam, isso também é violência, porém, para mim, em relação a isso, antigamente tinham mais casos, hoje o que existe mais é violência física e verbal, antigamente você não via tantos casos violentos como hoje” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

E finalmente temos as reflexões de Diogo, para ele, os índices de violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais que se percebem hoje, não mudaram em

relação ao passado, se mantêm iguais, a única diferença é que hoje, devido aos meios de comunicação e às novas leis que protegem as mulheres, os homens se sentem obrigados a esconder essas agressões, mantendo-as em sigilo. Diogo manifesta o seguinte:

“...a violência está igual, não mudo muita coisa, a única diferença é que hoje, com a questão das mídias e as novas leis que protegem as mulheres, é mais fácil divulgar os casos de violência de gênero, antigamente você não tinha estas notícias que um homem bateu numa mulher, para mim não mudou nada só que antigamente tudo era escondido e hoje não” DIOGO, 2023. Informação verbal).

Finalizamos este ponto, destacando que para a maioria dos entrevistados os relacionamentos afetivo-sexuais na atualidade são mais violentos que os constituídos em épocas passadas. Em referência à evolução da violência nestes tipos de relações, os dados das pesquisas que abordam esta problemática são desalentadores, por exemplo, a investigação de Juliana Albuquerque, manifesta que a legitimação deste tipo de violência continua sendo elevada e tolerada, especialmente nos adolescentes:

...é preocupante que o reconhecimento da agressão não culminou na intolerância da violência física pela maioria dos adolescentes. A mostra deste estudo se situa entre 15 e 18 anos, ou seja, são indivíduos que nasceram a partir dos anos 2000, já em um contexto modificado por tantas conquistas iniciadas, especialmente a partir dos anos 1980. Ainda assim, os resultados sugerem poucos avanços no plano das crenças de legitimação da violência contra a mulher. (Albuquerque, 2019, p. 96).

Também as conclusões da investigação de Cintia Engel (2016), são desanimadoras, já que esta autora, detalha que nos últimos vinte anos, apesar de serem intensos no Brasil os debates sobre a violência contra as mulheres, e terem surgido novas leis e instituições em sua defesa, não é possível dizer que a violência contra elas tenha diminuído.

Z. A lei Maria da Penha.

Neste ponto de nosso trabalho, descrevemos e analisamos as opiniões de nossos sujeitos de estudo, referentes à Lei Maria da Penha. O intuito desta análise é examinar, se para os homens que participaram desta pesquisa, a lei é efetiva na luta contra a violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais.

Conforme o registro de campo, as opiniões de nossos sujeitos de estudo sobre a eficácia desta lei foram homogêneas, a maioria dos entrevistados consideram que é uma

boa iniciativa na luta contra a violência de gênero, porém necessita de reajustes para cumprir seu objetivo que é resguardar as mulheres.

Para Guilherme, a Lei Maria da Penha é uma opção útil no freio da violência de gênero, porque mantém os homens agressivos afastados de suas vítimas. Nosso sujeito de estudo relata o seguinte:

“...a Lei Maria da Penha é uma opção muito boa, porque quando um homem não aceita o fim do relacionamento então ele pode ser violento, então a lei cumpre uma função muito importante que é a de afastar os homens das mulheres, faz com que o marido mantenha distância da esposa e que se ele não se afastar, então pode ir preso, para mim a lei é efetiva” (GUILHERME, 2023. Informação verbal).

Também para Roberto, esta lei é um avanço na luta contra a violência de gênero, porém a lei precisa ser melhorada em vários aspectos, principalmente na rigidez das penas. Nosso sujeito de estudo relata o seguinte: “acho a Lei Maria da Penha boa, só que ela tem que melhorar, ela tem que castigar ainda mais, aumentar os anos de prisão dos homens que cometem faltas contra esta lei, tem que ser mais rigorosa” (ROBERTO, 2023. Informação verbal).

Maurício, opina que a Lei Maria da Penha é uma boa iniciativa, porém deve ser aprimorada para cumprir seu objetivo. Maurício diz o seguinte: “a lei é muito boa, porém ela tem que melhorar, ainda tem muitos problemas que a lei não resolve, porém em geral, ela é boa” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Já para José, a Lei Maria da Penha é uma faca de dois gumes, alega que, se bem as mulheres necessitam da proteção desta lei, em contrapartida, ela faz com que as mulheres sejam mais agressivas com seus companheiros. Nosso sujeito de estudo, relata que, ante esta agressividade, os homens não têm como se defender porque não há normas que os protejam destas circunstâncias.

Reflexões similares as de José surgem em outras investigações, como a de Isabela Oliveira (2016), que trabalha uma problemática similar à nossa, esta pesquisadora descreve que muitos dos homens entrevistados, que participavam de grupos reflexivos constituídos a partir das prerrogativas da Lei Maria da Penha, se vitimizavam e não compreendiam por não terem uma lei para defendê-los. De acordo com esta autora, para seus sujeitos de estudo, esta lei foi desenvolvida com o intuito de gerar certas vantagens por parte das mulheres, e não para resguardá-las das agressões que sofrem dos homens. José relatava o seguinte:

“...para mim a Lei Maria da Penha é uma faca de dois gumes, é verdade que as mulheres necessitam de uma lei como essa, porém em compensação acho que a mulher se torna mais agressiva em determinados momentos com seus maridos ou namorados, e assim os homens não conseguem defender-se por conta desta lei, para os homens não há lei” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Segundo Cláudio, uma lei como a Maria da Penha deveria existir também para acolher os homens, para nosso sujeito de estudo, uma das consequências desta lei, é que as mulheres acreditam que têm mais direitos que os homens. Cláudio, como outros de nossos entrevistados, questiona a Lei 11.340 e afirma que ela provoca uma superproteção das mulheres, sentindo-se prejudicado. Ele menciona o seguinte:

“...deveria ter uma lei como a Maria da Penha para homens, tanto homens quanto mulheres têm que ser protegidos e neste caso os homens não têm uma lei que os proteja, porque tem que existir o respeito pelos dois lados, a partir do momento que um casal, seja homem ou mulher, começa a maltratar um ao outro, tem que ter algo que resolva esse problema. Acho que com a Lei Maria da Penha as mulheres se soltaram mais, elas acham agora que têm mais direitos que os homens, isso é o que acontece, e está errado, eu acho que deveria ser igual, homens e mulheres têm que ter leis que os defendam por igual” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Já para Adriano, a Lei Maria da Penha não deu certo porque não cumpre com seu objetivo principal que é proteger as mulheres, nosso sujeito de estudo menciona que ainda são elevados os índices de feminicídios e agressões que elas padecem. Em consonância com estas reflexões, investigações como a de Juliana Albuquerque (2019) enunciam que:

Apesar da criação da Lei Maria da Penha, não se percebe uma redução das taxas anuais de mortalidade, conforme verificou o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2018). Na maioria das vezes, o crime é praticado por homens, parceiros ou ex-parceiros e, segundo dados mundiais, aproximadamente 40% dos crimes contra as mulheres são feitos por um parceiro íntimo. (Albuquerque, 2019, p. 18).

Adriano menciona o seguinte: “acho que a Lei Maria da Penha não serviu para muita coisa porque os feminicídios e a violência contra as mulheres continuam” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Segundo Orlando, a Lei Maria da Penha trouxe melhorias na luta contra a violência de gênero, porém, ainda não são suficientes já que para ele, os feminicídios e a violência contra as mulheres continuam apresentando índices altos. Orlando relata o seguinte: “a lei é boa, porém não tem esse poder todo para frear os assassinatos e a violência contra as mulheres, ela é falha ainda, porém é um avanço” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Gustavo indica que a Lei Maria da Penha é um avanço importante na luta contra a violência de gênero, porém precisa melhorar, porque as taxas deste tipo de violência continuam sendo elevadas e ainda há homens que se acham impunes por agredir suas companheiras. Gustavo menciona o seguinte: “a lei é ótima, porém tem coisas que precisam melhorar, porque a violência contra a mulher e os feminicídios continuam, isso é porque os homens que praticam estes atos, acham que não vão ter consequências graves” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

De acordo com Marcelo, a Lei Maria da Penha é uma iniciativa boa, porém funciona parcialmente bem, como opinam outros entrevistados, para Marcelo esta lei tem que melhorar porque ainda continuam os feminicídios e a violência contra as mulheres. Nosso sujeito de estudo comenta o seguinte: “a lei é muito boa, porém a violência e a morte das mulheres continuam, ela funciona em parte” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

Para Diogo, a Lei Maria da Penha é positiva, porém ele menciona que tem uma falha importante, ela só defende as mulheres. De acordo com Diogo, esta lei não tem em conta os homens, que também sofrem agressões por parte de suas companheiras. Segundo nosso sujeito de estudo, a violência doméstica é praticada tanto por homens quanto por mulheres. Diogo relata o seguinte:

“é uma lei que vem para ajudar, porém, deveria atuar nos dois lados porque a lei só favorece as mulheres, os homens ainda não têm onde denunciar as agressões que sofrem de suas companheiras, eles têm vergonha, não há espaços para eles denunciar essa violência, já a mulher tem, sempre ela é mais acolhida, deveria ter uma lei que ajude aos homens, você não vai ver uma delegacia onde prestou depoimento um homem que foi espancado por sua mulher, é muito difícil, a violência doméstica é tanto de homem quanto de mulher” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

Finalizamos as análises deste ponto ressaltando alguns dados que consideramos importantes. Em primeiro lugar, a maioria dos entrevistados, consideram que a Lei Maria da Penha é um avanço na luta contra a violência de gênero, porém, precisa aperfeiçoar-se para cumprir totalmente seus objetivos; em segundo lugar, vários dos indivíduos que participaram desta pesquisa, consideram que esta lei coloca os homens em desvantagem, já que só beneficia as mulheres, deste modo, muitos de nossos sujeitos de estudo manifestaram que do mesmo jeito que há uma lei para resguardar a integridade física, psicológica, sexual, patrimonial e moral das mulheres, deveria existir outra lei similar para os homens.

8.

Testemunhos da prática violenta em relacionamentos afetivo-sexuais.

Neste ponto, examinamos as experiências de nossos sujeitos de estudo, relacionadas com as práticas violentas no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais. Em primeiro lugar, e como estratégia metodológica para construir o ambiente propício para efetuar perguntas que abordam um tema tão delicado, perguntamos aos nossos entrevistados se foram testemunhas destas práticas, e depois, se eles em algum momento de suas trajetórias afetivo-sexuais com mulheres, participaram de algum tipo de agressão contra elas, tendo em conta que no Brasil:

...19% das mulheres declaram, espontaneamente, haver sofrido algum tipo de violência da parte de homens, 16% relatando casos de violência física, 2% de violência psicológica, e 1% de assédio sexual. Quando estimuladas, no entanto, 43% das investigadas admitem ter sofrido violência sexista, um terço delas relatando ter sido vítima de violência física, 27% revelando ter vivido situações de violência psíquica, e 11% haver experimentado o sofrimento causado por assédio sexual. Trata-se, pois, de quase metade das brasileiras. Os 57% restantes devem também ter sofrido alguma modalidade de violência, não as considerando, porém, como tal. (Saffioti, 2015, p. 49).

A maioria de nossos entrevistados, relatam ter sido testemunhas de agressões a mulheres por parte de seus companheiros e quase todos manifestaram que nunca agrediram uma mulher com a qual se relacionavam afetiva ou sexualmente. É importante ressaltar que as agressões que fazem referência nossos sujeitos de estudo são principalmente as físicas e verbais, ficando fora outras formas de violência como a psicológica, moral, sexual e patrimonial.

José, Cláudio, Roberto, Orlando, Marcelo, Diogo e Adriano mencionam que já foram testemunhas de práticas violentas entre casais, especificamente insultos e agressões físicas e que jamais agrediram mulher alguma, com a exceção de Adriano que relatou ter efetuado insultos a sua namorada. Ele menciona o seguinte: “já vi muitos atos violentos contra mulheres, e eu não vou mentir, nunca bati em mulher, mas já insultei e coisas assim de gritar com a minha namorada” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

As exceções a estas experiências, são as de Guilherme e Gustavo, ambos manifestaram que nunca assistiram agressões contra mulheres e que jamais foram violentos com uma mulher.

As informações etnográficas deste item são contundentes e preocupantes, pois a maioria de nossos sujeitos de estudo, relatam terem testemunhado agressões físicas ou verbais contra mulheres, e dos dez homens entrevistados um confessou uma agressão

verbal a sua namorada. Em termos estatísticos, de acordo com o Fórum de Segurança Pública Brasileiro de 2023, o estado de Pernambuco registrou no ano 2022 uma taxa de lesão corporal dolosa feminina de 199,03 a cada 100 mil mulheres.

Um dado que chama nossa atenção é que nossos sujeitos de estudo só fizeram referência à violência física e verbal, deixando de lado outros tipos de violência como por exemplo a psicológica ou moral, que foi citada por eles em outros itens deste trabalho. Consideramos que isto acontece porque as agressões físicas como um golpe ou as verbais como um insulto, são mais fáceis de perceber. Sem dúvidas, este ponto da pesquisa foi o mais difícil de ser desenvolvido dado o preconceito que existe com os homens que violentam mulheres.

9. Relacionamentos cishomoafetivos e cisheteroafetivos.

Neste item, examinamos as reflexões dos indivíduos que participaram desta pesquisa, referida a que tipos de relacionamentos são mais violentos, se os cisheterossexuais ou os cishomossexuais.

Conforme a informação etnográfica, nossos entrevistados se dividem em três grupos, no primeiro grupo encontram-se aqueles para quem os relacionamentos heterossexuais são mais violentos, eles são a maioria, no segundo grupo estão os que manifestam a hipótese contrária, afirmando que os relacionamentos mais violentos são os homossexuais, finalmente no terceiro grupo, estão aqueles homens para quem os relacionamentos homossexuais e heterossexuais são igualmente violentos.

São mais violentos os relacionamentos cisheterossexuais para Cláudio, quem relata que as relações cishomossexuais são menos agressivas porque os casais homoafetivos se entendem mais. Cláudio menciona o seguinte: “para mim os relacionamentos homossexuais são menos agressivos porque entre eles se entendem mais, hoje você não vê essa violência toda em seus relacionamentos, acho que são menos violentos” (CLÁUDIO, 2023. Informação verbal).

Adriano, também entende que os relacionamentos cishomossexuais são menos violentos que os cisheterossexuais, justifica esta hipótese relatando que tem amizade com um casal lésbico e que é muito tranquilo. Nosso sujeito de estudo manifesta o seguinte: “acho que os relacionamentos homossexuais são menos violentos, tenho uma amiga lésbica e seu relacionamento é supertranquilo” (ADRIANO, 2023. Informação verbal).

Maurício continua sustentando a mesma hipótese, para ele os relacionamentos homossexuais são menos violentos e mais calmos que os relacionamentos heterossexuais. Ele relata o seguinte: “nos relacionamentos homossexuais não há tanta confusão, são mais tranquilos e menos violentos, os homossexuais são mais amáveis e calmos” (MAURÍCIO, 2023. Informação verbal).

Também para Orlando, os casais cisheterossexuais são mais violentos que os cishomossexuais, nosso sujeito de estudo justifica esta suposição, relatando que não assiste na televisão assassinatos de casais cishomossexuais, segundo ele, os meios de comunicação só informam homicídios entre casais cisheterossexuais. Orlando menciona o seguinte: “os mais violentos são os heterossexuais, os casais homossexuais não são tão violentos, eu não assisto na televisão o assassinato de um casal gay, assisto sempre de heterossexuais” (ORLANDO, 2023. Informação verbal).

Marcelo é outro de nossos entrevistados para quem os relacionamentos cisheterossexuais são mais violentos que os homossexuais. Marcelo diz o seguinte: “para mim os relacionamentos heterossexuais são mais violentos que os homossexuais” (MARCELO, 2023. Informação verbal).

Já para Guilherme e para Gustavo, os relacionamentos cisheterossexuais são menos violentos que os homossexuais, Guilherme menciona o seguinte: “acho que os heterossexuais são menos violentos” (GUILHERME, 2023. Informação verbal). Por sua vez, Gustavo relata que os casais homossexuais são mais violentos. Segundo ele, são muitos os casais homoafetivos que assassinam por ciúme, comenta que conhece vários casos deste tipo. Gustavo relata o seguinte: “já conheci vários casos de casais homossexuais que são violentos, para mim eles são mais violentos porque matam muito por ciúme, são mais ciumentos” (GUSTAVO, 2023. Informação verbal).

Finalmente temos a Roberto e Diogo, para eles os relacionamentos cisheterossexuais não são nem mais, nem menos violentos que os cishomossexuais, segundo Roberto a violência é relativa ao casal e não à escolha afetiva ou sexual. Roberto manifesta o seguinte: “acho que isso é relativo ao casal, tenho amigos gays que são supertranquilos, também tenho amigos heterossexuais tranquilos, porém conheço casais gays e heterossexuais que se agredem sempre” (ROBERTO, 2023. Informação verbal). Por sua vez, Diogo, relata o seguinte: “acho que são iguais violentos, a violência é geral para todos” (DIOGO, 2023. Informação verbal).

José foi a exceção dos entrevistados e não tem uma hipótese formada sobre quais destes relacionamentos são mais ou menos violentos, diz apenas o seguinte: “não tenho ideia quais são mais violentos” (JOSÉ, 2023. Informação verbal).

Como conclusão deste ponto, percebemos que as hipóteses que sustentam a maioria de nossos sujeitos de estudo é que os relacionamentos afetivo-sexuais cisheterossexuais são mais violentos que os homossexuais, estas reflexões, como mencionam Marcela Zamboni e Helma Pimentel (2016), são coerentes com os padrões de comportamento de uma cultura machista, caracterizada pela agressividade que exercem os homens sobre as mulheres e que vigora na atualidade.

Finalmente, depois de concluir o desenvolvimento deste capítulo que procurou alcançar o último de nossos objetivos específicos, prosseguiremos com as aproximações conclusivas onde são expostos os principais achados desta pesquisa.

APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

Por meio desta pesquisa abordamos de forma interseccional, socioantropológica e etnográfica a violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais, conforme as perspectivas de um grupo de homens heterossexuais cisgêneros, com idades que oscilam entre os 22 e 64 anos, que praticam a religião cristã em suas variáveis católica e evangélica, com uma trajetória escolar heterogênea envolvendo indivíduos que não concluíram o ensino médio e outros que possuem educação superior completa, autodeclarados pardos e brancos, pertencentes aos setores populares do bairro recifense de Água Fria. Nossas conclusões estão baseadas nos principais achados desta investigação, que se relacionam com os objetivos específicos do trabalho.

O primeiro destes objetivos, consistiu em explorar os modos em que nossos sujeitos de estudo significam e caracterizam os relacionamentos afetivo-sexuais. Deste modo, de acordo com as análises etnográficas, percebemos que estes tipos de relacionamentos são significados para a maior parte de nossos entrevistados de formas positivas e favoráveis, prevalecendo em suas reflexões características benéficas dos mesmos, tais como parceria, respeito, amor e responsabilidade entre os indivíduos que os constituem; e que o âmbito familiar é a principal matriz informativa por meio da qual se constroem estas significações.

Porém, notamos um dado interessante, esta forma afável de significar estas relações não corresponde aos relacionamentos afetivo-sexuais que se dão na atualidade, senão aos que aconteceram em tempos passados. Deste modo, a maioria dos homens que participaram desta pesquisa caracterizam os relacionamentos afetivo-sexuais construídos na atualidade diametralmente opostos aos construídos antanho, descrevendo-os como hostis e displicentes, onde imperam o desrespeito e a infidelidade. Entretanto, segundo nossos sujeitos de estudo, os relacionamentos constituídos na atualidade podem melhorar, através da promoção e fomento do diálogo e da sinceridade entre os casais. Estas reflexões tem sido homogêneas para os dois grupos raciais presentes em nossa investigação e também para os diferentes grupos de idade que constituem nossos sujeitos de estudo.

Outra informação que consideramos importante sobre este tópico é que a maioria de nossos entrevistados aceita apenas um modo de relacionamento, o tradicional, constituído por homens com mulheres cisgêneros. Em referência a esta situação consideramos que a religião cristã, cuja variáveis católica e evangélica são praticadas por

todos os entrevistados, é o principal marcador social que condiciona seus relatos com respeito a esta circunstância.

O segundo de nossos objetivos específicos, consistiu nas análises dos modos em que nossos sujeitos de estudo constroem os conceitos de feminilidade e masculinidade cisgêneros, no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais. Em referência a esta circunstância, distinguimos que estes termos continuam sendo nos setores populares caracterizados pelas concepções tradicionais adjudicadas aos gêneros, baseadas na divisão sexual do trabalho, onde os homens são provedores e protetores do grupo familiar, sendo definidos como os chefes dos relacionamentos, encarregados de tomar as decisões mais importantes. Enquanto para as mulheres, as significações que lhes são adjudicadas nestes contextos são diferentes, estando relacionadas com posições subalternas às de seus companheiros, perante os quais ainda teriam a obrigação de oferecer apoio e respeito irrestritos, além de ocupar-se dos labores domésticos. Outra informação que consideramos importante destacar é que, para a maioria dos entrevistados, é possível construir relações afetivo-sexuais saudáveis, sempre e quando se respeitem as funções que lhes são atribuídas a cada um dos gêneros que constituem os casais. Quando estas são colocadas em prática, os relacionamentos fluem em harmonia.

O último de nossos objetivos específicos consistiu em descrever e analisar as formas em que nossos sujeitos de estudo conceitualizam a violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais. Percebemos que ela é significada geralmente como um fenômeno bidirecionado, instigado tanto por homens quanto por mulheres, caracterizada pela falta de respeito e por agressões físicas, verbais e psicológicas, as quais são aprendidas e disseminadas usualmente no âmbito familiar dos casais, pela internet e pela televisão.

Outro dado relevante sobre este item referido à violência, é que a maioria dos homens que participou desta pesquisa relatou ter sido testemunha de agressões a mulheres, negando algum tipo de envolvimento em atos violentos contra suas companheiras, salvo um caso. Destacamos que o tipo de violência que fizeram referência nossos entrevistados se correspondem com agressões físicas e verbais, esta circunstância é um contrassenso já que depois de analisar as numerosas concepções e atitudes machistas surgidas em seus relatos, é pouco provável que estes não tenham testemunhado ou provocado outros tipos de violência diferentes da física ou verbal, como por exemplo a psicológica ou patrimonial. Também consideramos uma informação interessante, que para a maior parte de nossos sujeitos de estudo, os relacionamentos afetivo-sexuais na

atualidade são mais violentos que no passado. As razões mais citadas pelo aumento desta violência foram as traições e o ciúme. Outro dado destacado em relação a esta circunstância é que para a maioria de nossos entrevistados, a violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais pode ser diminuída e erradicada por meio de ações concretas. As mais mencionadas por eles foram o abandono dos relacionamentos que não dão certo e o fomento do diálogo entre os casais. Em relação aos modos de erradicar este tipo de violência, nossos entrevistados sustentam que a Lei nº 11.340, Maria da Penha é um instrumento jurídico eficaz para amenizar este flagelo, porém suas ações ainda são insuficientes para alcançar seus objetivos e por isso para eles, esta lei deve aprimorar-se.

Em resumo, concluímos este trabalho mencionando que os relacionamentos afetivo-sexuais constituídos na atualidade são significados por nossos sujeitos de estudo pejorativamente, que os casais que os integram continuam sendo representados de acordo com os padrões tradicionais e patriarcais de gênero, e que a violência suscitada nestes contextos é significada a partir de insultos, agressões físicas e psicológicas. Também notamos que desde uma perspectiva interseccional, a religião foi o marcador social da diferença mais influente nos relatos dos entrevistados.

Refletindo sobre estas conclusões, consideramos que o principal obstáculo para diminuir e erradicar a violência no contexto dos relacionamentos afetivo-sexuais repousa principalmente nas subjetividades masculinas, dominadas por ideias e pressupostos tradicionais que ficaram obsoletos na atualidade. Se cogitamos frear este tipo de violência, é necessário mudar os marcos teóricos e as práticas sociais por meio dos quais os homens constroem as características dos gêneros, das relações afetivo-sexuais e da violência implícita nelas. Para lograr este objetivo, como menciona o artigo intitulado “Discurso sobre a masculinidade”, de Pedro Paulo Oliveira (1998), é necessária a reflexão profunda, principalmente dos homens, sobre suas atitudes e posicionamentos diante das relações afetivo-sexuais, analisando criticamente seus comportamentos tradicionais e destacando sua inadequação e ineficiência no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Editora Pólen [online]: São Paulo. 2019.
- ALBUQUERQUE, J. **Violência de Gênero: crenças legitimadoras por adolescentes**. f 211. Tesis (doutorado em Psicologia Social). Editora UFPB: João Pessoa. 2019. Disponível em: <https://x.gd/PZCCG>. Acesso 2 de agosto 2023.
- ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. Editora Jandaíra: São Paulo. 2020.
- ASSIS, D. **Interseccionalidades**. Editora UFBA [online]: Salvador. 2019. Disponível em: <https://x.gd/QmLBS>. Acesso 27 setembro 2023.
- BENTO, B. **Homem não tece a dor**. Editora UFRN: Natal. 2015.
- BONI, V.; QUARESMA, S. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. Em: Revista Eletrônica de Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. Vol. 2 n. 1, p. 60-80. Editora Tese: Florianópolis. 2005. Disponível em: <https://x.gd/Fyleb>. Acesso 26 maio 2023.
- BRASILINO, J. **Masculinidades no juizado de violência doméstica e familiar contra a mulher: performances em cena**. f 154. Dissertação (mestrado em psicologia). Editora: UFPE. Recife. 2010. Disponível em: <https://x.gd/ewz2k>. Acesso 11 de agosto 2023.
- BOURDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. Editora Zouk: São Paulo. 2007.
- BOUDIEU, P. **A dominação masculina**. Editora Bertrand: Rio de Janeiro. 2012.
- BUENO, S. *et. al.* **Visível e invisível: a vitimização de Mulheres no Brasil**. Em: Revista Brasileira de Segurança Pública. Editora: Fórum brasileiro de segurança pública. São Paulo. 2021. n. 3, p. 1-42. Disponível em: <https://x.gd/AQIeO>. Acesso 11 de agosto 2023.
- BUENO, S. *et. al.* **O feminicídio em 2023**. Em: Revista Brasileira de Segurança Pública. Editora: Fórum Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo. 2024. Disponível em: <https://x.gd/kl932>. Acesso 7 de março 2024.

CARNEIRO, T.; MANO M. **Práxis feminista no Brasil: a presença de Heleieth Saffioti nos estudos e nas lutas no Brasil.** Em: Cadernos CNH. Editora: UFBA. Salvador. 2020. Vol. 33, p. 1-12. Disponível em: <https://x.gd/EiKr0>. Acesso 8 de março 2023.

CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Em: Estudos Feministas. Editora: Estudos Feministas. Los Angeles. 2002. Ano 10, p. 171-188. Disponível em: <https://x.gd/kgCTv>. Acesso 11 de agosto 2023.

COELHO, S.M; CARLOTO, C.M. **Os sentidos da masculinidade nas relações de gênero e a violência afetivo-conjugal.** Em: Dialnet. Editora: UEPG. Paraná. 2007. Vol. 7 n. 2, p. 115-136. Disponível em: <https://x.gd/PkgQx>. Acesso 11 de agosto 2023.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** Em: Revista de Estudos Feministas. Editora: UFSC. Florianópolis. 2013.Vol. 21, n. 1 p. 241-282. Disponível em: <https://x.gd/ClCMc>. Acesso 9 de março de 2023.

CORTEZ, M; SOUZA, L. **A violência conjugal na perspectiva de homens denunciados por suas parceiras.** Em: Arquivos brasileiros de psicologia. Editora: UFRJ. Rio de Janeiro. 2010. Vol. 62, n. 2, p. 129-142. Disponível em: <https://x.gd/0uQ6v>. Acesso 11 de agosto 2023.

COSTA, J. **Do lilás ao roxo: violência nos vínculos afetivo-sexuais entre mulheres.** Dissertação (mestrado em psicologia). f. 131. Editora: UFPE. Recife. 2013. Disponível em: <https://x.gd/B2K6M>. Acesso 6 de novembro 2023.

DAS, V. **Vida e palavras: a violência descida ao ordinário.** Editora: Unifesp. São Paulo. 2020.

DA SILVA, J.R. **Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência pelo homem.** Em: Laboratório de Tecnologias Intelectuais. Editora: UFPE. 2014. Recife. Vol. 18 p. 1-16. Disponível em: <https://x.gd/oB3br>. Acesso 11 de agosto 2023.

DE JESUS, J. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Em: Fundação Biblioteca Nacional. Editora: UFG [online]. Brasília. 2012. 2 ed., p. 1-41. Disponível em: <https://x.gd/A2uOR>. Acesso 17 de abril 2023.

DE SOUZA, M. **As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a (s) masculinidade (s).** Em: Mediações: revista de ciências sociais. Editora: UFPR. Londrina. 2009. Vol. 6, p. 124-144. Disponível em: <https://x.gd/KhrrF>. Acesso 25 de setembro 2023.

ENGEL, L. **A violência contra a mulher.** Em: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Editora: IPEA. Brasília. 2016. Disponível em: <https://x.gd/DHyKx>. Acesso 10 de novembro 2023.

GASPODINI, I.; DE JESUS, J. **Heterocentrismo e ciscentrismo: crença de superioridade sobre orientação sexual, sexo e gênero.** Em: Revista Universo Psi. Editora: Taquara. Rio de Janeiro. 2020. p. 33-51. Vol. 1. Disponível em: <https://x.gd/PdbYy>. Acesso 6 de abril 2023.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Editora: LTC. Rio de Janeiro. 1998.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos.** Editora: Zahar. Rio de Janeiro. 2020.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere.** Editora: Civilização brasileira. Rio de Janeiro. 2002.

GUIMARÃES, A. S. **Racismo e antirracismo no Brasil.** Editora: Perspectiva. São Paulo. 2017.

HAN, B. **O que é poder?** Editora: Vozes. Petrópolis. 2019.

HANNERZ, U. **Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana.** Editora Vozes. Petrópolis. 2015.

HERITAGE, J. **Etnometodologia.** Em: Teoria Social hoje. Giddens, A. e Turner, J. Organizadores. Editora: UNESP. São Paulo. 1996.

HILL COLLINS, P. **Pensamento Feminista Negro.** Editora: Boitempo [online]. São Paulo. 2019.

HILL COLLINS, P; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Editora: Boitempo [online]. São Paulo. 2021.

JOAS, H. **Interacionismo Simbólico**. Em: Teoria Social hoje. Giddens, A. e Turner, J. Organizadores. Editora: UNESP. São Paulo. 1996.

JOAS, H; KNÖBL, W. **Teoria social: vinte lições introdutórias**. Editora: Vozes. Petrópolis. 2017.

KYRILLOS, G. **Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade**. Em: Revista de Estudos Feministas. Editora: UFSC. Florianópolis. 2020. Vol. 28, n. 1 p. 1-12. Disponível em: <https://x.gd/0E9q0>. Acesso 15 de março 2023.

LAVAL, C. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. Editora Elefante [online]. São Paulo. 2020.

MACHADO, L. **Masculinidades e violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea**. Em: Masculinidades. Editora: UNB [online]. 2004. São Paulo. Schpun, M. Org. Disponível em: <https://x.gd/n77MA>. Acesso 2 de março 2024.

MEDEIROS, R. **Quem violenta mulheres? A construção social da masculinidade e sua influência na violência de gênero**. Em: Anais do VI Simpósio Gênero e Políticas Públicas. Editora: UFPR. Londrina. [online]. 2020. Vol. 6, p. 2086-2101. Disponível em: <https://x.gd/fvN0i>. Acesso 11 de agosto 2023.

MEDRADO, B.; LYRA, J. **Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades**. Em: Estudos Feministas. Editora: UFPE. 2008. Florianópolis. Vol. 16, n. 3, p. 809-840. Disponível em: <https://x.gd/5xGVl>. Acesso 11 de agosto 2023.

MENDES, G.; FONSECA, A. **A questão do gênero numa perspectiva decolonial**. Em: Revista Educação Popular. Editora: UFU. Uberlândia. 2020. Pag. 82-101. Vol. 19. Disponível em: <https://x.gd/A3IJ9>. Acesso 6 de abril 2023.

MESQUITA, A. **A violência contra a mulher em Maceió: perfil dos agressores.** Em: Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento. Editora: EDUFBA [online]. Salvador. 2016. P. 246-265. Sardenberg, C.; Tavares, M. (orgs.). Vol. 19. Disponível em: <https://x.gd/saoka>. Acesso: 11 de agosto 2023.

MURTA, S; *et. al.* **Prevenção à violência no namoro e promoção de habilidades de vida em adolescentes.** Em: Revista de Psicologia USP. Editora: USP. São Paulo. 2013. P. 263-288. Disponível em: <https://x.gd/pl3Rq>. Acesso 20 de outubro 2023.

NASCIMENTO, L. **Transfeminismo.** Editora: Jandaíra. São Paulo. 2021.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade.** Editora: Rocco. Rio de Janeiro. 1993.

OLIVEIRA, E. **A Masculinidade no Banco dos Réus: um estudo sobre gênero, sistema de justiça penal e aplicação da lei maria da penha.** f. 208. Dissertação (doutorado em ciências sociais). Editora: UFRN. Natal. 2018 Disponível em: <https://x.gd/CHLpi>. Acesso 11 de agosto 2023.

OLIVEIRA, I. **Homem é homem: narrativas sobre gênero e violência em um grupo reflexivo com homens denunciados por crimes da Lei Maria da Penha.** f 129. Dissertação (mestrado em antropologia). Editora: USP. São Paulo. 2016. Disponível em: <https://x.gd/Tkl1Q>. Acesso 11 de agosto 2023.

OLIVEIRA, P. **Discurso sobre a masculinidade.** Em: Estudos feministas. Editora: UFSC. Florianópolis. 1998. Vol. 6 p. 91-112. Disponível em: <https://x.gd/t3QvJ>. Acesso 28 de novembro 2023.

OLIVEIRA, Q. **Violência de gênero no namoro entre adolescentes sob a ótica dos adolescentes, educadores e profissionais da saúde.** 142 f. Dissertação (doutorado em Saúde Pública). Editora: Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <https://x.gd/Vt4q5>. Acesso: 4 de agosto de 2023.

OYĚWÙMÍ, O. **A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** Editora: Bazar do Tempo. Rio de Janeiro. 2021. Disponível em: <https://x.gd/gpkJK>. Acesso: 2 de março 2024.

PEREZ, O; RICOLDI, A. **A quarta onda feminista**. Em: Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu. 2018. Vol. 42, p. 1-27. Disponível em: <https://x.gd/gdeYK>. Acesso: 11 de agosto 2023.

PIMENTEL, A. **Violência doméstica por homens detidos na delegacia da mulher de Belém**. Em: Revista da abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies. Editora: Periódicos eletrônicos em Psicologia. Goiânia. 2010. Vol. 16, n. 2, p. 148-156. Disponível em: <https://x.gd/SvyJO>. Acesso 11 de agosto 2023.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Em: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Editora: CLACSO. Buenos Aires. 2005. Disponível em: <https://x.gd/Hxfb5> . Acesso 11 de agosto 2023.

QUINTÃO, C; *et. al.* **Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar**. Em: Dental Press J. Orthod. São Paulo. 2010. Vol. 15, n. 3, p. 121-124. Disponível em: <https://x.gd/VpQNL>. Acesso 4 de outubro.

SAFFIOTI, H. **Gênero, Patriarcado e Violência**. Editora: Expressão Popular. São Paulo. 2015.

SAFFIOTI, H. **Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero**. Em: Cadernos Pagu. São Paulo. Vol. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em: <https://x.gd/lZePy>. Acesso 8 de março 2023.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Em: Educação e realidade. Porto Alegre. 1995. Vol. 20, n. 2. P. 71-93. Disponível em: <https://x.gd/IEV0B>. Acesso 8 de março 2023.

SELL, C. **Sociologia clássica**. Editora: UNIVALI. Itajaí. 2006.

SOUZA, J. **Os Trabalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Editora: UFMG. 2012. Belo Horizonte.

SOUZA, N., STREY M. **Violência e gênero nas relações afetivas entre adolescentes em contexto escolar rural e urbano no interior da região sul do Brasil.** Em: Seminário Internacional Fazendo Gênero (anais eletrônicos). Florianópolis. 2017. P. 1-10. Disponível em: <https://x.gd/Wi91v>. Acesso 5 de julho 2023.

TOLEDO, C. **Feminismo e marxismo.** Em: Gênero e Classe. Editora: Sundermann. São Paulo. 2017.

WELZER-LANG, D. **Os homens e o masculino numa perspectiva de relações sociais de sexo.** Em: MASCULINIDADES. Editora: Boitempo. São Paulo. 2004.

ZAMBONI, M; Oliveira, H. J. S. **Homicídio Afetivo-conjugal sob a lente dos operadores jurídicos.** Editora: UFPB. João Pessoa. 2016. Disponível em: <https://x.gd/GbYyL>. Acesso 8 de março 2023.